

Jauazeiro
CIDADE GLORIOSA

Jota Alcides

Jauazeiro
CIDADE GLORIOSA



Fatorama
Brasília - DF
2009

Copyright by Jota Alcides - 1009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A352j

Alcides, Jota.

Juazeiro : cidade gloriosa / Jota Alcides. - Brasília;

Fatorama, 2009.

152 p.

1. Literatura brasileira. 2. Romance I. Título.

CDD B869.35

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869.35

Capa: Ivanilde Bruno

Fotos e Ilustrações:

Arquivos: Viçosa, Juanorte, Juaonline

RF Araújo, Nívea Uchôa e FL Sousa

Todos os direitos reservados ao autor

Impresso no Brasil

Printed in Brazil



*Padre Cícero do Juazeiro
Fundador da Nação Romeira*



Juazeiro Primitivo (Tela da Professora Assunção)

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

I. Viagem ao Juazeiro do Cariri

II. Epopeia por Veredas dos Sertões

III. Fatos e Lendas do Céu e da Terra

IV. Desejo de Milagre no Juazeiro

V. Diante do Temido Rei do Cangaço

VI. Nova Jerusalém: Entrada Triunfal

VII. Encontro com Santo Padre Cícero

VIII. Drama, Tristeza e Dor no Paraíso

IX. Pouco Saber mas Muita Sabedoria

X. Adeus Final ao Santo do Juazeiro

XI. Filho de Peixe, Peixinho é

XII. Sermão Ecológico dos Sertões

XIII. Flores não Falam, mas Exalam

XIV. Felizes no Pobre e Rico Tabuleiro

XV. Noites de Bonecos e de Brásas

XVI. Quase como Solidão de Macondo

XVII. Escolinha no Caminho do Futuro

XVIII. Para Sempre na Terra da Promissão

XIX. Sinais do Tempo! Lições do Tempo!

XX. Destino do Juazeiro: Cidade Gloriosa

Personagens Reais

CIDADE GLORIOSA

APRESENTAÇÃO

Durante a longa, perigosa e fascinante jornada de lutas populares pela redemocratização do Brasil, de 1975 e até 1985, uma música do magistral Milton Nascimento - *Quem é esse viajante, que espalha esperança e transforma sal em mel? Quem é esse saltimbanco que fala de rebelião, assim como fala de amores para a moça no portão?* – além de manter vivo, em todos os brasileiros, o sonho de um País melhor, para mim, particularmente, trazia de volta um sentimento telúrico perdido no passado. Fazia-me lembrar de Viçosa.

Viçosa do Ceará, não. Nem Viçosa da Bahia, nem Viçosa das Minas Gerais, nem Viçosa de Portugal. Mas Viçosa de Alagoas, a pequena Viçosa da Terra dos Marechais. Foi lá que nasceu Teotonio Vilela, em 1917. Criador de gado e usineiro de açúcar, acabou se elegendo deputado estadual e vice-governador. Depois, Senador da República. Em 1975, desafiando a ditadura militar instalada no País desde 1964, tornou-se um destemido cavaleiro andante em defesa do povo, persuasivo e incansável peregrino da democracia. E, assim, entrou para a história brasileira como Menestrel das Alagoas.

Foi lá, nessa mesma Viçosa, quando Teotonio tinha apenas quatro anos, que nasceu meu pai, Antonio Tenório de Souza, em 1921. Daí a presença de Viçosa em meu antepassado. Como se Viçosa fizesse parte de minha vida. E faz. Sempre fez. De tal maneira que, em 1988, depois de participar, como profissional de comunicação, da vitoriosa campanha do senador Guilherme Palmeira à Prefeitura de Maceió, estive em Viçosa tentando, em vão, encontrar

descendentes da família Tenório. Busca de raízes. Nada. Mas, pelo menos, conheci a Viçosa alagoana.

Da pequena Viçosa saiu Antonio Tenório, ainda criança, de apenas cinco anos, em agosto de 1926. Com o pai e a mãe, mais quatro irmãos, cumpriu uma maratona incrível: mais ou menos 120 léguas, cerca de 720 quilômetros, em 15 dias e meio, apenas por trilhas e veredas, cortando matas e atravessando serras, vales e riachos. Estradas não havia. Como seus irmãos, fez essa viagem transportado em burro, dentro de áspero e incômodo caçuá. Destino: Juazeiro do Norte, no Vale do Cariri, ao sul do Ceará, cidade do Padre Cícero, “Patriarca do Nordeste”.

- Meu Padim Ciço diz que Juazeiro é a Terra Prometida. Em Juazeiro, o pobre tem alíve de seu sofrimento e alegria de uma vida mió. É lá que vamo vivê até morrê. Cum a proteção da Mãe de Deus, soberana.

Crente fiel e decidida, assim Maria Luiza de Souza justificava a viagem. Apesar da clareza da mãe, o menino pouco entendia daquela mudança, que parecia aventura mas era penosa. Exatos 15 dias e meio dentro de um caçuá. Com resignação, paciência, perseverança, crença e confiança de um verdadeiro romeiro rumo ao Santuário do Cariri, espécie de nova Canaã, terra da fartura e do futuro.

- Vai ser difíci, mas a gente chega lá, são, salvo e com saúde. Cum fé em Deus e no meu Padim Ciço. Nada de medo. No Juazeiro, a gente vai tê vida mió. Num vamo tê riqueza, mas também num vamo ficá nessa pobreza.

Cabeça cheia de sonhos, esperançoso, mas consciente dos limites de sua realidade. Otimista e realista, Izídio Tenório

de Souza passava segurança de pai para os filhos. Queria que eles entendessem e aceitassem o desafio, que era para melhorar de vida. Da família e de cada um. Que era uma mudança difícil, mas necessária. Que estavam deixando para trás a miséria em que viviam em Alagoas.

Miséria que seria descrita por Graciliano Ramos, com profunda sensibilidade, em seu romance *Vidas Secas*, clássico da literatura brasileira. E, da mesma forma e na mesma dimensão literária, também nas crônicas reunidas em *Viventes das Alagoas*. Em uma delas, assim o cronista retratou a pobreza das primeiras décadas do século XX nas Alagoas:

- Em toda a parte o amarelão – desânimo, gordura fofa: homens cor de cera, indecisos entre a vida e a morte; raparigas velhas, uns cacos de mulheres na adolescência; meninos ramelosos, de pernas finas como cambitos, barrigas enormes, grávidos de lombrigas. E muita porcaria: falta água no sertão, excesso no litoral, o solo empapado, lama. Nessa penúria, os que têm restos de energia emigram.

Devia ser essa, certamente, a impressão mais forte das Alagoas guardada e preservada por Graciliano Ramos. Nascido em Quebrangulo em 1892, passou sua primeira infância em Viçosa, onde morou até 1905 e se iniciou nas letras. Foi lá também que meu pai, Antonio Tenório viveu, igualmente, a sua primeira infância, até 1926, mas sem a sorte de Graciliano, sem receber qualquer instrução.

Mais de 80 anos depois, Viçosa está bem distante no tempo e na memória. Dela restaram apenas algumas boas lembranças na criança de cinco anos. Lá Tenório nunca mais voltou. Nunca. Construiu sua vida toda no bonito e fértil Vale do Cariri, ao sopé do Chapadão do Araripe, ao sul do Ceará, sem

retornar ao passado. Sempre dedicado à família, à agricultura e ao pequeno comércio. Sem nunca deixar a Nação Romeira criada pelo legendário Padre Cícero Romão Batista no glorioso Juazeiro.

Como queriam e ensinaram seus pais, sempre fiel aos conselhos e às recomendações do *Santo do Juazeiro*, principal inspirador e protetor da epopéia da família Tenório. Somente possível, acreditável e compreensível na vida de quem é nordestinado, *antes de tudo, um forte*, conforme a célebre definição do autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha. Ou absolutamente crente em Deus. É o que você vai ler agora nesse resgate memorial de uma aventura humana no interior do Brasil. Uma história de lances realmente incríveis envolvendo família, pobreza, infância, sofrimento, fé, adolescência, perseverança, alegria, tristeza, amor, dor, morte, angústia, solidão, esperança, intuição, poesia, saudade, coração, paixão e emoção. Uma autêntica saga. E que saga!

Brasília, Julho de 2009
Jota Alcides

PREFÁCIO

Pensar o sertão é penetrar em um ambiente onírico de fascinação, medo, deslumbramento, sustos e encantamento, porque não se entra numa região definida em carta geográfica e que não tem nem paralelos nem meridianos. O sertão é um vasto espaço sentimental no imaginário popular. O sertão é um baú de encantamento. Não tem estratificação social, pois o sertanejo é vaqueiro, tangerino, comboieiro, mascate, cantador-repentista, poeta de bancada, beato, jagunço, cangaceiro e mestre de mil e uma artes de sobrevivência. É romeiro, andarilho, peregrino. É um Chico, João Grilo, Canção de Fogo,, da literatura de cordel ou até mesmo um Pedro Malazarte perdido vagabundeando em qualquer povoado sertanejo ou até mesmo qualquer *Lazarilho de Thormes*, transportado dos contos populares mouriscos, narrados antes das caminhadas idílicas e sonhadoras do Cavaleiro Andante, Dom Quixoto de La Mancha, que conquistou toda península ibérica, gérmen luminoso da novelística espanhola.

Presas à orla marítima, a elite brasileira, fascinada pelo luxo da corte e sonhando com os luxos de Paris, atenta às benesses do poder e suas sinecuras, aristocrática, urbana, letrada não tinha qualquer noção dos que viviam isolados, sem qualquer assistência de políticas públicas e religiosas, no coração do Brasil com raros contatos com a civilização.

Pior, além de não conhecer os seus irmãos sertanejos, a elite urbana brasileira, de modo especial aquela radicada em São Paulo e no Rio de Janeiro, cujo prestígio cultural inculcava, sem julgamento nem análise, o padrão cultural em todo o País, foi influenciada pelo viés crítico de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, que via no sertanejo apenas “sequazes” de Antonio

Conselheiro, beatos, fanáticos, sem se aperceber que ali tinha poetas, cantadores, repentistas, como Francisco Melquíades da Silva, que morou na Casa de Caridade do Padre Mestre Ibiapina em Santa Fé, (PB), autor, em 1897, do folheto **A Guerra de Canudos**, narrando as atrocidades do Exército Brasileiro, publicado em Maceió, antes mesmo do emblemático livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e de um dos mais apaixonantes folhetos romanesco *A História do Pavão Misterioso*. Foi para Juazeiro do Padre Cícero e viveu com o Beato José Lourenço na Baixa-d'Antas.

Sem reflexão crítica, tais preconceitos – fanáticos beatos, jagunços – foram transferidos para os romeiros do Padre Cícero, ainda mais com a agravante da radical posição da alta hierarquia eclesiástica, contra Juazeiro. Cada púlpito era uma tribuna para ataques violentos ao Padre Cícero e achincalhe ao sertanejo rotulado de beato, fanático e jagunço do Padre Cícero.

A rota batina do velho Patriarca do Juazeiro foi a bandeira empunhada pelos romeiros em defesa de sua terra, que é a terra da Mãe-de-Deus, enfrentando de peito aberto e resoluto a Força Policial do Estado do Ceará, que queria repetir em Juazeiro o que o Exército Brasileiro fez em Canudos, no esmagamento do arraial matando Antonio Conselheiro e fuzilando milhares sertanejos, sob o comando de um oficial conhecido nas tropas como “o corta cabeças”. Não se admira que a população paulista, açulada por políticos, tenha feito manifestações de regozijo por tais feitos militares, sem se aperceber que as vítimas, os mutilados, os destroçados eram humildes brasileiros que viviam pacificamente, no mais completo abandono, no coração agreste do sertão comburido, adusto e calcinado pelas calamidades da seca.

O comandante das tropas policiais cearenses havia prometido, em solene discurso, por ocasião do embarque para o Crato, local onde ficariam acantonadas as tropas, que além de destruir o Juazeiro, levaria espetada na ponta da baioneta do seu fuzil a cabeça do Padre Cícero, para exibi-la pelas ruas de Fortaleza.

Ledo engano da jactância estúpida!

Romeiros de todos os sertões correram para Juazeiro para defender o Padre Cícero. A polícia cerca Juazeiro. Instala o canhão em posição capaz de bombardear o povoado. Num hercúleo esforço, romeiros de todas as idades cavam um profundo valado ao redor da cidade para impedir que as tropas do Governo do Ceará penetrem em Juazeiro. Dia e noite os romeiros ficavam rezando e vigiando a movimentação das tropas, que circundavam o valado, dando tiros a esmo, desperdiçando munição e gritando insultos contra o Padre Cícero e os romeiros.

Diante do iminente perigo de escassez de alimentos para a população mantida sob cerco policial, os romeiros decidem romper o cerco, destroçam as forças da Polícia, que fogem em polvorosa, invadem o Crato e em seguida seguem até Fortaleza para depor o Governador do Estado do Ceará, Cel. Franco Rabelo. Não houve saque, violências nem truculência em Fortaleza. O Cel. Franco Rabelo abandona o Governo e foge. Atingido o objetivo da Revolução de 1914, os romeiros só queriam ver a “pancada do mar” e retornar para a terra do Padre Cícero.

Foi a revolução dos romeiros a única revolução popular vitoriosa registrada nos anais da História do Brasil.

Retornaram todos os romeiros porque, Juazeiro todo é uma oficina e um altar prosperando e crescendo sob as bênçãos do Padre Cícero. A elite urbana, açodada pelo verbo inflamado de Ruy Barboza, nunca esqueceu a humilhação de ser vencida por sertanejos humildes.

O vulto do Patriarca cresceu ainda mais no imaginário e no coração do sertanejo, que acorre a Juazeiro para obter a bênção e a proteção do Padre Cícero.

O relato de Jota Alcides é a narrativa da pungente e grandiosa caminhada da família sertaneja por ínvios caminhos e veredas absconças destes rincões perdidos no coração do Brasil. Entre milhares de caminhadas romeiras, Jota Alcides narra com rigor de memorialista a viagem de sua família dos sertões alagoanos para Juazeiro. A linguagem é simples, direta e sem efeitos banais de adjetivação supérflua. O discurso é fotográfico. A epopéia reside em mostrar com intensidade e realismo as vicissitudes da travessia dos sertões.

Sem estradas a árdua caminhada dava-se em lombos de burros, em marcha estradeira. Em animais transportavam-se os mantimentos: feijão, farinha, café, sal, carne-seca, massa de milho e em ancoretas levava-se água para o consumo humano. A pouca tralha doméstica vinha acomodada em caçuás em lombos de burros: redes, mudas de roupa, panelas e pequenos utensílios. Izídio Tenório de Souza viajava na frente conduzindo o comboio e vigiando os caminhos, atento, facão na cintura para cortar qualquer galho de árvores e preso à sela vinha o bacamarte para a defesa da família. Dona Maria Luíza de Souza vinha atrás cuidando da meninada: Zezinho, Maria, Toinho, Raminha e Rosinha, que vinha acomodada, candidamente em caçuás, toda atenta a diversidade das paisagens. Atento e vigilante vinha o cachorro *Charlotte*.

“Seu” Izídio conhecia o caminho. Já tinha vindo antes, em romaria, na companhia de dona Maria Luíza a Juazeiro visitar a Matriz de Nossa Senhora das Dores e receber a bênção do Padre Cícero. Dona Maria Luíza ficou até vaidosa com o seu apelido de Mocinha, o mesmo nome da governanta da casa do Padre Cícero: a beata Mocinha. Haveria de se tornar amiga dela, assim pensava. E assim se deu.

As refeições sempre feitas à margem dos caminhos, sob árvores frondosas, preparadas sobre trempes, ao meio dia, para descansar um pouco os animais. Muitas vezes arranchava-se sob copiar de casas amigas, à beira dos caminhos. Os romeiros do Padre Cícero eram sempre bem recebidos. A hospitalidade é uma virtude sertaneja.

A família Tenório planejava sua chegada a Juazeiro do Padre Cícero para o dia da festa da Mãe-de-Deus. Entrava-se em Juazeiro cantando bonitos benditos, dando “vivas” ao Padre Cícero. Soltando rojões e foguetes. A Alegria dachegada compensava o cansaço da viagem. O romeiro dirigia-se à Matriz de Nossa Senhora das Dores para agradecer o êxito da jornada e só depois ia tomar a bênção ao padrinho. A família Tenório, de Viçosa, Alagoas, recebeu permissão do Padre Cícero para fixar residência em Juazeiro. A Terra da Mãe-de-Deus é a cidade dos romeiros.

A narrativa da saga da família Tenório é um relato direto de uma epopéia pungente, encantando o leitor, não pelo floreio da linguagem e artifícios estilísticos, mas pela grandeza da alma sertaneja. Deslumbra a grandiosidade singela da família romeira, unida pelo amor e dedicação, fazendo do trabalho e da oração a trilha da realização humana.

CIDADE GLORIOSA

Jota Alcides comove. Na saga romeira, rumo à *Cidade Gloriosa*, a trajetória da família Tenório encanta, porque cimentada no amor.

Brasília, Julho de 2009
Geová Sobreira

Jauazeiro
CIDADE GLORIOSA
Saga Romeira

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos e amados pais,
Antonio Tenório de Souza e Maria Siebra de Souza
(*in memoriam*) que, com simplicidade, ternura e sabedoria,
souberam cultivar e aplicar, fielmente, os ensinamentos
do venerável Padre Cícero e transmití-los, diligentemente,
aos seus filhos fuscando a formação de uma saudável e
harmoniosa família cristã, mesmo diante de grandes
adversidades. Aos meus queridos irmãos,
Lima (*in memoriam*), Sousa, Tonho, Taquinha,
Vicência e Cícero que têm sabido vivenciar
esses ensinamentos respeitando um legado memorável
deixado pelo Patriarca do Juazeiro para toda a
grande e cada vez maior Nação Romeira.

I

VIAGEM AO JUAZEIRO DO CARIRI

“Mãe de Deus, Mãe Soberana, Mãe das Dores... De hoje para sempre eu me entrego a vós, como filho e servo. Consagro ao vosso serviço minha alma, o meu corpo e tudo que me pertence. Abençoi minha família, o meu trabalho, os meus haveres. Sede minha protetora na vida e conduzi-me ao céu para viver feliz por toda a eternidade. Amém!”.



Casa de taipa, telhado comum, sala de estar de chão batido, três quartos e cozinha com fogão à lenha. Paredes apenas no reboco, sem pintura. Quase no centro da sala, uma mesa rústica para refeições da família, oito cadeiras de madeira e assento de couro de bode. Em um canto, uma mesinha simples coberta por toalha bordada de florzinhas amarelas. Sobre ela, um modesto oratório (Fig. 01). Dentro dele, imagens de Jesus Crucificado e da Virgem Maria. Fora dele, uma pequena estátua do Padre Cícero do Juazeiro, ao lado de um jarro com lírios e uma vela acesa. Diante do oratório, de joelhos no chão, Izídio e Mocinha acabam de fazer o “ofício da madrugada”, cumprido e repetido diariamente. Em ritmo de cantochão.

Oração várias vezes dita ao longo da reza do “rosário da Mãe de Deus”, aprendida com o Padre Cícero, venerado “Santo do Nordeste”, nas três visitas que haviam feito ao

CIDADE GLORIOSA

Juazeiro, no Ceará, desde 1911. Izídio e Mocinha depositam nele extraordinária confiança e grandiosa fé. Daí sua imagem de gesso ali, junto ao oratório: de cabelos brancos, cabeça levemente inclinada, olhos azuis, batina preta e seu inconfundível cajado.

Final de agosto de 1926. Madrugada de temperatura amena em Viçosa, cidade histórica criada em 1831 por decreto imperial de dom Pedro II.



Começara como Riacho do Meio, depois Assembléia e, em definitivo, Viçosa: (Fig. 02).

Na Zona da Mata de Alagoas, distante 86 quilômetros de Maceió, capital da Terra dos Marechais. Antes, pertencera ao município de Atalaia. E

durante muito tempo havia sido terra dos índios Cambembes, que viviam em conflitos com os índios Cariris, ocupantes de terras da Bahia ao Maranhão, inclusive da região onde surgiu e cresceu Juazeiro.

Embora vinculada às suas origens, mas isolada de parentes e vivendo na pobreza, a família de Izídio Tenório de Souza e Maria Luiza de Souza, que ele chama carinhosamente de Mocinha, desde o namoro, está deixando a terra natal alagoana. Uma viagem sem volta. Destino: Juazeiro, maior cidade do Vale do Cariri, ao sopé da Cordilheira do Araripe, entre Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Cidade do Padre Cícero, “Terra da Promissão”. Um lugar sagrado, encantado, misterioso, glorioso e fascinante para milhões de sertanejos.

- *Vamo, Mocinha? Pronto, num esqueceu de nada?*
- *Tudo pronto, só farta a panela de fazer cuscuz!*

- *Então, vamo. Vamo ante do sol nascê...*
- *Mãe das Candeias alumie nosso caminho...*

Crentes de que fazem o que parece ser o melhor para a família, pois seguem, rigorosamente, orientação do Padre Cícero, Izídio e Mocinha estão começando uma longa e penosa mas esperançosa viagem. Nem pensam nos sacrifícios da jornada. Maior preocupação dos dois é chegar no Juazeiro em tempo de participar da Festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, no dia 15 de setembro, como acontece a cada ano. Uma festa com muita gente de todo o Nordeste. Quase todo mundo pobre e desamparado, como eles, mas em contagiante alegria, dando glórias à Mãe de Deus e ao Padre Cícero.

- *Quantos dia vamo gastá, Izídio?*
- *Talvez 15, talvez 20, mais ou menos.*

Deixam Viçosa para trás ainda no escuro da madrugada. Montados em quatro viçosos, resistentes e dispostos burros, dois pardos, um preto e um branco, bem alimentados na véspera, de capim e milho. Sobre eles, dentro de caçuás (Fig. 03), cestos grandes de cipós muito usados no Nordeste, todo o patrimônio da família: Zezinho (7 anos), Maria (6 anos), Toinho (5 anos), Raminha (4 anos) e Rosinha (3 anos), filhos gerados ano após outro de casamento. Em fila, uma escadinha.



Além dessas preciosidades humanas, alguns objetos domésticos e de uso pessoal - redes, lençóis e toalhas; alguns

utensílios de cozinha - panelas, colheres, facas e espeto; e alimentos - feijão, arroz, farinha, carne de jabá, queijo de coalho, sal, café moído em casa, tapioca pronta e rapadura. Tudo para duas ou três semanas. Nada mais para não estourar a carga. E não pesar demasiadamente sobre os animais. Será demorada a viagem. Uma viagem do passado para um futuro.

Entre os filhos, os mais velhos e os mais novos parecem mais curiosos e animados. Olham-se risonhos. Para eles, é como uma celebração de mudança ou como se estivessem indo para uma festa bem ali, perto de casa. Caladinho, sem reclamar nada e sem festejar nada, o menino Toinho, de apenas cinco anos, prefere observar a paisagem sob os primeiros raios do sol. Pelo menos o que lhe é possível ver de dentro daquele desconfortável caçuá balançando, no burro preto(o menos manso) conduzido pelo pai.

De camisa bege, calça escura, botas pretas de couro de bode, chapéu de palha para se proteger do sol, bacamarte pendurado no cabeçote traseiro da cangalha com uma sacola de munição (pedrinhas, estopa e pólvora) e, à frente de todos, abrindo a trilha, Izídio olha para trás, de vez em quando, botando sentido. Em estado de alerta para qualquer problema ou eventualidade.

É o que também vem fazendo Toinho desde a saída de Poção. Do seu caçuá, estica a cabeça para ver melhor a mãe sozinha lá atrás, em último lugar na caravana, num burro branco(o mais manso), sem caçuás. De vestido claro de bolinhas suavemente amareladas, toalhinha azul-escuro na cabeça contra o sol, sentada de banda, com as duas pernas para o mesmo lado, numa sela própria para mulher. Com ela, uma cabaça de água para aliviar a sede de todos. De olhar contemplativo e em silêncio, como se estivesse gravando tudo, Toinho tenta fixar na

memória as últimas impressões daquele lugar bucólico e melancólico de sua infância sem muita história.

Poucos minutos de viagem e a solidão do tempo cerca para sempre a casa grande de taipa com alpendre em Poção. Na frente, três bancos compridos, de troncos de madeira sobre forquilhas. Atrás, uma mata de espinheiros e um roçado em terra boa de feijão de arranca. De um lado, um pequeno curral feito de estacas e varas, onde ficavam à noite um boi e quatro vacas. De outro, um cercado onde os burros dormiam e se espojavam. Bem na frente da casa, um enorme pé de pitombeira, de sombra gostosa nas tardes de calor. Próximo da pitombeira, um riacho de água limpa, servindo até para beber. E nas margens do riacho, algumas plantas nativas do campo. Coroanha, de folhas grandes e haste com flores vermelhas, e outras com flores de muitas cores. Muito bonitas.

Essa a paisagem do Brasil sertanejo, de raízes coloniais, que fica na memória do menino Toinho, desde aquele amanhecer de 1926, na saída do Sítio Poção, perto de Viçosa, ao lado de Quebrangulo, nas Alagoas do marechal Deodoro da Fonseca, proclamador e primeiro presidente da República em 1889, realizador do sonho dos revolucionários de 1789, 1817, 1824 e 1835.

Sem saber absolutamente nada desse passado histórico das Alagoas, importantíssimo para o Brasil, o menino está absorto em sua dura realidade momentânea de retirante em um desagradável e sacolejante caçuá com destino ao Juazeiro do Padre Cícero. Dele ouve falar quase diariamente. Em histórias, em lendas ou em orações. Pai e mãe sempre tocam no nome dele. Respeitosamente. Fervorosamente. É a Mãe de Deus, soberana no céu, e o Padre Cícero, glorioso na terra.

CIDADE GLORIOSA

- *Vamo pará no meio-dia, Mocinha, pra cumê descansá.*
- *Tá bem, Izídio! E à noite, a gente pára pra rezá e posá.*

Em compasso com o ritmo dos quatro burros, atento ao que encontra pelo meio do caminho, de orelhas em pé,



'esconfiado de tudo, heirando tudo, o fiel scudeiro de todos: *Charlotte Fig. 04*), um vira-lata marrom-laro, de porte médio, muito sperto e raçudo além da onta, até sem noção do erigo. Bastante afetivo com s donos, mas bastante risco ou mesmo agressivo com estranhos. Quando

precisa, tem latido de fera feroz. Sempre pronto para defender a família Tenório de qualquer sobressalto nessa viagem. Mesmo que seja uma selvagem e agressiva onça pintada. Mas Izídio tem certeza de que a viagem vai ser longa demais para um cachorro.

- *Vamo Charlote! Vamo meninão! Vamo!*

II

EPOPEIA POR VEREDAS DOS SERTÕES

Distantes da caravana Tenório, em sua difícil viagem, por trilhas e veredas, rumo ao Juazeiro do Cariri, bem longe dali das Alagoas, mais ou menos umas 300 léguas, quase 1.800 mil quilômetros, centenas de pessoas fazem protestos contra o Governo Artur Bernardes. Agitação política toma conta das ruas do Rio e São Paulo, maiores centros urbanos do Brasil de 1926, com 30 milhões de habitantes, segundo recenseamentos ainda sem IBGE. Mais de 80%, ou 24 milhões, ocupando o interior do País. Menos de 900 mil na pobre Alagoas.

Milhares de sertanejos, como Izídio e Mocinha, nada sabem sobre o Governo Artur Bernardes. Nem sobre conspirações, revoltas e tumultos no Rio e São Paulo. Nem dos crescentes movimentos operários liderados pelo Partido Comunista do Brasil fundado em 1922. Muito menos que procuram derrubar o Governo. Menos ainda que o Governo reage com força, usando até bombardeios aéreos em São Paulo. De qualquer forma, entre as causas dos protestos, nenhuma se refere ao problema que o casal Tenório enfrenta, perigosamente, naquele momento, pelas matas fechadas e savanas de Alagoas e Pernambuco rumo ao Ceará.

Do Sul para o Norte, revoltosos em grupo, organizados sob o nome de Coluna Prestes, estão marchando em direção aos sertões. Parada prevista em Juazeiro, no Ceará, para tentar conquistar adesão do Padre Cícero (*Fig. 05*). Com o apoio dele, pensam que terão o Nordeste inteiro ao seu lado.



Inclusive a família Tenório. Não conseguem. Padre Cícero surpreende todo mundo. Faz é lançar um manifesto pedindo a pacificação nacional. Diz que não quer ver luta fratricida de brasileiros, muito menos banho de sangue. Frustrados, os prestistas acabam desistindo, rumando para o Norte e se retirando para a Bolívia.

Completamente alheios à marcha da Coluna Prestes e seu desfecho, o casal retirante de Viçosa caminha em sua saga sobre Alagoas. Estado todo tem, nessa época, aproximadamente uns 900 mil habitantes. Maceió, a capital, ainda pequena, uns 40 mil habitantes. Quase todo o interior vive em grande atraso, numa dormência infinda, aguardando o progresso que nunca chega. Nunca.

Disso Izídio e Mocinha são testemunhas. Densas florestas dominam a Zona da Mata, onde fica Viçosa, então de terras boas para criação de gado, produção de leite e agricultura. Quase toda a sua população rural sobrevive da atividade agrícola rudimentar. Grande é a pobreza em toda essa região das Alagoas. Retrato da pobreza no Nordeste. Extrema pobreza. Muita miséria.

É o que Izídio e Mocinha estão cansados de ver. Mas os dois não têm a menor idéia de que, nessa jornada rumo ao Juazeiro, são vítimas de uma das maiores deficiências do Brasil dessa época de grande subdesenvolvimento nacional. Nem de longe passa pela cabeça deles que, em 1926, o País todo conta com apenas 113 mil quilômetros de estradas de rodagem, quase a metade no Centro-Sul. Muito menos têm consciência da razão disso. Nada. Vivem só para o trabalho, para a família e para Deus, seguindo os ensinamentos do Padre Cícero.

Pela mesma razão, jamais imaginam a diferença e a

perspectiva para o futuro. Em 2006, já serão 1.500.000 quilômetros de estradas, 150 mil asfaltados. Em 1926, asfaltado mesmo somente um trecho de 90 quilômetros entre Rio e Petrópolis. Fora do Centro-Sul, País afora, estradas, e assim mesmo muito precárias, somente perto das capitais. No interior, o problema é muito mais grave para milhões de pessoas como Izídio e Mocinha. Que se conformam com isso. Sem protestos. Confiam apenas em Deus. Entre os homens, só no Padre Cícero, que nunca falha com ninguém.

Mas é tão dramática a situação da falta de estradas que o próximo Governo, do presidente Washington Luiz, lhe dedica prioridade máxima. E até adota como lema *Governar é abrir estradas*. Precisa delas o Brasil, urgentemente. Vasto interior nacional está isolado. Viajar pelo País é uma grande aventura. E cortar o interior, como Izídio e Mocinha estão fazendo, de Viçosa, em Alagoas, até Juazeiro, no Ceará, em lombos de burros, caminhando por trilhas e veredas, uma verdadeira epopeia. Uma viagem de mudança, resistência e esperança.

Experiente, embora ainda bastante jovem, com apenas 30 anos, Izídio já acumula três viagens anteriores ao Juazeiro, duas acompanhado de sua Mocinha. Portanto, não está tão preocupado com a resistência da esposa aos sacrifícios e dificuldades da longa jornada. Sabe que ela dará conta. Quanto aos mantimentos, seriam suficientes. Mas, e as crianças, pequenas e frágeis? Agüentariam tantos dias dentro de caçuás? E se acontecer um temporal? E se alguém adoecer, da família ou dos animais? E se forem atacados por onças e outras feras selvagens? Melhor nem pensar!

Com essas e outras dúvidas, “*que o Padim Cico proteja nós*”, apela Izídio, solitariamente, tirando o chapéu e olhando

para o céu, enquanto abre caminho para os que lhe seguem, resignados, na direção do Juazeiro. Inclusive o fiel *Charlote*, com a língua de fora, buscando água em qualquer poça. Uma preocupação para todos. Izídio acredita que um cachorro pode viver até 15 ou 20 anos, mas andar 120 léguas é praticamente impossível ou, sendo possível, inacreditável. Será que *Charlote*, magro, quase carne e osso, conseguirá, caminhando, chegar vivo ao Juazeiro? Será?

- *Sei não, Mocinha, é muito longe!*
- *Ele é forte, Izídio, come muito osso!*

Enquanto sua mente volta-se para o futuro próximo, Izídio observa que já é hora para a primeira refeição. Em suas contas - é bom de contas - devem avançar 10 léguas, ou 60 quilômetros, por dia. Somente assim poderão chegar no Juazeiro em tempo para a Festa de Nossa Senhora das Dores. Pelo menos umas oito ou dez léguas por dia. Já completadas quatro e o sol a pino, é hora de parar para o primeiro almoço da maratona. É o que acontece sob a sombra de um frondoso pé de timbaúba, ao lado da correnteza de um riacho.

Clima agradável, tudo fresquinho. Meninos no chão, caçuás abaixo. Livres das cangalhas, os burros se espojam. Servem-se logo do capim verde em abundância no local. Izídio colhe alguns gravetos na mata. Providencia o fogo. Com fogão improvisado de três pedras de igual tamanho e três bocas, Mocinha prepara tudo com rapidez. Dá colher para cada um e serve em pratos brancos esmaltados, bem limpinhos, a refeição do dia, a primeira de muitas da viagem.

Conforme tinha imaginado ainda antes de deixar Viçosa, para não perder tempo, Mocinha esquentava o que traz feito em

casa na madrugada da partida: feijão, arroz, farofa, frango e queijo de coalho assados. Durante a refeição, o olhar pidão de Charlotte, atendido pelas sobras de cada um. Em momentos singelos, assim, de todos reunidos, Izídio, de forte sentimento religioso e cristão, aproveita para dar um conselho adotado, para si próprio e para sua família, como estimulante e permanente guia nos difíceis e espinhosos caminhos da vida:

- Tudo sem Deus é Nada! Nada com Deus é Tudo!

Satisfeitos e descansados, novamente todos na trilha, em direção ao Juazeiro. Como nunca gostou de queijo, o menino Toinho, percebendo a concentração dos pais, atentos ao caminho por matas e savanas, comete sua inocente infração: sem nunca ter dito *não* à mãe quando esta lhe oferece qualquer coisa de comer, agora ele vai esfarelado o pedaço de queijo assado servido no almoço e jogando, pedacinho por pedacinho, pelos minúsculos buracos do caçuá. Certo de que sua mãe jamais saberá dessa travessura.

Melhor para o escudeiro e sempre faminto *Charlotte*, atrás na caravana. Esperto e de faro agudo, o cão de estimação da família logo descobre a migalha saborosa caindo no caminho. E passa a ser, além de escudeiro, cúmplice da peraltice de Toinho, saboreando, com muito apetite, pedacinho por pedacinho. Naturalmente, balançando o rabo de felicidade, o que faz Toinho responder para si mesmo pensando:

- É um bichinho sabido danado!



**“Tudo
sem
Deus
é nada!
Nada
com
Deus
é tudo!”**

III

FATOS E LENDAS DO CÉU E DA TERRA

Felicidade é o que mais almejam Izídio e Mocinha com a decisão de morar, definitivamente, no Juazeiro. Decisão assumida. Sem temores. Sem dúvidas. Sem volta. Confiam que Juazeiro é a terra do futuro deles, a terra prometida *“para os naufragos da vida”*, como ouvem dizer de sermões do Padre Cícero. Mas a família Tenório não quer que seus filhos esqueçam o chão natal em Viçosa. Embora os meninos prefiram estórias de papa-figo, lobisomem e caipora, durante a viagem, principalmente nas pousadas ou onde podem se arrancar, o pai esforça-se para contar-lhes alguma história da terra que agora faz parte do passado, antes que peguem no sono. Passatempo mesmo.

Mesmo sem boa memória para datas, Izídio guarda na lembrança alguns fatos interessantes que lhe haviam sido narrados por seus pais e avós. Sobretudo ocorrências que parecem mais lenda do que realidade. Do seu jeito, relembra o que sabe para os meninos, encolhidos junto ao colo e às pernas da mãe, sentada no chão ou encostada em tronco de uma árvore. Ou em algum canto de parede, se a noitada é numa casa amiga e hospitaleira. Vai ser assim até o Juazeiro.

Conta Izídio que seus pais diziam que, no começo de tudo, Viçosa não era Viçosa. Só tinha mata e muitos índios de uma tribo de nome estranho. Chamada cambemba, ou cambembo ou



cambembe. Mais ou menos, uma coisa assim. E na região havia três riachos, onde eles pescavam. Diziam que na beira do riacho chamado Gurugumba (*Fig. 06*) vivia um preto velho, fumador de cachimbo, desconfiado, pescador e caçador, e que na beira de outro riacho, chamado Limoeiro, vivia outro preto velho, também fumador de cachimbo, desconfiado, pescador e caçador. Um não sabia da existência do outro. E assim viviam ambos em suas choupanas na paz do isolamento do mundo. Como tranqüilos ribeirinhos.

Um dia, segundo a história, sem terem combinado nada, cada um resolve sair do seu lugar de pesca e caminhar na direção oposta. E acabam se encontrando em outro riacho, que não conheciam mas que ficava bem no meio dos dois que eles conheciam. Desconfiados, aos poucos se tornam amigos. Então, começam a se reunir nesse terceiro riacho, que ganha o nome de Riacho do Meio. Esses encontros terminam atraindo outros pescadores e caçadores. E assim surge um pequeno povoado, mais tarde Viçosa. Que, até os dias de hoje tem o Riacho do Meio.

Outra história que Izídio conta aos filhos, de ter ouvido dos pais, refere-se a uma índia bem velhinha achada por caçadores sozinha, abandonada, dentro do mato, há muito tempo, longe duas ou três léguas do Riacho do Meio. Seu nome: Zoé. Quase 80 anos, doente, encontrada dentro de uma rede de palha sob uma pequena choupana. Sua companhia: apenas um saguim de estimação, bem amarrado pelo pescoço, certamente para não fugir e deixá-la na completa solidão. Seu alimento: beiju, farinha e frutos silvestres. Nada mais.

Sem aldeia por perto, nem sinal de qualquer presença indígena, e sem ela saber falar nada para entendimento dos caçadores, levam-na para a vila. Carregam-na em rede dela e

colocam-na em um barraco próximo do Riacho do Meio para melhor acesso e ajuda. Perto da casa de um deles. Ao lado do seu beiju e de sua farinha, deixam uma quartilha com água. No dia seguinte, quando voltam para lhe dar melhor tratamento, nada. Zoé, que nem podia andar de tão doente ao ser encontrada, parecendo toda travada, havia desaparecido. Sem deixar qualquer rastro. Misteriosamente. Para nunca mais ser vista. Dizem que Zoé era um anjo das matas.

Verdade ou lenda, Izídio não sabe dizer. Pode ser verdade e pode ser lenda. Pela reação dos meninos, antes de dormirem, parece verdade. Mas, ele tem certeza de que é o jeito de lenda que deixa os filhos curiosos, ouvindo tudo em silêncio, na maior atenção e achando bom. Assim, o peso da viagem é aliviado. Certo desse remédio, procura tirar do seu baú mental velhas histórias. Faz esforço, mesmo estando muito cansado. Sente que vale a pena.

Lembra que seus pais diziam que um dia, muito tempo atrás, um padre, de nome Manoel Caetano, viajava montado num burro para celebrar a Missa do Galo, na festa do Natal, em Atalaia. Fazia isso todos os anos. Mas, certa vez, chovia muito. Desprotegido, o padre ficou com a batina pesada, toda molhada, e o burro com muita dificuldade de caminhar no lamaçal. Aqui e ali, atolava. Quando chegou à beira do Riacho do Meio, o sacerdote ficou sem saber se seguia ou se voltava. De tão cheio o riacho, não dava pra atravessá-lo sem perigo de afogamento e morte. Correnteza forte deixou o padre em apuros.

- Santa Mãe de Deus, iluminai-me, ajudai-me!

Socorrido por uma idéia repentina, desceu do animal e procurou um terreno mais seguro, onde as águas não estavam chegando. Fez uma cruz de madeira e fincou-a na



terra. E ali, com a presença de somente dois pescadores que iam passando e levando peixes para a ceia natalina em família, celebrou a Missa do Galo. Satisfeito, atravessou o rio na canoa dos pescadores. E os pescadores fizeram o animal enfrentar a correnteza nadando até a outra margem onde já estava o padre. Dali, seguiram viagem. Em pouco tempo, o povo da redondeza ficou sabendo de tudo. E o lugar virou ponto de romeiros em torno de uma capelinha de madeira chamada Igreja do Rosário (*Fig. 07*). Com o passar dos anos, mais romeiros foram chegando, construindo e se fixando. Assim nasceu Viçosa.

Com essa história, Izídio tenta dizer aos filhos que os nascidos alagoanos em Viçosa são romeiros de nascença. Que eles agora estão deixando a cidade de romeiros para se juntar à grande Nação Romeira criada pelo Padre Cícero no bonito Vale do Cariri. Que o fundador do Juazeiro é um santo, bastante poderoso, muito bondoso, protege os sertanejos e pode melhorar a vida de todo mundo. Basta acreditar nele. É só ter fé nele.

Do Juazeiro do Cariri mesmo, ele não sabe ainda contar muita coisa. Somente que tinha começado com três frondosos pés de juazeiro, que serviam de parada e sombra para viajantes do Maranhão e do Piauí em travessia pelo sul do Ceará na direção de Pernambuco. Mas faz questão de falar aos filhos que é uma cidade bonita e misteriosa, que cresce muito. Um lugar onde todos rezam, trabalham, se ajudam e têm alegria de viver dando glórias a Deus e vivendo das graças de Deus. Aproveita e relembra o que sabe do famoso milagre do Juazeiro.



Conta que seus pais diziam que foi assim que aconteceu no ano de 1889. Em primeiro de março daquele. Não esquece essa data porque todo mundo fala nisso. Que o Padre Cícero estava celebrando a missa na capela de Nossa Senhora das Dores. Quando chegou a hora da comunhão, ao colocar a hóstia consagrada na boca de uma beata, de nome Maria de Araújo (*Fig. 08*), surpresa e susto: a hóstia se transformou em sangue. Padre Cícero, preocupado, pediu umas pequenas toalhas e limpou a boca da beata. E todo mundo viu os panos manchados de sangue.

Diziam que isso se repetiu várias vezes, muitas vezes, na presença de padres, fiéis e curiosos. Nem médicos do Recife, chamados para observar tudo, souberam explicar o fato. Padre Cícero, muito prudente, evitou falar em milagre, porém não tinha mais jeito. Espalhou-se rápido a notícia. Para o povo, o acontecido era um milagre dos Céus. Que mudou a vida e a história do Juazeiro para sempre. Gloriosamente!

Com a viagem da família Tenório sem lugar certo para pousadas, essas histórias são narradas sob um alpendre de casa acolhedora ou debaixo de uma árvore protetora. Depende da marcha de cada dia. Nem sempre Izídio consegue terminar seus relatos com todos acordados. Zezinho e Maria mantêm-se de olhos abertos, mas se revelando pouco interessados. Cansadas da viagem em caçuás, as mais novas, Raminha e Rosinha, logo cochilam. Principalmente Rosinha. Nem pode ouvir “era uma vez” e já capota nos braços de Morfeu. Mas Toinho, o do meio, resiste segurando bravamente o sono até o fim. Até o fim de cada história.

CIDADE GLORIOSA

Depois dessas histórias ou estórias, Mocinha cumpre o mesmo ritual de cada noite: cuida de lavar os pés de cada um e colocar todos em suas redes. Religiosamente, repete três dos 10 Mandamentos da Lei de Deus, ensinados pelo Padre Cícero: amar a Deus sobre todas as coisas, honrar pai e mãe, e amar ao próximo como cada um a si mesmo. É o que ela sabe de cor. E, após o sinal da cruz coletivo, seguido de um “*valei-me meu Padim Ciço*”, a família vai dormir. Certamente, sonhando com a chegada no glorioso Juazeiro.

Menos o fiel *Charlotte*, acordadíssimo, fazendo sentinela.

IV

DESEJO DE MILAGRE NO JUAZEIRO

Descendente de família que se tornaria grande e famosa em Alagoas, dividida em dois ramos bem distintos, um mais agressivo e outro mais pacífico, de pouca instrução, mas de impressionante sabedoria, muito trabalhador e dedicado à família, Izídio Tenório de Souza, sertanejo sereno, paciente, religioso e temente a Deus, comanda a caravana rumo ao Juazeiro pensando nos seus anos passados * Viçosa como agricultor e viajante tropeiro. Vai repassando as páginas da vida. Com certa saudade de tudo, até dos sofrimentos.

Pobre, sobrevive da lavoura perto de casa, no Sítio Poção, onde a terra é uma maravilha de fertilidade para feijão de arranca. Quando a safra lhe rende muito, parte dela vende em Paulo Jacinto, povoado quase duas léguas, coisa de 12 quilômetros de Viçosa, na direção de Maceió, capital das Alagoas.

De vez em quando, também ganha um dinheirinho como tropeiro, transportando mercadorias de Viçosa para Paulo Jacinto, nos seus quatro burros de estimação, de apoio, de confiança e de trabalho. Em todas essas viagens, lá está, ao lado dele, fazendo companhia, o fiel *Charlotte*.

Embora pequeno, Paulo Jacinto é um povoado bom de comércio. Seu povo compra tudo que aparece. Como Viçosa não precisa do que ele pode transportar e vender, Izídio escolhe Paulo Jacinto para, de vez em quando, fazer algum negócio e dinheiro. Possui tino para comércio. E vende mesmo.

Obtém, dessa maneira, uma renda extra para manter a família. Curiosamente, o pai de Toinho não sabe, aquele povoado cresce em terras doadas por parente dele distante, Paulo Jacinto Tenório, fazendeiro residente em Quebrangulo. Sua doação torna possível a construção de estrada de ferro da Great Western atravessando Alagoas. Daí, o nome do lugarejo, como gratidão e homenagem.

Fora essas periódicas e curtas viagens ao povoado de Paulo Jacinto e missa em Viçosa (Fig. 06) aos domingos, quando faz algumas comprinhas destinadas às necessidades domésticas, Izídio passa quase o tempo todo no seu Sítio Poção, cuidando da agricultura, principal garantia de sobrevivência da família. Pede a Deus que não venha outra seca como a de 1915, destruidora de tudo. E agradece de joelhos, em suas orações diárias, pelas boas safras de 1926 e anos anteriores.

Feijão para a família comer tem muito e para muito tempo. Sala grande da sua casa de taipa está quase toda interditada com tanto feijão até o telhado, esperando a debulha. E muito mais está guardado, já debulhado, em sacos de estopa de 60 quilos num quarto transformado em depósito. Demonstra-se Izídio satisfeito com a vida. Se alguma reclamação tem, deve ser do conhecimento apenas de sua esposa, Mocinha, reservadamente. Mas nada parece estranho para os filhos. Por que, então, essa mudança definitiva para Juazeiro do Padre Cícero?

Pequenos e ingênuos, Zezinho e Toinho estão desconfiados mas, ainda inocentes, não conseguem entender o que está acontecendo. Seca? Não, porque não está havendo seca em Alagoas. Doença? São todos sadios. Sobre isso, pai e mãe não falam nada. Comércio? Pode ser, mas o pai faz bons negócios entre Viçosa e Paulo Jacinto. Convite do Padre Cícero? Ele faz isso a todos os romeiros em visita ao Juazeiro. Quando

o pai e a mãe conversam sobre mudança de Viçosa para o Juazeiro, dizem apenas:

- *Vamo pro Juazeiro praquê lá é muito bom!*
- *E nós qué muito bem ao Padim Ciço!*

Querem mesmo e muito. Somente isso pode justificar a disposição de enfrentar 120 léguas de distância, durante mais ou menos 15 dias, em lombos de burros, carregando os filhos ainda crianças em caçuás por caminhos pouco conhecidos ou desconhecidos. Até perigosos. Uma insensatez. Entretanto, mais do que coragem, mais do que desejo de mudança, mais do que destemor ante os perigos, é muita fé e muita confiança no “Santo do Juazeiro”. Como demonstra a mãe, de vez em quando, durante a viagem, cantando sozinha e baixinho, um hino assim:

*- Oh, que caminho tão longe
tão cheio de pedra e areia
percorre o bom peregrino
da Mãe de Deus das Candeias*

*- No caminho do Juazeiro
nunca ninguém se perdeu
por causa da luminura
da Mãe de Deus das Candeias*

Somente dois anos mais tarde, os meninos irão saber a razão principal dessa viagem sem volta ao Juazeiro. Sertanejo de forte espírito religioso, devoto de Nossa Senhora do Rosário, da igreja de Viçosa, com muita fé em Deus e no Padre Cícero, Izídio conduz a família, atravessando Alagoas e Pernambuco. Confiante e determinado, crente em um milagre, sua última esperança.

**Confiante
em Deus e no
Padre Cícero,
Izídio conduz
a família com
destino ao
Juazeiro,
sua última
esperança.**

V

DIANTE DO TEMIDO REI DO CANGAÇO

Cair da noite. Somente uma réstia de luz do sol no poente. Um grande pé de salgueiro à beira do caminho é o sinal, lembrado de viagens anteriores. Bem ali perto tem uma casa. Quem sabe, seus moradores podem arranjar uma pousada! Até os resistentes burros parecem cansados. E as crianças, enfadadas dentro dos caçuás, já reclamam de fome e de sono.

Da porteira de entrada no terreno cercado de avelós, dá pra ver a casa de taipa, porta e duas janelas na frente, com alpendre, um coqueiro atrás, um pé de goiaba no oitão direito, um pequeno curral próximo ao terreiro, onde se encontram alguns bodes, cabras e cabritos. Fora isso, um jumento no oitão esquerdo, amarrado e comendo capim, um porco de focinho metido na lavagem e um cachorro latindo. Juntos à porteira, Izídio e Mocinha param e batem palmas se anunciando.

- Ô de casa... Ô de casa...Ô de casa...

- Ô de fora...Peraí ô de fora...Já vai...

Quem está descansando numa preguiçosa, em canto do alpendre, observando o anoitecer e as galinhas subindo no pé de goiaba feito poleiro, levanta-se e se dirige até a porteira. É Salustino Bento, ou apenas Salu, o dono da casa (Fig. 09). Um crioulo magro,



estatura mediana, cabelo baixo, lábios grossos, de calça

escura e camisa xadrez, roupa rasgada e empoeirada da roça, pequeno chapéu de couro na cabeça, calçando alpercatas. Em tudo pobre, descendente de negros quilombolas da região, mas bastante simpático, manda *Pintado*, o cachorro da família, parar de latir com os estranhos, e apresenta-se, descontraído, conversador e amigo.

- *Nêgo Salú, seu criado. Quem é ocês?*
- *Izídio. Nós é romeiro do Padim Ciço.*
- *Quem é do Padim Ciço tem arrancho!*
- *Agradecido! Deus paga a quem serve!*

Viagem da família Tenório ao Juazeiro já completa 12 dias, dez deles atravessando terras de Pernambuco. Agora, se encontram num lugar chamado Conceição das Crioulas, perto de Salgueiro, quase na divisa com o Ceará. Dali, mais dois dias estarão em Jardim, já no verde Vale do Cariri, e mais um dia ou dois no Juazeiro do Padre Cícero. Satisfeitos pela acolhida de Salu, vão descansar e retomar o caminho no dia seguinte. Por enquanto, o importante é aproveitar a gentileza. Como já faz *Charlote*, no terreiro da casa, em noite de lua clara, brincando com *Pintado*, um vira-lata caçador de pêlo cinza todo pintado de manchas pretas.

Diante das visitas inesperadas, o dono da casa e sua mulher, Jurema, que ajuda o marido fazendo tapetes de caroá e urupemas de palha de catolé, oferecem a sobra do almoço: arroz, feijão preto, farinha, mocotó de boi com tutano e ovo cozido. Sobra pouca mas suficiente para o jantar. Todos se acomodam e se alimentam num batente do alpendre. Sobremesa de rapadura. Pra matar a sede, água suavemente salobrinha de uma cacimba atrás de casa, porém melhor do que nada. Satisfeito e agradecido, Izídio aproveita para repetir:

- Tudo sem Deus é Nada. Nada com Deus é Tudo!

Depois, enquanto Mocinha asseia e bota os meninos nas redes pra dormir, Salu, crioulo terereca, puxa assunto com Izídio que já lhe contara como tinha deixado para trás sua terra natal, Viçosa das Alagoas.

- É a primeira vez que vai no Juazeiro?*
- Não, é terceira. Mas é a última.*
- Pruquê última? Vai morrê lá?*
- Tamo indo embora morá lá;*
- Eu também já tive no Juazeiro.*
- Foi pagá alguma promessa?*
- Fui gradecê ao Padim Ciço.*
- Que graça alcançô, home!*
- Fui eu não. Foi minha muié!*
- Ela teve alguma doença grave?*
- Feridona! Quase perde a perna.*
- Meu Padim Ciço é um Santo*
- Quem tem fé sempre alcança...*
- Louvado seja Nosso Sinhô...*

Feliz pelo encontro e pela admiração comum ao Padre Cícero emendam longa conversa. Izídio passa, então, a narrar a viagem até ali em Conceição das Crioulas. Que ele e a família tinham tomado um susto danado, no Vale do Ipanema, perto da povoação de Águas Belas, próximo de Buíque, já no Pernambuco. Que, sem querer, quase entraram numa aldeia de índios. De repente, algo passou na frente do burro, assoviando e foi bater numa árvore. Era uma flecha. Ordenou que todos parassem e ficassem quietos. Foi quando viram alguns índios, por trás de moitas, armados. Sorte que eram índios novos, bem jovens, desconfiados mas calmos. Para assustá-los, Izídio pegou seu bacamarte e deu um tiro pra cima. Eles saíram correndo.

Certamente, de volta para a taba. Mas, antes que o cacique e os mais velhos aparecessem, talvez trazendo hostilidades, a família Tenório, intuitivamente, tomou um atalho. E seguiu viagem.

Que depois desse imprevisto em Águas Belas, levaram outro susto grande perto de Bom Conselho. Numa trilha de mata fechada e brenhas sombrias, ficaram cara a cara com uma onça pintada, pronta para atacar. Ela estava em cima de um tronco de árvore, de tocaia. Que ela pegaria, sem dificuldades, qualquer um do grupo quando passasse perto da árvore, não havia dúvidas. Mas os latidos de *Charlotte* e outro providencial tiro do seu bacamarte foram suficientes para espantar a fera que pulou do tronco e saiu correndo, em disparada, mata adentro. Além disso, conta Izídio, só outro fato aparentemente tranqüilo, mas estranho, deixou toda a família amedrontada.

- *Conte logo home de Deus, conte!*
- *Vou contá tudo, home. Foi assim!*

Que na tarde daquele mesmo dia, antes da parada para o almoço, umas quatro ou cinco léguas dali de Conceição das Crioulas, defrontaram-se, de repente, com um bando de vaqueiros. Montados em seus burros e cavalos que bebiam água num riacho. Não deu para contar porque eram muitos, mais de 20, talvez uns 30, todos mal encarados e bem armados de espingardas, rifles, pistolas, facões e punhais. Formavam uma tropa toda amarronzada ou avermelhada. Podiam ser apenas vaqueiros preparados para enfrentar os espinhos da caatinga, mas, com suas cartucheiras cheias de balas, pareciam mais bandidos, gente ruim.

Como se estivesse observando ou temendo inimigos dentro do mato, olhando para um lado e para outro, o chefe deles dava as ordens, pedindo pressa. Magro, alto, de óculos claros

finos, chapéu grande de couro com alguns desenhos parecendo pintados a ouro, punhal grande nos quartos, rifle pendurado no ombro, lenço vermelho no pescoço, medalhas no gibão e muitos enfeites pregados na couraça. Que ficaram todos, principalmente as crianças, os burros e *Charlotte*, parados, confusos, perturbados e assustados. Então, o chefe dos vaqueiros gritou para ter certeza do que tinha à sua frente, sem querer conversa, curto e grosso:

- *De onde ocês vêm e pra onde ocês vai?*
- *Vamo pro Juazeiro do meu Padim Ciço.*
- *Entonce, ocês pode passar e ir simbora.*

Preocupado, Izídio, que desde Viçosa vem sempre na frente conduzindo a família, deixa Mocinha, que está morrendo de medo, e os filhos, que não entendem nada do que está acontecendo, passarem. Recomenda-lhes, baixinho, que não olhem pra ninguém dos vaqueiros. Que baixem as cabeças e não perguntem nada. Ordena a *Charlotte* para não latir. Teme causar estranheza aos animais do grupo armado. Cumprido o ritual silencioso de passagem, Izídio, finalmente, toca seu burro, em último lugar, protegendo a família de algum sobressalto. Evidentemente, tenso e pedindo ajuda ao Padre Cícero.

Quando Izídio termina de contar esse episódio, Mocinha e as crianças já estão cochilando em suas redes armadas sob o alpendre. Meio surpreso, meio aliviado e meio ansioso, Salu, negro pouco chegado ao roçado mas autêntico burundum, desse que espera o bicho em tocaia interminável só para ficar contando uma história sem fim, põe de lado o cigarro de palha com fumo de rolo de Arapiraca, que vinha tragando lentamente. E começa sua narrativa, uma resposta esclarecedora ao que acabara de ouvir atentamente, sem nem piscar.

- Cruz credo home, ocês escapou da morte, ocês escapou de Lampião. Ele e seus cangaceiros passaro aqui hoje de manhã. Deu pra contá. Era 25. Se tinha mais tava escondido. Ele pediu uma merenda pro seu bando. Minha Jurema fez cinco bule de café moído adoçado com rapadura. E deu a eles com uma panela grande de cuscuz. Lampião ficou sastifeito, mas um caba deles arreclamou de pouco sá no cuscuz. Pois o home pediu uma xícara cheinha de sá e fez o caba cumê tudo, na hora, sem reclamá nem um tiquim. Depois, nem água deu pro coitado.




Dixeram que tavam vindo de Mossoró, no Rio Grande, passando pela Paraíba e que tavam no rumo de Sergipe... Que no mês de março, tiveram no Juazeiro. Que lá é o único lugar onde Lampião (Fig. 10) não faz má a ninguém praquê respeita o Padim Cicho. Só não atende ao pedido dele para sair dos crime praquê não pode cum sua natureza, que é muito rim. Que, lá no Juazeiro, Lampião ganhou uma patente de capitão, dada por um generá do Ezécuto. Que ele fez parte de um batalhão, um tá de Batalhão Patrióte, criado para ajudar o Governo contra uma tá de Coluna Preste, de uns revortados de Sum Paulo. Mas o batalhão nem precisou dele, praquê os revortados fugiro, ninguém sabe pra onde.

Depois que deixou Juazeiro, Lampião seguiu sua sina de bandido pelo sertão. Fazendo o que sempre fez: roubando e matando fazendeiro, botando fogo em fazenda, estrupiendo muié, cortando orelhas e línguas de gente rim. E assim ele vai, derramando sangue no mundo, sem pena nem dó. Home, ocês escapou da morte...Ocês escapou da morte...Cruz credo!

Só então, Izídio percebe o perigo que correrá com a sua família. Que cruzara com Virgulino Ferreira da Silva, o Rei do Cangaço. Que estivera diante do aterrorizante Lampião e seus violentos bandoleiros, seqüestradores, torturadores, estupradores e assassinos, cheios de ódio e vingança contra a humanidade. Que até ouvira os gritos de Lampião e seu pior facínora, Corisco, o Diabo Loiro. Que escapara de maldades sanguinolentas, talvez até da morte. Ainda arrepiado, Izídio faz o sinal da cruz, benze-se, dá boa noite ao novo amigo Salu e, coçando a cabeça, pensativo, vai dormir em sua rede. Agora, ele tem mais um motivo para chegar logo ao Juazeiro e agradecer ao Padre Cícero.

- Vamo simbora ante do galo cantá!



**“Meu Padim Ciço
é um Santo.
Quem tem fé
sempre
alcança...
Louvado seja
Nosso Sinhô...”**

V

NOVA JERUSALÉM: ENTRADA TRIUNFAL

Força da esperança removendo e superando tudo. Planícies e planaltos. Matas, agrestes e sertões. Serrotes, serras e montanhas. Matas, bosques, savanas e brenhas. Vales, brejos, riachos e córregos. Depois de 15 dias de jornada exaustiva cortando Alagoas, Pernambuco e Ceará, finalmente a caravana Tenório está chegando ao Cariri. “*Graças a Deus e ao meu Padim Ciço*”, alegre-se Mocinha, fervorosa e emocionada, ao avistar a torre da pequena igreja de Santo Antonio, em Barbalha, Terra de Canaviais.

Agora, faltam apenas umas duas léguas, mais ou menos duas léguas. Logo, logo, pisarão o solo sagrado do Juazeiro, maior cidade do Vale do Cariri, quase 90 léguas de Fortaleza. Dominados por indescritível satisfação íntima, Izídio e Mocinha nem demonstram qualquer cansaço da longa viagem. Pelo contrário, olham-se sorridentes, olhos brilhando de felicidade. Estão em grande ansiedade e com batimentos cardíacos acelerados. Sentem-se chegando ao paraíso depois de sofrida e desgastante jornada. Contentes, abençoados e vitoriosos.

- *Glória a Deus e ao meu Padim Ciço!...*
- *Glória à nossa Mãe das Dores, Mocinha!...*

Daí pra frente, de Barbalha ao Juazeiro, muita gente no caminho. Quase uma grande procissão desorganizada, mas na mesma direção, em busca da felicidade. Como o povo de Israel em peregrinação até Jerusalém, a Cidade Santa. Com o mesmo espírito de Abraão, Elias, Moisés e outros ilustres peregrinos rumo à Terra Prometida. Quanto mais Izídio e Mocinha avançam,

CIDADE GLORIOSA

mais gente rumo ao Juazeiro. Gente de todos os lugares. Das Alagoas, de Sergipe, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Nordeste inteiro. Em indisfarçável alegria. Comemorando, antecipadamente, a entrada na gloriosa cidade do Padre Cícero.

Em sua maioria montados em burros, cavalos e jumentos. Muitos caminhando, pagando promessas. Romeiros rezando, romeiros cantando, romeiros saudando a Mãe das Dores, romeiros gritando o nome do *Padim Ciço*, romeiros soltando foguetes. Dando glórias aos Céus pela entrada festiva e triunfal na *Jerusalém do Nordeste*. Cheios de entusiasmo, de fé e de contentamento. Mesmo em setembro, vão cantando um bendito em honra de Nossa Senhora das Candeias, festejada em Juazeiro nas romarias de fevereiro:

*- Oh, que prazê, que alegria,
o nosso encontro de irmãos.
Valei-me meu Padim Ciço
e a Mãe de Deus das Candeias*

*- A luz da fé nos guia
aqui nos reanimou.
Formamo grande família
de Cristo Nosso Sinhô!*

Mais ou menos 25 mil habitantes (Fig. 11). É a população do Juazeiro em 1926, já a maior do interior do Ceará. Mas a cidade está com a população dobrada. Quase 50 mil pessoas. Clima de muita festa. Da Festa de Nossa Senhora das Dores.



Bandeirolas enfeitando as ruas. Os sinos da igreja tocando. Foguetório a toda hora. Luzes no céu e vibração na terra. Sem nunca ter visto isso, apavorado com explosões, luzes e fumaça, *Charlotte* está de cabeça baixa, rabo encolhido e se tremendo. Mas ao lado dos donos, protegendo-se. Por via das dúvidas... melhor assim.

Quando entram na cidade, Izídio e Mocinha vão direto para a Feira do Capim onde podem deixar os burros descansando e pastando. Nessa época, no fim da Rua São Pedro, já a mais movimentada do Juazeiro. Ela termina onde surgiria, muito mais tarde, uma praça com a Prefeitura Municipal. É, então, uma rua de pequenas casas comerciais e residenciais, sem calçamento, no barro, cheia de malva e, quase sempre, com correnteza de águas de chuvas. Chove muito e chove bem no Juazeiro e em todo o Cariri, graças à floresta do Chapadão do Araripe.



Bem no marco inicial da rua São Pedro, parada obrigatória na igreja de Nossa Senhora das Dores (*Fig. 12*), espécie de marco zero da cidade. Lotada. Por dentro e por fora. É tanta gente que não cabe mais ninguém. Mas há de caber Izídio, Mocinha e seus filhos! Como não, depois de tão longa e difícil viagem? Vão tentando, empurrando e empurra-dos. *Charlotte* atrás, porque bicho pode não ser gente mas também é filho de Deus, se virando e acompanhando. Enfim, conseguem ultrapassar a porta principal. Mais, impossível. É um amontoado de gente.

De joelhos, fazem ali mesmo as primeiras orações de agradecimento. Celebram a vida, são e salvos na Cidade

Gloriosa. Benzem-se e partem, ansiosos, para visita à casa do Padre Cícero, na rua São José. Nesse trajeto, acabam passando pela praça batizada Almirante Alexandrino, onde havia sido inaugurada uma estátua de bronze do Padre Cícero no ano anterior, 1925. Olham admirados para a estátua e para o movimento na praça. E uma imagem fica para sempre na memória do menino Toinho:

- Onde é hoje a Praça Padre Cícero era uma feira grande. Muita gente vendendo e muita gente comprando. De um lado da praça, o povo vendia panelas. Do outro, vendia farinha. Do outro, cordas. E do outro, frutas. Cada lado da praça vendia uma coisa. E no meio, o povo em barraquinhas de café, bolos e doces. Era um comércio agitado!

E muitos pagadores de promessa: um penitente vestido de franciscano carregando uma cruz, um rapaz levando na cabeça uma igreja de madeira, uma moça vestida de freira abraçada com um retrato do Padim Ciço, um moço vestido de preto trazendo nos ombros duas pernas de madeira...E os vendedores gritando para vender mais. Um movimento grande danado!

Como Izídio e Mocinha já sabem, das visitas passadas, todos devem estar às 6 horas da noite em frente à casa do Padre Cícero. Ele está proibido de celebrar desde 1892, por causa da história do milagre da hóstia em 1889. E para não ser mais acusado, pelos que lhe caluniam e perseguem, de estar criando confusão com a Igreja, obediente e humildemente agora recebe os romeiros apenas em sua casa na rua São José.

Diariamente, às 6 horas da noite em ponto, uma auxiliar do Padre Cícero, de nome Joana Tertuliana, chamada beata Mocinha, coloca uma toalha branca na janela da casa dele.

Ansiosamente aguardado, o “Santo do Juazeiro” aparece, sem chapéu e sem cajado. Após um olhar geral na multidão dirigindo-lhe leve sorriso de cumprimentos, demonstrando-lhe satisfação e desejando-lhe boas vindas, destina a todos seus conselhos de sentido prático na vida diária de cada um. Entre estes, alguns que, de tão propositalmente repetidos, tornam-se famosos e inesquecíveis na memória do povo:

- *Quem bebeu, não beba mais; a cachaça é um agente de Satanás.*
- *Quem matou, não mate mais; ninguém tem o direito de ofender o seu semelhante e só Deus pode tirar a vida de suas criaturas.*
- *Quem roubou, não roube mais; quem rouba vai para o inferno.*
- *Quem mentiu, não minta mais; a mentira é filha do diabo...*

Conselhos cristãos e objetivos como estes, numa linguagem simples e direta, obtêm fácil entendimento geral. Antes do boa-noite final, sua bênção. Momento de conforto espiritual e de emoção coletiva. Benzem-se todos, contritos. Depois, em celebração, uns soltam fogos de alegria, iluminando o céu do Juazeiro, sob aplausos. Outros, incontinentes, gritam com a força da alma e do coração:

- *Viva meu Padim Cíço!*
- *Viva a Mãe das Dores!*
- *Viva o Juazeiro!*

Devidamente abençoados, Izídio, Mocinha e filhos irão enfrentar agora o desafio mais difícil, talvez mais difícil do que a viagem desde Viçosa. Esperar, no meio daquele mundão de gente, uma chance de serem recebidos pelo querido “Apóstolo

CIDADE GLORIOSA

do Sertão”. Fila enorme. Gente sadia, gente alegre, gente triste, gente doente, gente faminta, gente desconsolada, gente rezando, gente desiludida, gente desesperada. Homens e mulheres, rapazes e moças, velhos e crianças. Cada um querendo uma palavra de apoio, um conselho paternal e uma promessa de vida melhor. De preferência, ali mesmo, no Juazeiro do Cariri.

Diante do tamanho da multidão e preocupados com as crianças, cansadas e querendo dormir, as meninas já reclamando e choramingando, Izídio e Mocinha se conformam. Buscam pousada em rancho no final da rua São José. E vão, finalmente, descansar da viagem e sonhar com o encontro com Padre Cícero. No dia seguinte ou em algum dos dias seguintes. Faltam apenas três dias para a Festa de Nossa Senhora das Dores. Querem encontrá-lo, se possível, antes da festa.

Será um dia venturoso, um dia glorioso!

VII

ECONTRO COM SANTO PADRE CÍCERO

Sol firme, céu limpo, Juazeiro do Norte lotado. Ruas cheias. Multidão na praça da matriz. Festa de Nossa Senhora das Dores. Dia inteiro de orações na igreja. Fogos explodindo nos céus. Sinos tocando. Manhã de 15 de setembro de 1926. Mais ou menos 9 horas. Izídio e Mocinha já se encontram, novamente, com os filhos, em frente à casa do Patriarca do Juazeiro. Haviam decidido: primeiro fariam com ele e depois participariam das celebrações em honra da Mãe das Dores. Com muitos romeiros festejando na igreja e nas ruas e não sendo hora de bênção coletiva, julgam que até poderá ser fácil alcançar o que desejam.



Padre Cícero, Apóstolo

Por volta das 12 horas, já estão diante do Padre Cícero (*Fig. 13*). Ao lado de uma rede, sentado em uma cadeira de descanso, com um sorriso simpático e na maior simplicidade, ele recebe a humilde mas determinada família Tenório. De memória fresca, o menino Toinho lembra-se da imagem de gesso do padre na mesinha do oratório em sua antiga casa, na longínqua Viçosa: de cabelos brancos, cabeça levemente inclinada, olhos azuis, batina preta e seu inconfundível cajado. É ele mesmo, sem tirar nem por. Igualzinho.

- Bem-vindos, meus amiguinhos, bem-vindos ao Juazeiro!

Muito emocionada, de coração batendo forte, voz

entrecortada, extasiada, quase de língua presa, Mocinha vai logo se ajoelhando e pedindo a bênção para ela, Izídio e os cinco filhos, ali presentes, todos em pé, mãozinhas de afilhados esticadas e de olhos arregalados. Calmamente, Padre Cícero, já velho, aos 82 anos, mas ainda bem disposto, passa, carinhosa e paternalmente, a mão direita sobre cada cabeça, abençoando cada um:

*- Que Deus o abençoe! Que a Mãe das Dores o guarde!
Amém!*

Mais tranqüila, Mocinha começa a contar sua história. Explica que haviam chegado de Viçosa das Alagoas para ficar no Juazeiro. Aproxima-se e fala aos ouvidos dele - em tom baixinho, para não preocupar as crianças - que o marido está adoentado, sentindo uma dor grande lá dentro, como se fosse um caroço inflamado no lado direito do corpo. Desenganado pelos médicos, porém com muita fé que pode ficar curado no Juazeiro. Que já havia feito promessa à Mãe das Dores e queria socorro. Que tinham vendido tudo que era patrimônio da família em Viçosa. E, ao final, de forma espontânea e humilde, bota todo o dinheiro apurado e enrolado num pano, sem dizer quanto, nas mãos do Padre Cícero.

- Pra meu Padim gardá. Cum meu Padim tá mió gardado.

Serenamente, Padre Cícero, então, dá aos Tenório alguns conselhos. Que rezem à Nossa Senhora das Dores pedindo saúde e paz. Que procurem uma casa para comprar e morar e trabalho para sustentar a família. Que, se tiverem alguma dificuldade, contem com o apoio dele. Que todos, inclusive as crianças, passem a usar o rosário da Mãe de Deus no pescoço. Que rezem o rosário, diariamente, como proteção contra as

maldades e as calamidades do mundo. E que todos sejam felizes no Juazeiro. Finalmente, devolve parte do dinheiro para Mocinha.

- É para as primeiras necessidades. Quando precisar, venha cá!

Depois de dois anos no Juazeiro, já em 1928, Izídio está piorando. Suas dores aumentando. Sinais de gravidade. Preocupada, Mocinha corre ao Padre Cícero. Recebe, então, orientação para morar em São Pedro do Cariri, distante cinco léguas do Juazeiro. Lá, o clima de serra, ameno e frio, é bom para pessoas com certos problemas de saúde. Ex-vigário da Paróquia de São Pedro, criada em 1870, o padre do Juazeiro conhece bem e recomenda o lugar, certamente melhor para o adoentado Izídio.

Previdente, adianta que um senhor, de nome Boaventura, pessoa de sua inteira confiança, que faz escritura para o povo, cuidará de arranjar um terreno ou uma casa para a família. Pede, porém, que não abandonem Juazeiro. Que não vendam a casinha de alvenaria comprada na cidade. Na época, bem distante do centro, num lugar só de mato. Depois, no futuro, ficaria à direita do Arco, próximo ao Colégio Dom Bosco, no populoso bairro dos Salesianos. Serviria de abrigo à família nas visitas à cidade, principalmente na Festa de Nossa Senhora das Dores.

Melhor assim. Dito e feito.

**“Quem roubou,
não roube mais!
Quem matou,
não mate mais!
Quem mentiu,
não minta mais!
A mentira
é filha
do diabo!”**

VIII

DRAMA, TRISTEZA E DOR NO PARAÍSO

Do lado norte da Cordilheira do Araripe está a Serra de São Pedro. Altitude perto de 800 metros. Fundada no topo da serra fica a bucólica cidadezinha de São Pedro do Cariri, depois Caririaçu, 84 léguas de Fortaleza. Ao final de 1928, esse é o novo endereço de Izídio, Mocinha e filhos. Ocupam uma casa de taipa, coberta de telha, cinco cômodos, no bairro do Paraíso, ponto mais alto de São Pedro do Cariri. Lugar de clima frio. Em junho, chega até aos 12 graus. Surpreendente para o quente Nordeste. Por isso mesmo, um dos melhores climas do Nordeste brasileiro.

Nova casa dos Tenório fica em rua de entrada na cidade para os que procedem do Juazeiro. Construída sobre pequeno morro, acima do nível da rua, seu acesso é possível por meio de uma escadaria feita de pedras. Do alpendre, a família tem bela vista do lugar. Destaca-se, no cenário, a igreja de São Pedro (Fig. 14), padroeiro da cidade. Atrás da casa, cercada de avelós, próxima da cozinha, uma frondosa jaqueira. Pela grossura do tronco, talvez cinqüentenária. Ao seu lado, um cacimbão com água para consumo da família. Em um canto, ao fundo do quintal, uns pés de bambus. Depois deles e da cerca de avelós, uma vista panorâmica do Vale do Cariri, lá embaixo, onde está Juazeiro.



Com esperança renovada para vida melhor da família e animada com a possível recuperação de Izídio, Mocinha faz tudo para tornar a nova residência agradável. Gosta muito de flores e enche o quintal de rosas. Planta e cuida, com ajuda dos filhos, de uma pequena horta. Dedicar-se, com carinho, às tarefas domésticas, enquanto Izídio busca meios de sobrevivência na lavoura e no comércio de São Pedro. Até tenta retornar aos negócios de tropeiro comprando frutas de sítios da redondeza para venda no Juazeiro.

Passam-se dois anos de vida mais ou menos tranqüila no Paraíso de São Pedro do Cariri, inclusive para Izídio, confiante no milagre de sua cura. De casa para o campo e do campo para casa. De casa para a feira e da feira para casa. Só. Depois desse período, sentindo-se, cada vez mais cansado, indisposto e inseguro, Izídio já não é mais o disposto viajante tropeiro. Em 1930, bastante adoentado, o jovem e dedicado chefe da família Tenório, vinda das Alagoas, está definhando. Cada vez mais definhando, definhando e definhando.

Como os remédios dos médicos do Juazeiro não dão mais resultados, Mocinha se vale de receitas caseiras e populares. E de plantas medicinais, então facilmente encontradas nas encostas e nos brejos da serra de São Pedro. Obediente e confiante, permanece seguindo instruções do Padre Cícero. E pede pela saúde do marido, todos os dias, de joelhos, em suas orações à Nossa Senhora das Dores. Quando ele está fraquejando, quase desesperançado, conforta-o com poucas mas sábias e estimulantes palavras:

“Paciência, home. Meu Padim Ciço diz que quando Deus qué até água fria cura”.

Entretanto, é muito grave a doença de Izídio. Mais grave

do que ela e ele imaginam. Um médico consultado, ainda em Viçosa, já alertara que não havia jeito. Cientificamente, através da Medicina. Daí a busca de sua última esperança no Juazeiro. E graças à orientação do Padre Cícero, sobrevive mais quatro anos. Em seus últimos dias, pressentindo a chegada do momento inevitável, lembra à Mocinha e aos filhos, repetidamente, o que tinha ouvido um dia em sermão na Igreja do Rosário, em Viçosa, nunca mais esquecido e adotado como lema espiritual de vida:

- *Tudo sem Deus é Nada. Nada com Deus é Tudo*

Com o agravamento de sua enfermidade, Izídio não deixa passar um dia sem recomendar aos filhos que cuidem bem de *Charlote*, que tinha caminhado 120 léguas, de Alagoas ao Ceará. Uma façanha inacreditável. Só vendo. Em seu instante final de vida, faz o último carinho, passando a mão direita, vagarosa e afetuosamente, sobre a cabeça do seu cão-herói, protetor, companheiro e amigo, absolutamente fiel. Deixa a todos da família de olhos lacrimejando.

Vencido pela enfermidade incurável, Izídio morre jovem, ao final de 1930, com apenas 36 anos, deixando viúva e cinco filhos menores. Além de muita dor e uma saudade sem fim. Em respeito à sua memória e como última homenagem, seu corpo é enterrado ao lado de pequenina e modesta capela dedicada à Nossa Senhora das Dores, que ele mandara construir no fundo do quintal de casa, junto aos pés de bambu. Uma chuva fina cai na manhã cinzenta e cheia de tristeza. Sobre o túmulo de Izídio seis pequenas rosas no adeus final. Mocinha e filhos em lágrimas incontidas recebem o conforto amigo de *Charlote*, ali por perto choramingando. Vão todos viver longos dias de luto e tristeza.

Mesmo consciente que o desafio é enorme, Mocinha

sabe que tem de tocar a vida e que agora precisa trabalhar quintuplicado, sem saber como, para sustentar cinco filhos. Situação difícil. Angustiante. Mas ela tranqüiliza e conforta os filhos dizendo que, com a ajuda de Deus e do Padre Cícero, nada faltará. Sábia, promete que vai levá-los nos dias seguintes a um lugar chamado Tabuleiro. Cria a expectativa de uma coisa nova e agradável para reanimar os meninos abatidos pela morte do pai.

Entretanto, são todos, novamente, surpreendidos e chocados. Com a ausência de Izídio, seu cão fiel, *Charlotte*, entra em depressão. Longa depressão. Gostava tanto do dono – lembram todos da família - que, antes da viagem de Viçosa para Juazeiro, ao ser doado três vezes para um agricultor que morava distante mais de duas léguas, perto de Quebrangulo, nas três vezes, voltou para casa sozinho, causando admiração em todo mundo.

Certo de que não teria como mudar a vontade do fiel vira-lata, Izídio desiste. E assim, *Charlotte* acompanhara a família Tenório, heroicamente, caminhando, na longa viagem de 120 léguas até Juazeiro do Norte. Mais 5 do Juazeiro até São Pedro do Cariri. Viagem muito longa para um cachorro.



Agora, com a morte de Izídio, *Charlotte* (Fig. 15) não quer mais comer. Está ficando magrinho. Ossos aparecendo. Um caroço se transformara em ferida exposta em sua coxa direita. Ganha tratamento de Mocinha com meisinhas e carinho da família. Contudo, tal qual acontecido com a doença de Izídio, nada de cura. Desolado e triste em algum canto da casa, vai

definhando, definhando e definhando. Quase já não tem forças para se levantar. Nem mais late. E tem hora que parece estar chorando, de olhos marejados. De dá pena.

Como algo programado ou combinado, três meses depois de ter ido Izídio, vai-se também *Charlotte*. Mais dor e saudade para a família Tenório. Em casa, porém, todos vivem uma certeza comovente: *Charlotte* havia caminhado com resistência de gigante, mais de 120 léguas, para descansar com o querido dono no Paraíso. Fidelidade canina, sem igual, insuperável. Pensando no que faria Izídio, a família enterra *Charlotte*, com honras de herói, numa cova aberta junto ao tronco de bambu, ao lado da capelinha e da morada eterna de Izídio. Como em vida, um perto do outro, para sempre, no Paraíso.

Confortada e aconselhada pelo Padre Cícero, Mocinha vende o que tem em São Pedro do Cariri. Vai morar em uma casa de taipa comprada no Sítio Tabuleiro, área rural do município, uma légua depois da cidade, descendo a serra, à beira da estrada, na direção de Fortaleza. Com ajuda do amigo Boaventura, adquire ali um pedaço de terra, para sobreviver e viver nos anos seguintes. Em companhia dos filhos e de dois gatos de estimação. De tanta estimação que até conversa com eles, falando sozinha:

- Ô Menino, cadê Pachola?...
- Ô Pachola, cadê Menino?...
- Menino chama Pachola pra cumê...
- Pachola chama Menino pra cumê...
- Ocês não vêm não! Cumeram algum preá...
- Ocês são mermo duas leseira...

Faz tudo como o Padre Cícero recomenda. Perto de casa bota pequena plantação de milho, feijão, fava, andu, batata,

CIDADE GLORIOSA

mandioca, melancia e jerimum. Planta pés de manga, mamão, tangerina, limão, jaca e pinha. Começa a criar cabras, porcos e galinhas. Garantia de carne, leite e ovos, para comer. E porcos para vender, quando precisar de algum dinheiro.

Sem médicos e sem remédios no povoado do Tabuleiro, enche seu quintal de bonitos girassóis, mamona e perfumadas plantas medicinais indicadas pelo Padre Cícero. Quase uma em cima da outra formando verdadeira farmácia homeopática para tratamento caseiro de várias doenças: malva(ferimentos), hortelã (dores de cabeça), alecrim (garganta), cidreira(intestino), mastruz (gripes), manjerição (tosses), macela(indigestão), sabugueiro (cólicas) e eucalípto (febre). Sente-se, de longe, o aroma inconfundível de manjerição e alecrim no quintal da casa dela.

Um cheiro inesquecível!

IX

POUCO SABER MAS MUITA SABEDORIA

Como para quase todos os sertanejos do Nordeste, também para Mocinha, retirante das Alagoas, Padre Cícero, enquanto vivo no Juazeiro do Cariri, é sacerdote, padrinho, professor, pai, médico, orientador, protetor, conselheiro e até juiz, se precisasse. Ela não decide nem faz absolutamente nada importante, para ela ou para sua família, sem ouvir a palavra ou o conselho dele. Confia demais no Padre Cícero, plenamente, como santo, sábio e justo, segundo lembranças de Toinho ainda do tempo de menino morando com ela no Tabuleiro:

- Ela gostava de criar porco. Quando um ficava bem gordo, vendia. Então, viajava de a pés, daquela lonjura, ao Juazeiro e entregava todo o dinheiro apurado ao Padim Ciço. Com a maior satisfação. Sentia alegria em fazer isso. Não ficava com nada. Ele é que devolvia alguma coisa pra ela e guardava o resto pra quando ela precisasse. Era assim que ela fazia.

Provavelmente, como sintoma da perda prematura do pai, Izídio Tenório, em São Pedro do Cariri, o menino Toinho passa a desenvolver um inchaço na coxa da perna direita. Diz à mãe que não sente dores, mas a coxa está inchando. Cada vez mais, inchando. Passa a ser uma nova preocupação para Mocinha que começa a se valer das plantas medicinais do seu quintal, fazendo chás e mezinhas por orientação do Padre Cícero.

Depois de semanas de tentativas, nada de resultado. Pelo contrário, Toinho está ficando é com dificuldade para vestir a calça. Por causa do inchaço já não pode vestir, normalmente,

a coxa direita. Chega ao ponto de a mãe ter que abrir, com tesoura, uma brecha na calça, na altura da coxa molestada, para que ele possa vesti-la. Sem saber mais o que fazer, Mocinha decide, então, levar o filho até Juazeiro. E lá se vão, ela a pés e ele montado em *Rochedo*, o resistente jumento de estimação da família. Depois de seis léguas lentamente percorridas, novamente Juazeiro e novo pedido de socorro ao Padre Cícero:

- Meu Padim Ciço, cure a coxa desse menino. Já fiz tudo que é de meizinha, mas ele não fica bom. Bote uma bênção nele e diga um remédio pra acabá isso. Pela Mãe das Dores, isso me dá uma afrição...Cure meu Padim...



Padre Cícero, Protetor

Com atenção e bondade de um pai zeloso, Padre Cícero (Fig. 16) põe a mão direita sobre a cabeça de Toinho, suavemente, olha para coxa direita doente dele, pela brecha aberta na calça, e fala ao menino, fazendo o sinal da cruz: *Que a Santa Virgem o abençõe*. Depois, com semblante de paci-ente conselheiro, dirige-se à mãe nervosa e ansiosa, receitando baixinho:

- Faça chá de batata com velame. Dê a ele uma xícara pela manhã e outra à noite. Faça isso duas semanas que ele vai ficar bom. Deus a guarde em saúde e em paz com todos os seus...Que tenham a proteção da Virgem das Dores!

Sensibilizada e agradecida, Mocinha não se contém. Há muito tempo que vem bastante preocupada com o filho ali presente porque não vê futuro para ele sem educação. Sobre o

outro, Zezinho, o mais velho, acha que ele vai saber se virar, mas Toinho precisa de ensino. Ele não freqüentara escola em Poção, na Viçosa das Alagoas, nem em São Pedro do Cariri. E no Tabuleiro, onde agora moram, nem escolinha existe. Mocinha aproveita e apela:

- Meu Padim Ciço, me adesculpe, mas peço também a sua ajuda pra outro pobrema com esse menino. Ele inté agora num estudô nem teve onde estudá. A dificuldade é grande. Como vou arresolvê isso?

Mais uma vez, paciente e paternalmente, Padre Cícero (Fig. 14) põe a mão direita sobre a cabeça do menino, observa detidamente o rosto dele e, como um sábio anatomista que percebe o grau de inteligência pelo ângulo facial, dirige seu olhar penetrante aos olhos da mãe. E na maior naturalidade, como se vendo claramente o futuro, sentencia sem pestanejar:

- Fique tranqüila. Não precisa se preocupar. Ele não estudou, mas ele é inteligente e vai saber o suficiente para resolver todos os problemas em sua vida...

Confortados, mãe e filho saem desse encontro com Padre Cícero, em 1931. Único encontro real e ao vivo de Toinho, aos 10 anos de idade, com o “Santo do Juazeiro” em pessoa, aos 87 anos. Nunca mais haveria outro. Mas, também, ele jamais esqueceria daquele momento pressagioso. Principalmente porque o chá de batata com velame cura sua coxa direita e porque aprende o suficiente para resolver todos os problemas em sua vida.

Em verdade, Toinho só tem a chance de estudar apenas 15 dias. Como naquele tempo educação não é prioridade dos Governos e não há escolinha no Tabuleiro, de vez em quando, a

CIDADE GLORIOSA

Prefeitura de São Pedro do Cariri contrata um professor do Juazeiro ou de outro lugar para um curto período de aulas nos sítios e povoados do município. Assim, Toinho tem 15 dias de aprendizado. Faz Beabá, ABC, tabuada, fundamental, aprende a ler e a escrever, tudo em apenas 15 dias. Somente 15 dias. Quase inacreditável. Menos para o Padre Cícero com sua capacidade de prever o futuro. E menos para Toinho, privilegiado de inteligência e com vontade maior do que adversidade:

- Foi pouco, mas o suficiente, como ele disse, o suficiente...

X

ADEUS FINAL AO SANTO DO JUAZEIRO

Uma multidão abatida, triste, inconsolável. Mais de 60 mil pessoas, dizem. Cidade superlotada. Gente chorando por todos os cantos. Gente nos telhados. Gente em cima de árvores. Gente rezando nas casas. Panos pretos nas janelas. Pagadores de promessa ajoelhados nas esquinas. Igreja de Nossa Senhora das Dores cheia. Praça Almirante Alexandrino cheia. Rua Grande cheia. Rua São José cheia. Praça do Socorro cheia. Juazeiro todo de luto e arrasado. Mas tudo em ordem. Sem confusão. Muito choro e muitas lágrimas. Dor geral. Comoção geral. Desilusão geral. Tristeza geral. Parece o fim do mundo.

Em meio à multidão que segue, respeitosamente, o cortejo com o caixão levando o corpo do Padre Cícero para ser enterrado na capela do Socorro, na manhã de 21 de julho de 1934, lá estão Mocinha e seu filho Toinho. Aos 90 anos de idade, o velho Patriarca do Juazeiro morrera no dia anterior. Como milhares de outros nordestinos, mãe e filho, romeiros alagoanos retirantes de Viçosa, conseguem chegar em tempo para o adeus final ao padrinho. Mas nada fácil. Correria mesmo.

Meio atordoados, chegam ao Juazeiro vindos do Tabuleiro, em São Pedro do Cariri. Mais de seis léguas de caminhada. Ela cumpre o trajeto a pés, apressada e ansiosa, chorando e rezando sem parar, e ele, silencioso e pensativo, montado na cangalha sobre Rochedo, jumento pra toda obra da família, incluindo ofícios religiosos. Um viajante havia passado no Tabuleiro, desesperado, avisando todo mundo, aos gritos:

- Meu Padim Ciço morreu! Meu Padim Ciço morreu!

Perdidos no meio da multidão (Fig. 17), apesar do esforço e da vontade, não podem ver o que mais querem: o querido padrinho. Dificuldade maior para Toinho, ainda menino, adolescente e pequeno no meio daquele povão em desespero contido. Com apenas 13 anos, sua memória guarda somente o mar de gente com expressões de dor e sofrimento. E não esquece também de um avião sobrevoando a multidão e jogando uma coroa de flores sobre o triste cortejo.



De volta para o Tabuleiro, Mocinha refaz o caminho chorando, baixinho, rezando o rosário, o tempo todo recomendando Padre Cícero à paz eterna de Deus e pedindo a proteção da Mãe das Dores. Ela mais do que gosta e admira o Padre Cícero. Ela verdadeiramente ama seu *Padim Ciço*, como santo, sábio e justo. Seu maior amigo, seu maior protetor e sua maior segurança. Está de coração partido. Montado sobre *Rochedo*, Toinho sente o tamanho do sofrimento dela e faz sua oração:

- Nossa Senhora das Dores, alivia a dor de minha mãe!


Mesmo arrasada, Mocinha não demonstra desespero, nem alucinação. Está sofrendo muito, mas já aceitando a realidade. “*Seje feita a vontade de Deus!...*” justifica. Quando deixa de chorar um pouco, não se cansa de passar para Toinho o que ouvira, no meio daquela multidão triste, de algumas pessoas sobre os últimos momentos do Padre Cícero em vida. Durante parada para uma merenda de tapioca com rapadura, à sombra de um espinheiro, no caminho de subida da Serra de São Pedro, conta ao filho:

- Dixeram que meu Padim passô quase um dia inteiro de agonia. Com muita dor, sofrendo demais, gemendo o tempo todo. Que ele tinha muita cólica. Que seu pobrema era no intestino. Sem poder fazer as necessidades. Até óleo de rícino deram pra ele. Não deu resultado. Dixeram que o médico fez tudo. Mas, quanto mais o tempo ia passando, mais ele ia piorando. Mais dor e muita dor. Uma coisa dolorida, vixe Maria! De cortar o coração. Coitado! Foi assim até 6 horas da manhã. Aí o meu Santo Padim Ciço não güentou mais. Suspirou e entregou sua aima a Deus. Agora, vai descansá ao lado de Deus Pai, do Filho e de Nossa Senhora das Dores. Mas um dia ele vai tornar, meu filho, ele vai tornar...

Muito mais coisas contaram pra ela que vai repassando ao filho. Que os médicos assistentes do Padre Cícero agonizante tinham ficado atormentados quando viram que ele não ia mais escapar. Que mesmo já morrendo, sem forças, ele ainda conseguiu levantar o braço direito e fazendo três cruzeiras para os lados abençoou o povo do Juazeiro. Que, depois disso, lhe deram um crucifixo e ele abraçou, ternamente, o Cristo crucificado. E que ele ainda deu uma bênção especial para sua diligente governanta, beata Joana Tertuliana, chamada Madrinha Mocinha.

Para Maria Luiza de Souza, viúva de Izídio Tenório, das Alagoas, aquilo é quase o sinal de uma mensagem de conforto do Padre Cícero para ela. Afinal, desde jovem em Viçosa é chamada, também, de Mocinha. Mesmo não sendo beata, sente-se, assim, igualmente gratificada e agradecida pela última bênção do padrinho. Agora, isso faz parte da história da família. Coisas que jamais serão esquecidas. Mas, de tudo o que ouvira da mãe, fica para sempre, sem alteração, na memória de Toinho, uma frase que ela dizia ter sido as últimas palavras dele:

- No Céu, pedirei a Deus por todos vocês!



**“No Céu
pedirei
a Deus
por todos
vocês”**

XI

FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É...

Forçados pelas circunstâncias, necessidades e vontades pessoais, os únicos dois filhos do saudoso Izídio Tenório de Souza, logo mostram vocação para os negócios. Em Alagoas, o pai nunca tivera comércio, nunca fora comerciante. Sempre havia sido um agricultor com vocação de negociante.

Com facilidade, comprava em Viçosa e vendia em Paulo Jacinto, comprava em Paulo Jacinto e vendia em Viçosa, na condição de viajante tropeiro. Deixa essa habilidade como herança e talento mais forte nos filhos Zezinho e Toinho que, bem jovens, se iniciam nos negócios.

Mais ou menos 1933. Ainda não existe a atual rodovia CE-060, ligando Juazeiro do Norte a Fortaleza e passando pelo Tabuleiro de São Pedro do Cariri. Há apenas um caminho, que serve especialmente aos viajantes tropeiros, trazendo e levando mercadorias de e para Juazeiro, já o principal centro comercial da região sul do Ceará.

Um desses viajantes reside em Canabrava, sítio distante do Tabuleiro, mas ainda no município de São Pedro do Cariri. Manuel Martiniano Gomes, alagoano de Mata Grande, moreno-escuro, alto e magro, sempre de cabelo raspado zero, passa a usar esse caminho, uma vez por semana, transportando, em seus dez burros, cargas de caçuás de banana para o mercado de frutas no Juazeiro.

Como o trajeto é longo, muito despovoado e não dá para ser cumprido todo num dia, Maneco, como é chamado, tendo



que passar pelo Sítio Tabuleiro, resolve, um dia, pedir rancho à noite na casa de Mocinha (Fig. 16) para, dia seguinte, seguir até Juazeiro. Simples e discreto, sempre vestido de roupa de tecido grosso, calça e

camisão da mesma cor, como um uniforme, camisa por fora da calça, de mangas compridas e abotoado até o pescoço, calçando alpercatas de pneu largo. Parece merecedor de confiança e atenção. Pousada consentida uma, duas, três vezes, vira pousada rotineira. E agradável.

Em pouco tempo, o tropeiro já é aguardado para o jantar uma vez por semana. Ele conta suas histórias e retribui a gentileza doando bananas para merenda da família Tenório. Embora ainda resistente a ter substituto para seu querido e saudoso Izídio, Mocinha simpatiza Maneco. Acaba sendo conquistada pelo seu jeito discreto e seu espírito religioso. Assim como Mocinha, ele tem muita fé na Mãe das Dores e no Padre Cícero. Dá namoro e dá casamento. E, na intimidade da família, Maneco vira Neco.

Únicas filhas de Izídio, Maria, Raminha e Rosa aceitam a presença do agora padrinho Neco, naturalmente. Sem conflitos. Sem problemas. Sem desconforto. Mas Zezinho e Toinho reagem diferente, meio enciumados. Mesmo sem terem nada contra o novo marido da mãe, aparentemente bom, trabalhador, responsável e tranqüilo, os dois decidem sair de casa para ganhar a vida e o mundo.

Zezinho Tenório, o mais velho, 18 anos, convence Toinho Tenório, o do meio, 16 anos, e os dois se mandam para Araripe,

na fronteira do Cariri com Pernambuco, não muito distante de Juazeiro do Norte. Por obra e graça do Padre Cícero, Araripe está transformado no maior centro produtor de mandioca do Nordeste. Depois de muita procura, encontram uma propriedade de terras para trabalhar, morar e ganhar alguma coisa.

Fazendeiro de espírito aberto e servidor, Mariano Vitorino garante aos dois moradia e alimentação por um ano em troca de serviços agrícolas em sua propriedade. E ainda cede um bom pedaço de terra para que possam produzir e colher mandioca para eles. Como parte do pagamento, sem dinheiro no meio.

Dispostos, sem medo de trabalho, os dois cuidam, zelosamente, dos serviços do patrão e dos interesses próprios. Ao final do primeiro ano, surpreendentemente, obtêm grande safra. Com autorização do fazendeiro, usam os aviamentos da propriedade e transformam a mandioca em 60 sacos de farinha da melhor qualidade. Levam a produção em cargas sobre jumentos para Juazeiro e São Pedro do Cariri. Tudo vendido. Rapidamente.

Pela primeira vez, os dois pegam em dinheiro próprio. Empolgado, de espírito aventureiro e imaginando sucesso em outra atividade, Zezinho convence Toinho e os dois deixam a fazenda no Araripe. Com o dinheiro apurado, Zezinho compra objetos de artesanato no Juazeiro e leva para São Paulo onde vende e ganha bastante dinheiro. Mantém-se nesse negócio por muitos anos, entre Juazeiro e São Paulo, até fixar-se, definitivamente, em Andradina.

Já Toinho, sempre comedido, cauteloso e previdente, prefere voltar a morar com a mãe no Tabuleiro. Pensa que ela pode precisar dele. Com sua parte em dinheiro da farinha de mandioca, sabe que pode ajudá-la. Outra vez em casa, logo



percebe que a rotina da nova realidade não é tão diferente da que existia no Poção, em Alagoas. Até o oratório (Fig. 19) é quase igual ao da casa em Viçosa. Apenas a estatua do Padre Cícero agora é maior. Mas o amanhecer da família é semelhante à de Poção com Mocinha e Neco, seu novo marido, de joelhos em piso de chão batido e fazendo o mesmo “ofício da madrugada”, em ritmo de cantochão:

- Mãe de Deus, Mãe Soberana, Mãe das Dores...De hoje para sempre eu me entrego a vós, como filho e como servo. Consagro ao vosso serviço minha alma, o meu corpo e tudo que me pertence. Abençoai minha família, o meu trabalho, os meus haveres. Sede minha protetora na vida e conduzi-me ao céu para viver feliz por toda a eternidade. Amém!”.

De tanto ouvir, Toinho também já sabe de cor essa reza que escuta todos os dias às 5 da manhã, ainda no escuro da madrugada. Pensando com seus botões, acha aquilo meio estranho, mas, estranhamente, bonito. Agora, o “ofício da madrugada” tem uma novidade em relação a Poção. Mocinha e Neco rezam também o que chamam de bendito cantado.

*- Bendito e Louvado seja
o lugar da redenção,
Nossa Senhora das Dores
e padinho Ciço Romão*

*- Bendito e Louvado seja
o lugar da redenção,*

*a terra da Mãe de Deus,
o porto da salvação*

É uma oração cumprida, quase sem fim. Que deixa Toinho cansado e ansioso esperando o café da manhã, sempre o mesmo de cada manhã: café adoçado com rapadura e um prato de cuscuz ainda fumaçando, com leite de cabra quentinho, saídos do fogão à lenha que ocupa quase metade da pequena cozinha. Contudo, a oração da madrugada parece não ter fim. E parece também ser repetida. De joelhos, contritos, olhares fixos no oratório, Mocinha e Neco cantam o bendito com extrema devoção. E, geralmente, terminam assim:

*- Salve meu padinho Ciço
lá em seu trono de glória,
no céu tá resplandescente
junto cum Nossa Senhora*

*- Lembrai-vos meu padinho Ciço
que somos vossos romeiros,
abençõe vossa terra
nosso Santo Juazeiro*

Conforme recomendação do Padre Cícero, o ambiente na casa de Mocinha é de trabalho e oração, de oração e trabalho. Cada hora para sua função, mas não faz mal trabalhar orando nem orar trabalhando. Manter os filhos na religião de Deus e da Mãe das Dores é uma questão de crença e de honra para Mocinha, que já tem mais dois filhos – Alcino e Neuza – do segundo casamento. Por isso, além do próprio exemplo, de vez em quando, repete aos filhos o lema do saudoso pai deles:

- Tudo sem Deus é Nada. Nada com Deus é Tudo

Sempre saudoso do pai e tendo herdado dele o dom para negócios, em pouco tempo, com o apoio da mãe, Toinho improvisa umas prateleiras na sala da casa e nelas expõe algumas coisinhas que o pessoal do sítio, longe da cidade, precisa: sal, rapadura, bolachas, café em caroço, álcool, querosene, cordas... Tudo pouquinho. E assim, com a mesma habilidade do pai, Izídio, surge o comerciante Antonio Tenório de Souza.

Começa Toinho, então, a projetar seu futuro. E sua própria casa, que decide construir bem na beira da estrada do povoado, perto da residência da mãe, obviamente para ajudar e ser ajudado. Reserva dois cômodos para o comércio. Serão ocupados por mercadorias para atender aos moradores do sítio e aos viajantes. Quem sabe, pensa, o pouquinho da bodeguinha pode se transformar em muito. Será dono da maior e mais sortida bodega do Tabuleiro.

Questão de vocação. Filho de peixe...

XII

SERMÃO ECOLÓGICO DOS SERTÕES

Dia claro, sol ameno. Céu azul sem nuvens. Cheiro gostoso de terra molhada. Pássaros em revoada no cume do Morro dos Coqueiros, lugar de três grandes coqueiros. Vento sussurrando e folhas farfalhando. Protegido por chapéu de palha, corpo franzino de 1m78 de altura apoiado numa enxada, em posição de descanso, depois de ter feito, ladeira abaixo e ladeira acima, dez carreiras de covas de feijão para aproveitar as primeiras chuvas do inverno de 1946, Toinho observa, detidamente, o que existe no seu patrimônio. Leva uma vida de integração direta e total com o ambiente natural e faz, para si mesmo, um resumo quase pictórico.

Uma casa grande, de alvenaria, ampla e boa, que acabara de construir, em cima do Morro da Estrada, à beira da rodovia ligando Juazeiro do Norte a Fortaleza; matas fechadas e virgens ocupando a maior parte das terras, com alguns trechos de tabuleiros e capoeiras; água abundante, das chuvas, em correnteza no vale do sítio; uma mina d'água perene pertinho de casa; e muitas árvores frutíferas, de frutas das mais apreciadas, como manga, banana, laranja, lima, pinha, cajá e caju. Uma maravilha!



Mesmo não sendo uma região de floresta densa (*Fig. 20*), predominando, em sua maior parte, matas esparsas, bosques, caatingas, campos cerrados, capoeirões e savanas, o Tabuleiro dessa época tem a presença de árvores nativas de madeiras

importantes e úteis da flora brasileira, algumas tão resistentes que imputrescíveis: angico, aroeira, braúna, pau-ferro, jacarandá, maçaranduba, pau-d'arco, cedro, pau-pereira, carvalho, peroba e sucupira. Tudo madeira nobre.

E outras mais brandas como eucalipto, timbaúba, jatobá, imburana, umbuzeiro, oiti, canarana, gameleira, embaúba, faveira, tinguí e jenipapo. Nessa composição florística bem variada, grande mesmo é a quantidade de canafístola, marmeleiro e espinheiro. Em todo canto tem unha-de-gato. É um castigo de unha-de-gato. E, existem ainda, nos cerrados e savanas, muito capim, mata-pasto e carrapicho. Bastante carrapicho. Mas o Tabuleiro parece o tempo todo verde, muito verde. Verde mantido por chuvas freqüentes que fazem Toinho lembrar, sem saber, versos de Catulo da Paixão Cearense:

- A chuva caiu, caiu lá na serra, lavou meu rosto e molhou toda a terra...

De olhos nesse panorama de paisagem exuberante e diversificada, admirando desde as copas das árvores ao brejo da várzea verde do Tabuleiro, tudo aquilo à sua disposição, Toinho dá amplitude à sua imaginação e vislumbra o seu futuro: mulher e filhos em harmonia e felicidade; filhos brincando na represinha; carros e viajantes parando na bodega sortida; pés de cajazeiras, na frente e atrás de casa, amarelinhos, carregados de cajá; barreiro sempre cheio de água para os animais; cabras e vacas produzindo leite; porcos cevados no chiqueiro; pasto à vontade para os animais no cercado do Morro da Oitica; e tudo verde até onde a vista alcança, o Morro do Além, um horizonte verde-azulado de matas com bastante água e muita fartura. Um paraíso para dividir com alguém de lugar já reservado em seu coração.

Do topo do Morro dos Coqueiros, Toinho avista um mostruário colorido e vibrante dessa riqueza ambiental no brejo da baixada do sítio, cortada por correnteza de um riacho e repleta de alimentos silvestres: periquitos, pássaros pretos, rolinhas, coleiras, galos-de-campina, bem-te-vis, azulões, pintassilgos, sabiás, joões-de-barro, canções, pica-paus, curiós, sofreus, socós, lavadeiras, sanhaços, tetéus, tico-ticos, beija-flores, marrecos, mergulhões e paturis em burburinho de vibrante trilha sonora. De matas e bosques próximos, outros sinais da avifauna: periquitos, ararinhas, tucanos, xexéus, seriemas, gaviões, cordonizes, nambus, ribaçãs, juritis e uma variedade enorme de rolinhas (fogo-apagou, caldo-de-feijão, cinzentas, pintadas). Uma festa de pássaros!

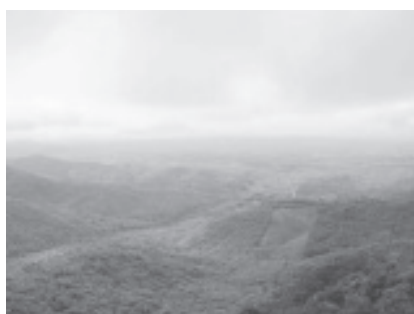
Em capinzal verde e cheio de pendões, cercando o pequeno açude na várzea, Toinho pode presenciar, diariamente, um espetáculo à parte de muitos tizius. Sim, tizius, passarinhos pequeninos, pretinhos-azulados, comendo sementes de capim, cantando e dando pulos verticais, únicos e exclusivos. Eles completam o espetacular show visual da natureza viva. De cores em plumagens e de cantos maviosos. De sonoridade original. De beleza e encantamento. Uma obra de arte natural, cheia de poesia. Assim é o Tabuleiro dessa época.

Solitário e contemplativo, Toinho olha tudo aquilo pensativo. Compenetrado e tão integrado ao meio-ambiente que chega a ouvir o som das borboletas batendo asas sobre pequenas flores entre as plantações do seu roçado. Pensativo e satisfeito com o que tem, um paraíso natural, e principalmente com sua maior obra até então, construída na beira da estrada: casa grande de dez cômodos, tijolo aparente nas partes externas, rebocada e pintada internamente e na frente, parapeito na parte superior frontal, alta calçada de cimento em volta, frente com duas portas e duas janelas, oitão livre ao lado da estrada,

CIDADE GLORIOSA

cajazeiras ao lado, curral para vacas, chiqueiro para porcos e cercadinho para bodes e cabras. Bem na frente da casa, dois vistosos pés de benjamins, crescidos e sempre verdes. E diz para si mesmo, balbuciando:

- Cum fé em Deus e meu Padim Ciço, nada vai faltar...



Sabe Toinho, de ouvir dizer, que essas terras de Caririçu, no Vale do Cariri, de clima agradável, de serras e serrotes, de matas e da floresta do Araripe (*Fig. 21*) e cheias de vales e brejos, são as melhores do Nordeste para agricultura. Sabe, também, que, por isso, a região, nem sempre é atingida pelas terríveis secas que, há séculos, fazem sofrer grande parte da população nordestina.

Entretanto, lá no seu íntimo, sente que precisa ser cauteloso em tudo. É necessário. É melhor. Especialmente porque nem ele, nem ninguém, pode dizer quando, novamente, outra grande estiagem chegará ao Tabuleiro. Nunca se sabe. Lembra de sua mãe dizendo que o Padre Cícero, alertando sobre as próximas secas, dizia:

- Somente quem tiver legume guardado em casa, não passará fome.

Mesmo muito curioso, o que Toinho não sabe é que o Cariri é considerado um resumo do Nordeste: clima de Zona da Mata, quente e úmido; clima da Zona do Sertão, quente e seco; e clima de Zona do Agreste, misturando os climas da Mata e do Sertão. Por isso sua população rural sempre encontra no Cariri

condições ideais para o cultivo de plantações que exigem esses climas. Um exemplo é a região de Barbalha, ao lado do Juazeiro do Norte, terra boa para cana-de-açúcar. Parece até com a Zona da Mata de Pernambuco. Dessas coisas Toinho não sabe. Nem que o Cariri tinha sido, no passado, coberto por águas do mar, depois paraíso de dinossauros.

Mais do que ninguém, porém, sabe o que é o drama da secas. Desde sua chegada ao Tabuleiro, em São Pedro do Cariri, em 1930, é testemunha de duas grandes: uma em 1932 e outra em 1942. Se essas secas afetaram o Cariri, demasiadamente – imagina -, com certeza arrasaram o resto do Nordeste, agravando a pobreza e a miséria. Para ele, a de 32 foi a pior. Durou dois anos fazendo um estrago grande.

- Foi uma bagaceira medonha. Só vendo!...

Toinho faz questão de dizer e repetir que nunca havia visto algo parecido com o que viu em 32. Sua memória permanece guardando fortes imagens de flagelados pedindo socorro, muitos morrendo de fome nos caminhos. E, segundo suas lembranças, se não tivesse sido o então ministro de Obras Públicas, José Américo de Almeida, que botou uma comissão de apoio no Sítio São José, no Juazeiro, com um monte de barracas distribuindo comida ao povo pobre e faminto do Cariri, ninguém saberia calcular até hoje o tamanho da calamidade.

- Tinha morrido muito mais gente, vixe Maria!

Observador, Toinho acha ter sido por causa desse horror que o Governo de Getúlio Vargas havia criado, em 1936, um programa chamado Polígono das Secas, com muito dinheiro para o Nordeste. Destinado a área de 936 mil quilômetros quadrados da área total de 1.548 milhão de quilômetros

quadrados, mais da metade da região. Sabe que, mesmo não sendo exatamente uma área de seca, por ser um vale de muitas matas e freqüentes chuvas, o Cariri passou a fazer parte desse polígono porque, diziam, somente no Ceará o programa era para todo o Estado. Em outros, beneficiava apenas algumas regiões.

Como não quer ver mais o flagelo que vira em 1932, cauteloso e previdente, ao construir em 1945 sua residência para o casamento em 1948, o sertanejo retirante de Viçosa, embora de pouca instrução, adota algumas providências na terra em torno da sua casa. Medidas de causar admiração a professores e pesquisadores de educação rural que, por acaso, passassem pelas bandas do Tabuleiro, em São Pedro Cariri. Parecem de acordo com excelente manual de ciências agrárias.

Cuida de preservar a vegetação nativa nos terrenos ladeirosos para evitar erosão; mantém as matas fechadas para garantir clima ameno, chuvas e sobrevivência da fauna; constrói uma pequena represa para reservatório de água das chuvas e de nascentes existentes num serrote; preserva uma cacimba com mina de água natural; e planta diversas árvores frutíferas, como manga, banana, laranja e caju, para melhorar a flora e satisfazer às necessidades da família. Deixa para roçados apenas terrenos sem matas ou com vegetação rasteira de tabuleiro, facilmente recuperável nos invernos.

Faz tudo ecologicamente correto numa época em que não existia preocupação com manejos florestais de impacto na natureza. Muito menos consciência ambiental. Simples homem do sertão, sem estudos, Toinho age como inteligente e prático. Já tem essa orientação voltada para a preservação do meio-ambiente no distante 1945 quando a tendência de maior adesão no Brasil é a de explorar o meio-ambiente no interior, a qualquer custo. Até derrubando matas, se necessário, para abrir espaço

ao progresso. É que sua fonte de informação e de inspiração merece dele a maior confiança e o maior respeito. Garante-lhe segurança quanto ao que deve ser feito corretamente para preservar a qualidade da terra.

Somente muitos anos mais tarde, em 1970, já ficando famoso no Brasil por seus estudos e alertas em defesa do meio-ambiente e da ecologia, um cientista da Universidade Federal Rural de Pernambuco, de nome Vasconcelos Sobrinho, descobre algo surpreendente: tudo aquilo, que sertanejos, como Antonio Tenório, do Tabuleiro, vêm fazendo há décadas em suas terras, pelo interior do Nordeste, está, por mais incrível que possa parecer, conforme ensinamentos do “Santo do Juazeiro”, algo de impacto pedagógico. Desde então, o cientista passa a ser o maior defensor e divulgador do que ele próprio define como “preceitos ecológicos do Padre Cícero”: (Fig. 22)



- Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.
- Não toque fogo no roçado, nem na caatinga.
- Não crie o boi nem o bode soltos.
- Faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.
- Não plante em serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé.
- Deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.
- Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva.

- *Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.*
- *Plante, cada dia, pelo menos um pé de agaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.*
- *Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com seca.*

Seguidor do Padre Cícero, como os pais, Toinho pratica quase tudo isso. Quando ainda não se fala nem se pensa nos perigos e efeitos dos desmatamentos, nem de degradação de rios e cachoeiras, nem de extinção de espécies de fauna, nem da matança de passarinhos, nem de desastres ambientais, nem de deterioração da natureza, nem em buraco na camada de ozônio e nem aquecimento global, problemas que chegarão em futuro não tão futuro assim.

Único problema ambiental preocupante dessa época, em São Pedro do Cariri, como em todo o Nordeste, é a estiagem prolongada e seus horrores. Por isso, Toinho faz aquilo tudo em suas terras. Só não constrói cisterna porque no seu Tabuleiro conta com o privilégio de uma cacimba em terreno argiloso com perene mina d'água, tão natural e tão cristalina que parece azulada, protegida por um capinzal permanentemente verde, pertinho de casa.

Fora isso, faz tudo. Sempre lembrando do que sua mãe lhe dizia que o Padre Cícero dizia que se o sertanejo obedecesse a essas recomendações, a seca iria aos poucos se acabando e se acabando, os roçados botando boas safras, o gado

melhorando e melhorando, e o povo tendo sempre o que comer. Mas, se o sertanejo não obedecesse e fizesse tudo errado, dentro de pouco tempo, o sertão todo iria virar um grande deserto.

Por isso, muitas décadas antes das preocupações de cientistas e pesquisadores com meio-ambiente, ecologia e desastres ambientais, Toinho, no distante Tabuleiro, no antigo São Pedro Cariri, já segue velhos conselhos do Padre Cícero, dados desde o início do século XX, sobretudo depois da grande seca de 1915. Dessa maneira, fiel ao “Santo do Juazeiro”, como queria sua mãe, consegue boas colheitas de legumes, mesmo numa terra precária e desprovida de fertilidade para a agricultura e a fruticultura. Um tempo de fartura para Toinho nunca mais esquecer.

- Era um Tabuleiro bom aquele Tabuleiro!.

**“Não derrube
o mato, nem
mesmo um
só pé de pau.
Plante cada dia
pelo menos
uma árvore,
até que o sertão
todo seja
uma mata só.”**

XIII

FLORES NÃO FALAM, MAS EXALAM....

Girassóis, rosas vermelhas, brancas e amarelas, papoulas, gerânios, boas-noites, onze-horas, lírios, magnólias, margaridas, gérberras, jacintos, cristântemos e outras flores de cores variadas e perfumadas, além do forte aroma de manjeriço e alecrim. Jardim do terreiro na frente da casa da mãe de Toinho, no Tabuleiro, desperta atenção e curiosidade. Além de beleza, exala romantismo. Após uma légua percorrida a pés, desde Caririaçu, três mocinhas resolvem ali dar uma parada. E ficam sentindo o cheiro imperdível das flores.

Logo que percebe a presença das três, Toinho, no alpendre colocando ancoretas na cangalha de *Branquinho*, novo jumento da família, para buscar água de beber numa cacimba em várzea perto de casa, aproxima-se dando bom dia e perguntando se desejam alguma coisa. Das três, prontamente, uma delas pede um pouco de água. Ele vai lá dentro, traz uma quartilha de barro com um copo de alumínio brilhando de limpo e cuida de atendê-la gentilmente. Dá-se, então, rápido diálogo com uma pontinha de insinuação.

- *Ta vindo de onde?*
- *De Caririaçu.*
- *Vai pra onde?*
- *Pra uma farinhada no Chico Véi.*
- *E Chico Véi vai fazer farinhada?*
- *É meu pai na Casa de Farinha dele.*
- *E quem é seu pai?*
- *Zé Unias, lá do São Pedro.*
- *E ele tem terra no Tabuleiro?*

- *Tem, mais lá pra baixo.*
- *Me chamo Antonio Tenório.*
- *E eu Maria Siebra.*
- *Maria é um nome bonito...*
- *Por que?*
- *Lembra maio, mês das noivas...(risonho)*
- *Antonio também é bonito...(risonha)*
- *Por que? (risonho)*
- *Lembra o santo do casamento...(risonha)*

Olham-se sorridentes e suavemente insinuantes. Clima de flerte. Com 24 anos, alto, 1m78, magro, esbelto, cabelos pretos curtos e ondulados, rosto afinado, olhos castanhos claros, vestindo camisa bege, calça de mescla, e calçando alpercatas, Toinho é educado, sereno e gentil. Vive ajudando a mãe nas lavouras. Maria, com 16 anos, morena clara, mais ou menos 1m60, franzina, cabelos pretos, curtos e ondulados, olhos castanhos bem vivos, vestindo saia azul-escuro até o joelho, blusa branca de mangas curtas com lacinhos e calçando sandálias de dedo, é simples, de feições suaves, bonita e graciosa.

Estudante da única escolinha de Caririaçu, Maria, sua irmã Leonildes Siebra e sua prima Lilô Araújo mostram-se animadas com uma farinhada da qual vão participar no Tabuleiro. Um trabalho comunitário gostoso com gente do sítio descascando mandioca, contando estórias, cantando, fazendo e saboreando bolos, beijús, tapiocas e outros quitutes de mandioca. Uma festa mantida pela tradição de varias gerações. Antes da despedida, ela agradece e fala baixinho:

- *O jardim de sua casa é muito bonito e cheiroso!*

É o primeiro encontro, numa manhã clara de sexta-feira, de céu azul-anil e sol bonito, em maio de 1945. Mas não é um



encontro qualquer. Mais do que simpatia à primeira vista, um deslumbramento. Toinho nota alguma coisa no ar além do perfume das flores. Surpreso, pela primeira vez, já rapaz feito, sente algo diferente batendo no seu coração. E, de repente, começa a enxergar, como nunca tinha enxergado antes, o jardim de sua casa (*Fig. 23*). Percebe que flores combinam com fascinação. E passa a sentir, como nunca tinha sentido antes, o perfume das rosas. Que perfume!

Por ter ouvido as três conversando sobre a volta na segunda-feira, fica de plantão e ansioso. Quando Maria vai passando, novamente, em frente à sua casa, Toinho está de coração disparado, mas se aproxima calmamente. Entrega-lhe um buquê de gerânios. Ela agradece com um olhar terno e segue com as duas companheiras, todas com risadinhas incontidas. E antes de desaparecer no caminho, meio tímida, arrisca três olhadas para trás com um sorriso que ficará pra sempre na memória de Toinho.

Daí pra frente, o filho de Izídio e de Mocinha dedica-se, discretamente, a uma sucessão de descobertas. Que o pai dela, Zé Unias, agricultor e comerciante, mora em casa quase na entrada da rua principal e, então, praticamente única de Caririaçu. Que na frente da casa, tem um pé de benjamim na calçada. Que a mãe, doméstica, se chama Vicência. Que ele possui terras no Tabuleiro, no Pedro Velho, no Cedron e no Balanço, sítios do município. Que tem também bodega em Caririaçu. E que é uma pessoa séria, religiosa, honesta, trabalhadora e respeitada.

Meio acanhado, inicialmente, logo Toinho fica resoluto.

Embora julgando haver grande diferença social entre os dois, ele, pobre, e ela, de posses, acha que o mais importante é o que um sente pelo outro. Pela primeira vez, está tomado pelo sentimento chamado amor. Assim, todos os sábados, em visita a Caririaçu com o jumento *Branquinho* para vender lenha à descascadeira de arroz de Afonso Borges ou frutas para a feira semanal, na ida e na volta, faz questão de passar bem devagarzinho em frente à casa de Zé Unias. Ou de Maria. De propósito, arranja um jeito de parar o jumento para arrumar desnecessariamente a carga. Tudo na esperança de ver Maria, pelo menos na janela.

Depois de um início tímido, em que apenas se olham sorrindo, ele começa a parar para lhe oferecer algum presentinho do sítio, embrulhado: quando tem manga, manga; quando tem caju, caju; quando tem araçá, araçá. Sempre há safra de alguma coisa. E, discretamente, coloca junto às frutas uma florzinha do jardim de sua casa. Vira namoro.

São rigorosos os costumes da época. Mais rigorosos ainda os pais de Maria. Encontro dos dois, só na presença deles. Sem espaço para muita conversa. Mãos dadas, impossível. Beijar, nem pensar! Mas esbanjam afeto um pelo outro em olhares e sorrisos. Ao pressentir ter encontrado a mulher estrela de sua vida inteira, Toinho resolve demonstrar que é um rapaz sério e de boas intenções. E sem dizer nada a Maria, vai sinalizando.

Começa a construir sua casa no Tabuleiro ao final de 1945, pensando em ter família com ela. Faz tudo rápido. Em 1946, casa pronta. Mas fica esperando à beira da estrada (*Fig. 24*) ligando



Juazeiro a Fortaleza. Em 1946, casa ponta. Mas fica esperando que ela termine a escolinha. Chegando 1948, vai até o comerciante Zé Unias e pede sua filha em casamento. Como se não soubesse de nada, mas sabendo de tudo, Zé Unias consente, dá conselhos e faz o casamento na igreja matriz de São Pedro. Dia de festa para a família e de sonhos para o jovem casal.

Casados e felizes, morando no Tabuleiro, em 1949 Maria já está esperando o primeiro filho. Sem assistência e sem recursos médicos, sem condições sanitárias favoráveis, sem acompanhamento e sem alimentação adequados, e cumprindo tarefas pesadas, como apoio aos trabalhadores nas lavouras do esposo, Maria está com sua primeira gravidez ameaçada. Mesmo assim, nasce Socorro, nome adotado por promessa, na hora do parto, à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mas, fraquinha, a primogênita só tem três meses de vida. Para tristeza profunda de Toinho e Maria.

Creditando tudo à vontade de Deus, tocam a vida. Gravidez todo ano. Sem intervalo. São gerados 13 filhos. Mas, com o organismo de Maria gradativamente debilitado por tantas gestações, uma atrás da outra, desses, três nascem mortos e três morrem no primeiro ano de vida. Depois de cada nascimento, é comum, na casa de Toinho, reuniões longas de orações e velas acesas para salvar recém-nascido.

Um deles, Gesualdo, nasce tão fraquinho que passa meses morre-não- morre, morre-não-morre. Com vela não mão, símbolo de luz no caminho da Eternidade. Ou seja, não tem mais jeito. Mas tem, pelo volume de orações! Longe da cidade, dentro do mato, resta apelar aos Céus. Com Gesualdo, assim chamado em homenagem a um santo frade do Santuário Franciscano do Juazeiro, sete sobrevivem, o último nascido em 1968, já em

Caririaçu, graças a uma promessa de Maria ao “Taumaturgo do Nordeste”. Por isso, dá-lhe o nome de Cícero.

Enquanto moram no Tabuleiro, Maria é mais do que esposa, doméstica e mãe. É uma trabalhadora incansável. Solidária ao marido em tudo. Embora frágil, nos tempos de roçados, faz e leva o almoço cedo para Toinho e seus trabalhadores, sempre a pés e muitas vezes a léguas de distância. Sob o sol quente, às vezes escaldante, descendo e subindo ladeiras com uma panela de barro pesada na cabeça. Geralmente comida para cinco, seis pessoas. Deixa o almoço na roça e volta apressada para fazer sua refeição com os filhos em casa, deixados sozinhos e trancados.

De vez em quando, algum sobressalto. Certa vez, chegando já perto do roçado onde Toinho se encontrava, desequilibra-se num penhasco, escorregando num lajedo molhado e lá vai abaixo a panela, quebrando e perdendo toda a comida. Volta pra casa chorando e correndo para fazer outro almoço. Pronto, pegou novamente o caminho da roça onde chega muito atrasada e todos aguardando impacientes, mortos de fome. Relata a ocorrência e pede desculpas ao marido, que reage compreensivo:

- Ô Maria, não precisava ter feito isso...A gente comia à noite em casa...

Maria compreende e aceita os sobressaltos e dificuldades com tranqüilidade e humildade, consciente dos deveres e obrigações da missão de esposa e de mãe. Sabe que está construindo uma família. Atenciosa, bondosa, afetuosa, sincera, honesta, fiel, trabalhadora, responsável e solidária, sente-se feliz ao lado do marido. Agradece a Deus por isso e segue seu coração.



Vive em felicidade no Tabuleiro (*Fig. 25*). Gosta da vida rural. Das matas e dos campos verdes. Do cheiro de mato e de terra molhada. Do leitequentinho tirado das vacas no curral ao lado de casa. Dos galos cantando e das galinhas ciscando no quintal. Dos girassóis, jasmims e ipês cercando a casa. Da passarinhada cantando sem parar. Das mangas amarelinhas doces como mel. Das cajazeiras lotadas de cajá. Dos cajus e cajuís do sítio. Dos araçás de azedinho irresistível. Dos passeios com os filhos pequenos na várzea. Dos banhos com as crianças ao ar livre em riacho, 500 metros de casa, de água cristalina e morna. Das alegres visitas de parentes e amigas. Das novenas em casas de vizinhos.. Das lapinhas e dos reisados. Dos bolos de mandioca em forno no oitão de casa. Das noites de debulha com cantorias. Do apadrinhamento de crianças da região. Das freqüentes e animadas farinhadas. Das festas de confraternização com os moradores do sítio. Da vida cheia de vida. É feliz.

Dramático, para ela, uma única coisa: ficar só em casa com os filhos pequenos, quando Toinho está trabalhando em sítio muito longe, ausentando-se por alguns dias. Embora seja o Tabuleiro, então, um lugar seguro, sem ladrão nem de galinha, Maria angustia-se em noites de relâmpagos e trovões. Morre de medo. Coloca as crianças em cima da cama e, de joelhos diante do oratório particular em seu quarto, fica rezando e tremendo, tremendo e rezando. Até os céus se acalmarem. Depois, ao contar isso para Toinho, ele ri. E ela também.

Certa vez, durante uma dessas viagens de Toinho, Maria começa a escutar à noite um barulho estranho vindo dos quartos

no fundo da casa. De tanto medo, não consegue mais dormir. Passa a noite com o terço da mão, rezando. Dia seguinte, pede ao “compadre Neco”, padrasto de Toinho, para lhe fazer companhia porque está assustada. Neco vai dar plantão armado com o velho bacamarte de Toinho, enferrujado por falta de uso.

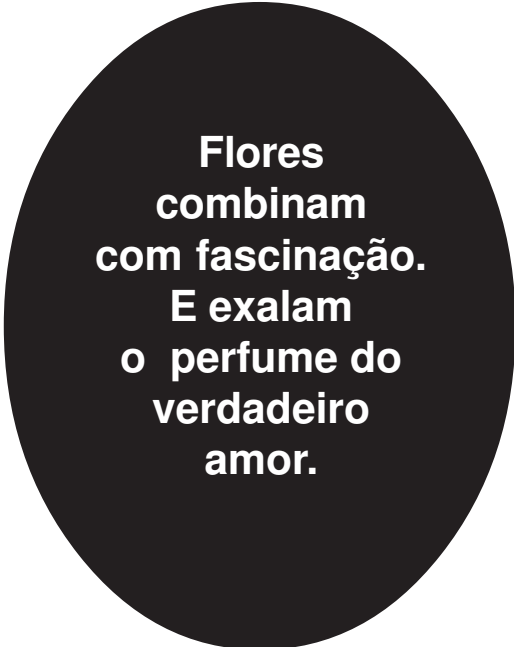
Quando se inicia o barulho – *tum-tum, tum-tum, tum-tum* – como alguma coisa batendo na parede, Neco se aproxima do quarto e tudo fica em silêncio. Assim se passam três noites. Até que Toinho chega de viagem. À noite, quando surge o intrigante e misterioso barulho, ele vai direto ao quarto, de bacamarte numa mão e lamparina na outra. Passa a chave, abre a porta e entra. Silêncio. Ele aguarda, pacientemente. De repente, sai de debaixo de um dos tubos de zinco cheio de milho seco, o bicho assustador que vinha lutando para abrir uma garrafa de aguardente ali guardada, empurrando-a contra a parede onde batia e voltava fazendo *tum-tum, tum-tum-tum*: um rato. Pinguço, certamente.

Embora extremamente humilde e simples, Neco tem presença certa na família de Toinho, não apenas porque padrasto dele, mas também porque é generoso e de ótima convivência com os afilhados que iam nascendo. Ele gosta muito de Gesualdo, que chamava carinhosamente de Zuzu, porque, aos quatro anos, muito magrinho, pernas finas, sempre adoentado, exige maiores atenções. Certa vez, nos arredores de casa, depois de fazer uma carga de lenha sobre o seu jumento, Neco, surpreendido e agradecido pela ajuda inesperada do frágil Gesualdo, que lhe traz alguns pequenos gravetos para juntar às toras de lenha, passa dias repetindo um elogio em linguagem infantil e quase ingênua:

- *Zuzu podeu!...Zuzu podeu!...Zuzu podeu!...*

Durante os dias de ausência do marido ocupado em lavouras distantes, além de todas as responsabilidades domésticas, Maria ainda atende, com simpatia e presteza, aos fregueses que aparecem na bodega querendo comprar alguma coisa. É assim a vida dos dois, nessa labuta quase diária, até 1958, quando deixam o Tabuleiro, mudando-se para Juazeiro do Norte, em seguida Caririaçu e depois, definitivamente, Juazeiro do Padre Cícero. Ela sempre feliz com Toinho. E ele sempre feliz com Maria.

Comedidos, discretos e recatados no namoro, comedidos, discretos e recatados no casamento. Jamais se permitem flagrar, pelos filhos, em atitude de afeto explícito um pelo outro. Nada de mãos dadas, nada de abraços, nada de beijos. Nunca. Mas, também, jamais se permitem flagrar, pelos filhos, em atitude de agressão explícita de um ao outro. Muito pelo contrário. Em 57 anos de convivência diária, unem-se fortemente por laços implícitos de atenção, respeito e carinho. Sem palavras e sem exhibições. Apenas com suaves mãos, ternos olhares, doces sorrisos e suspiros envolventes. Como na inspiração das flores no jardim do primeiro encontro. Elas não falam, mas, como dizem os poetas, exalam o perfume do verdadeiro e profundo amor.



**Flores
combinam
com fascinação.
E exalam
o perfume do
verdadeiro
amor.**

XIV

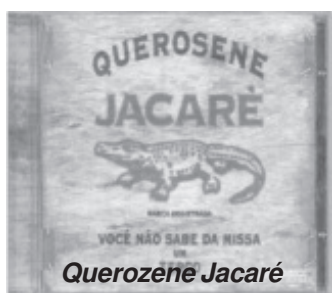
FELIZES NO POBRE E RICO TABULEIRO

Comerciante, agricultor, farmacêutico. Com o vigor de sua juventude e extraordinária capacidade de apreender rápido os ensinamentos da vida, durante os primeiros dez anos de casado, no Tabuleiro, o retirante de Viçosa, filho de Izídio Tenório de Souza, torna-se um servidor polivalente para os habitantes do lugar. Em qualquer necessidade, seja de produtos de consumo básico imediato, seja de produção agrícola, seja de socorro em casos de doença, todos correm à casa de Toinho.

Como se ele pudesse resolver tudo, sendo comerciante, ou agricultor ou farmacêutico. Muita coisa para quem tem apenas 15 dias de estudo formal na vida. Mas é assim mesmo. Ele conta com a ajuda valiosa de Maria e ambos estão sempre dispostos para atender a todos com sentimento de amizade, fraternidade e solidariedade. Os dois têm o prazer de servir e de fazer o bem ao povo pobre do Tabuleiro. Alegria íntima é o que sentem ajudando os mais carentes e necessitados.

Comerciante, Toinho tem uma bodega com um pouco de tudo para o povoado adquirir sem ter que ir à cidade: café, açúcar, coloral, pimenta do reino, cuminho, farinha, óleo, vinagre, bolachas, rapadura, batida, álcool, goma arábica, anil, sabão em barra, potassa, pregos, tachas, arame farpado, panelas, copos de alumínio, cordas, sacos de estopa, fumo em rolo, creolina, vassouras, sabonete, talco, brilhantina, uma infinidade de miudezas em geral. Até agulhas e botões. E algumas bebidas mais populares, como aguardente de cana Vale do Cariri, conhaque de São João da Barra, vinho de

jurubeba e genebra, chamada “zinebra”. Sempre há um litro dela, destacando-se pela cor, bem verdinha, nas prateleiras.



Mais: é a única bodega da região que vende gasolina da Texaco para os carros que ali passam e querosene Jacaré (Fig. 26) para as lamparinas que iluminam a noite em cada casa do sítio. Gasolina mantida em lugar seguro e bem vedado, um tonel conseguido junto à Organização Felipe Nery, tradicional distribuidor e comerciante de combustíveis no Juazeiro. Para atender ao cliente, Toinho usa uma mangueira. Prático, coloca uma ponta dentro do tonel, no nível da gasolina, e chupa a outra ponta, tomando fôlego. Logo o combustível sai indo direto para o recipiente de transporte. Já o querosene, guardado em latas de 20 litros, serve-o enchendo, por caneca e pequeno funil, as garrafas dos consumidores.

Para tentar combater seu único problema no negócio, exhibe um cartaz de alerta aos fregueses, pregado numa parede da bodega, em lugar bem visível, com duas caricaturas: um homem magro dizendo “*vendo fiado*” e outro, gordo, avisando “*fiado só amanhã*”. Mas a lógica de Toinho não funciona porque o cartaz em nada ajuda. É inútil. O povo não sabe ler e o jeito é anotar as compras num velha caderno.

Como agricultor, toca seus roçados colhendo, todos os anos, o feijão, o arroz, o milho e a mandioca necessários à manutenção da família. Cria em cercado de pasto no Morro da Oiticica, um pequeno rebanho de vacas e cabras. Porcos em chiqueiro no oitão de casa. E ainda ajuda o povoado com seus serviços de farmacêutico improvisado.

Sim, isso mesmo. Toinho vende remédios para diversas doenças. Mercúrio cromo, aguardente alemã, Cibalena, Melhoral, AS infantil, Colírio Moura Brasil, Biotônico Fontoura, Pomada Minâncora, Licor de Cacau Xavier, vermífogos, xaropes e variados comprimidos, além de óleo de rícino, muitas ervas medicinais e raízes. Tudo comprado no Juazeiro.

E Toinho ainda aplica injeção. Aprendeu só observando em função um funcionário da Farmácia dos Pobres, a primeira do Juazeiro, existente desde 1913, sempre no mesmo lugar, em frente ao logradouro que se transformou na Praça Padre Cícero. Uma injeção chamada “Pituitina”, para resolver quase todos os problemas, permanece entre suas muitas lembranças.

Sem ser farmacêutico, sabe exatamente para que serve cada remédio e cada erva. Para dor de cabeça, dor de barriga, dor de dente, intoxicação, cólicas, febre, gripe, indisposição, enxaqueca... Sua mãe lhe ensinara a receitar muitos chás recomendados pelo Padre Cícero. E no caso de alguma dúvida?

- O Almanaque Capivarol dizia tudo!

De aparelho farmacêutico, Toinho possui somente uma seringa e uma agulha. Cuidadoso, mantém a única seringa adequadamente limpa e bem guardada em ambiente fresco numa prateleira da bodega. E a única agulha é sempre esterilizada para cada atendimento: Colocada numa pequena vasilha com álcool; e fogo no álcool até ser todo consumido. Pronto, agulha esterilizada. Sem perigo.

- Nunca ninguém reclamou de nada.

Durante os primeiros dez anos de casado, Toinho e Maria, apesar das gestações frustradas, vivem tempos felizes

no Tabuleiro. Ele cuidando da bodega e dos roçados. Ela cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Embora suas terras, ao redor de casa, tenham razoável riqueza florística em matas, bosques, caatingas, cerrados, capoeiras e brejos, além da água corrente quase o ano inteiro, produzem pouco por não serem muito boas para agricultura. Cheias de pedregulhos, servem mais para agave, uma planta de palmas das quais se produzem fibras para fazer cordas. E também usadas como alimento para o gado.

Por isso, desde cedo, seus principais roçados ocupam outras terras da família na região, especialmente do sogro, Zé Unias, melhores de produção. Chove muito, nessa época, proporcionando uma paisagem verde o tempo todo. Há fartura de legumes e de frutas. Nisso o Tabuleiro é rico, deixando a memória de Toinho cheia do calendário de invernos e secas:

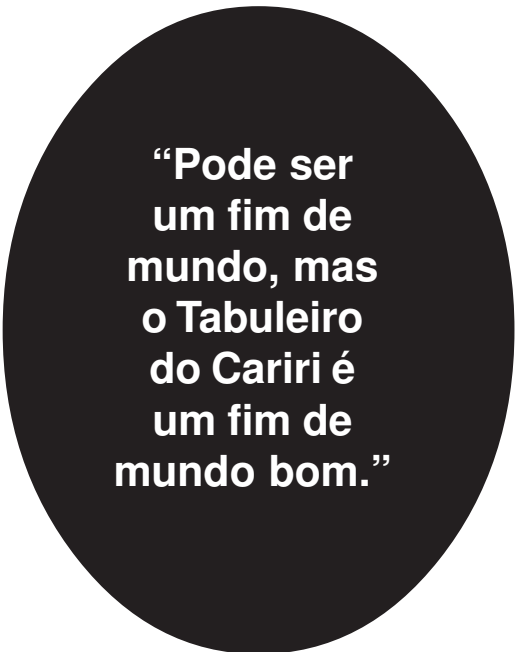
- Foi assim. 32 foi ruim, 33 foi bom, 34 foi bom, 35 foi bom, 36 foi fraco, 37 foi fraco, 38 foi bom, 40 foi bom, 41 foi bom, 42 foi seco, 43 foi bom, 44 foi bom, 46 foi fraco, 47 foi bom...41 foi tão bom que foi ruim...Quando chove demais é ruim porque o legume não dá...

Considerados e queridos no povoado, Toinho e Maria tornam-se os preferidos para padrinhos de batismo de quase todas as crianças da região. Com isso, passam a ter compadres e amigos em todo o Tabuleiro e nos sítios vizinhos: Mulungú, Mameluco, Jenipapeiro, Cedron... Cercados de gente pobre, simples, ordeira e honesta, vivem tranqüilos. Sem medo de nada. Seguros. É tudo tão calmo que podem ficar conversando até tarde das noites na calçada de casa, deitados em espreguiçadeiras, sossegadamente. Fitando a lua e sonhando. Olhando, ouvindo estrelas e, mais uma vez sem saber, os versos de Catulo da Paixão Cearense:

- Não há, Oh! Gente, Oh! Não, Luar como este do Sertão...

Além disso, contam com a proteção do Padre Cícero e, por via das dúvidas, em caso de oração fraca, com um velho bacamarte que Toinho herdara do pai. Enferrujado por falta de uso. Desnecessário. É tudo paz, harmonia e felicidade. Pode ser um fim de mundo, mas o Tabuleiro é um fim de mundo bom para os dois. Mais de cinco décadas depois, o velho retirante de Viçosa, saudoso desse belo tempo, confessa:

- Foi o tempo mais feliz que tive na minha vida.



**“Pode ser
um fim de
mundo, mas
o Tabuleiro
do Cariri é
um fim de
mundo bom.”**

XV

NOITES DE BONECOS E DE BRASAS

Preta, alta, magra e simpática. Sempre sorridente, mostrando dentes alvos como capuchos de algodão. Quando em noites de festa, ela chega como estrela, em vestido de chita bem comprido. Estende e prega um lençol escuro num canto da sala da casa. Por trás, escondida, sem ser vista por ninguém, manipula dois bonequinhos de pano e madeira, com trajes de caipiras e devidamente pintados. Mexendo-se para lá e para cá, conversando, brigando ou se amando, eles aparecem na ponta de cima do lençol, encenando uma historieta improvisada, mas com leitura do cotidiano de qualquer família. Com estripulias, palhaçadas e ternura, em tom de comédia (Fig. 27). Ele quase sempre malandríssimo. Ela quase sempre irritadíssima.



- *Foi boa a farra, né seu Benedito?*
- *Foi mas eu tava pensando em ocê, Zefinha?*
- *Quer mi ganhar, seu caba safado!*
- *É verdade verdadeira, juro amorzinho!*
- *Ocê vai vê agora o que é amorzinho!*
- *Entonce, vem logo querida!*
- *Vai tê é marmeleiro nas costas!*

Dão asas à imaginação de crianças e adultos espremidos na sala iluminada apenas por uma lamparina de querosene. Muitos chegam a torcer pelos bonecos. Alguns até

com crueldade. Uns querem Benedito apanhando. Que ele merece uma surra das boas. Outros querem castigo para a encrenqueira Zefinha. Que ela é abusada demais. Depois de confusões, brigas e tapas, porém, os dois acabam sempre em beijos, românticos e estrepitosos. Sob gargalhadas e aplausos gerais.

Baixado o pano, palmas para Manuela Roque, a simpática mocinha preta e alta dona do espetáculo de mamulengo. Um show de simplicidade e ingenuidade, porém muito criativo, comunicativo e divertido. De família pobre de agricultores, pelo menos três vezes ao ano, ela comparece às festas na casa de Antonio Tenório e Maria Siebra, reunindo os moradores do Tabuleiro e redondezas do interior de São Pedro do Cariri, interiorzão do Ceará, interiorzão do Brasil. Uma na tradicional e inadiável Renovação do Casamento, em 22 de fevereiro, outra no Dia de Santo Antonio, em 13 de junho, e outra na véspera do Natal, em 23 de dezembro. São momentos de confraternização de gente simples e de felicidade do casal.

Para essas festas, os dois capricham, anualmente, na limpeza e na decoração da casa, pintando-a com cores vivas e enfeitando-a com cordões e mais cordões de bandeirolas coloridas. Fora de casa, terreiros decorados com passarelas feitas de palhas verdes de coqueiros. De longe percebem-se os sinais de festa. Além do trabalho, Toinho e Maria valorizam a confraternização, a comunhão, a lealdade, a fidelidade e outros sentimentos que sustentam as verdadeiras amizades. Os compadres, os vizinhos, os amigos, começam a chegar no meio da tarde, almoçados. Cada um traz a alegria espontânea de sua presença para um convívio agradável por algumas horas. Brincadeiras de crianças no oitão da casa: cabra-cega, bolinha de gude, corrida de sacos, pião...

Como bebida e aperitivo, aluá, um refresco de cascas de abacaxi, fermentado em pote de barro, depois adocicado, invenção antiga da cultura e dos costumes dos índios Cariris. Nada de álcool. Conversas sobre inverno, safras dos roçados, viagens, surpresas, estórias de caçadores e de pescadores. Entre histórias reais, alguma bem mentirosa, claro, para garantir a risadagem.

Ao final da tarde, sol se pondo e começo da noite, comida para todos. Geralmente, com ajuda de algumas amigas, Maria oferece um panelão de baião-de-dois com torresmo e pequi, fruto alimentício em abundância no Cariri e bastante utilizado na culinária regional. Carne, de galinha cozida, bem temperada. Quando não é baião-de-dois, é galinhada mesmo. Galinha não falta entre as criações domésticas. E tudo feito com muito carinho em fogão à lenha de duas bocas. Sabor? Uma delícia!

Na festa de Santo Antonio, clima de São João, festejado no mesmo mês. Jantar de comidas à base de milho: cuscuz com leite, pamonha, canjica, milho assado, milho cozido, bolo de milho, pipoca. Para variar, batata doce assada e cana assada. Isso mesmo. Cana de açúcar assada na fogueira. Quando termina de queimar a fogueira armada na frente da casa, chega a hora do espetáculo aguardado por todos e para todos. Sem ingresso. De graça.

Então, um rude agricultor, baixinho, magricelo, sem qualquer nível de instrução, completamente analfabeto, mas de coração bondoso ao extremo, se transforma em astro da noite. Repetindo um ritual dos antigos índios Cariris, que os mais velhos dizem ser chamado *tatapi*, Sebastião do Barro arregança as calças, tira suas alpercatas, e abanando seu chapéu de palha acende o fogo. Deixa todo mundo em suspense para o que promete fazer, mas poucos acreditam. Como São Tomé, todos querem ver.

Quando as brasas estão bem vivas, vermelhinhas-amareladas, sem qualquer sinal de cinza, Bastião olha para o céu, se ajoelha, faz o sinal da cruz, diz “*Valei-me meu Padim Ciço*”, se levanta e descalço caminha sorridente sobre o fogo, num espetáculo que parece misturar credence e ilusionismo. Passa várias vezes, tantas quantas solicitado. Sem se queimar e sem reclamar dor. Depois, mostra os pés, tudo normal, apenas algumas manchas de carvão. Ninguém entende nada. Fica todo mundo maravilhado. Palmas e elogios para Bastiãozinho, assim chamado. E convidado para todas as festas do Tabuleiro e das redondezas.

Uma atração imperdível nas noites festivas do Tabuleiro!

XVI

QUASE COMO SOLIDÃO DE MACONDO

Dentro das brenhas do Sítio Balanço. Longe do Juazeiro do Norte, longe de Caririaçu, longe da Serra de São Pedro, no distrito de Valença. Longe do Tabuleiro, longe de estradas, longe de povoados, longe de tudo, nos cafundós. Balanço é o fim do mundo. É onde Toinho se encontra, em 24 de agosto de 1954, cortando cedros para construção de sua primeira casa no Juazeiro.

Por isso, somente fica sabendo do suicídio do presidente Getúlio Vargas, ao voltar para o Tabuleiro quase 15 dias depois trazendo uma carga de cedro, sua madeira preferida para a nova moradia. E, assim mesmo, tudo mal contado, por ouvir dizer de uma ou outra pessoa informada através de viajantes. Ninguém sabe direito da verdade. Ninguém sabe detalhes do inesperado fato. Toinho sente-se incomodado porque gosta de estar bem informado de tudo.

- Ficar sem saber as coisas é ruim pra danar!

Por isso, resolve buscar uma solução para diminuir esse isolamento. Quer saber dos fatos mais importantes com maior rapidez, mesmo morando na área rural, num sítio pouco povoado, quase dentro do mato. Vai ao Juazeiro onde adquire um rádio da marca Zenit. Um aparelho velho, mas por fora ainda bastante conservado, e, melhor de tudo, disponível para venda numa das primeiras oficinas eletrônicas do Juazeiro. Gosta e compra.

- Foi baratinho, mas o bicho era bom danado, funcionava bem!

Orientado pelo rádiotécnico da oficina, leva para o Tabuleiro o rádio com mais dois apetrechos indispensáveis: bateria de carro carregada e fio terra. Vira o Zenit seu objeto de lazer quase diário. Depois de chegar do roçado, se assear, trocar de roupa e jantar, Toinho demora um tempinho de plantão na sua bodega. Enquanto aguarda algum freguês de boca da noite, ouve o rádio. É só ligar e toca uma musiquinha, jamais esquecida:

- *"Sabiá tocou, rodou; sabiá tocou, rodou!"*

Com freqüência, tenta ouvir o noticiário de A Voz do Brasil, transmitido desde o Rio de Janeiro, então capital federal. Como a emissora mais próxima do Tabuleiro, a Rádio Iracema do Juazeiro chega chiando demais, ele procura outras sintonias. Até encontrar o *Rádio Clube de Pernambuco* ou o *Rádio Jornal do Comércio do Recife*, que atingiam o Tabuleiro com som forte, estourando. Mas, em poucos minutos de A Voz do Brasil, cai a bateria. E sem bateria, nada de Zenit. Bate a hora de dormir.

Por causa desse problema de bateria, que precisa ser constantemente carregada em Caririaçu e nunca pega uma carga completa, Toinho acaba perdendo o interesse pelo rádio que lhe serve, mesmo precariamente, por três anos, até 1957. Um dia, displicentemente, entrega o aparelho a um rapaz conversador, loroteiro, que aparece na bodega dizendo saber consertar rádio e leva o Zenit para trazer em sete dias. Nunca mais.

- *É sempre bom desconfiar de gente de conversa mole...*

Sem o Zenit, Toinho volta a viver na solidão, isolado do mundo. É o Tabuleiro, nessa época, um povoado que só registra algum movimento à beira da estrada poeirenta para Juazeiro

ou para Fortaleza. Por ali passam, em algum momento do dia, caminhões carregados ou jipes de vendedores viajantes sempre oferecendo novidades em tecidos, jóias ou material de uso doméstico ou remédios para curas quase milagrosas. Fora isso, nada.

Somente quando chega setembro, todos os anos, Tabuleiro e redondezas têm sua vida realmente alterada e despertada para novos visitantes. Eles se aproximam em pequenos grupos. Geralmente, os homens tangendo burros carregados e as mulheres carregando crianças nos braços. Queimados do sol, de roupas coloridas, cheios de anéis e dentes de ouro, armam suas tendas multicores sob grande árvore perto da estrada, despertando curiosidade, simpatia e encontro. São os ciganos. (Fig. 28)



Durante um mês, no máximo, mais do que isso é perigoso para eles por causa de suspeitas, ficam em contato com o povoado. Tempo suficiente para fazer o que pretendem. De conversa comprida e muitas histórias de lugares distantes por onde têm passado, primeiro encantam e conquistam todo mundo. Em seguida, já passam a oferecer bugigangas para venda. Relógios sem nenhum atestado de procedência. Objetos que dizem ser de ouro, fabricados no mundo civilizado, anéis, pulseiras e cordões, mas, na verdade, apenas superficialmente folheados. Ferro puro.

Passado um mês, de feira feita, bugigangas vendidas, famílias reabastecidas e burros alimentados, vão embora, de uma hora para outra. Quase imediatamente, moradores

desconfiados aparecem na bodega de Toinho reclamando a falta de algum animal. De serviço ou de estimação. Desaparecido sem deixar qualquer vestígio. Assim, num piscar de olhos. É tarde. Não há mais o que fazer. Devia estar distante, já bem distante, engrossando a caravana dos ciganos, o burro surrupiado quando comia seu pasto sossegadamente, sob o luar da noite e longe dos olhos do dono. Toinho apenas ouve as lamúrias e reflete:

- Bem que o povo diz que todo cigano é ladrão!

Fascinação, porém, é fascinação. Em setembro próximo, novos ciganos de roupas coloridas, talvez os mesmos do ano anterior pois são todos muito parecidos, cheios de anéis e dentes de ouro, estão novamente no povoado. Dizendo que vêm de muito longe, do fim do mundo, de lugares de nomes estranhos que ninguém nunca ouvira falar, trazendo novidades, engenhocas e artes da modernidade. Cheios de conversa, astutos, sabidos. São novamente atração no Tabuleiro, isolado do mundo. Parece Poção, deixado para trás na Viçosa das Alagoas.

Quase como Macondo, de *Cem Anos de Solidão*.

XVII

ESCOLINHA NO CAMINHO DO FUTURO

Chuva pouca. Quase nada. Inverno fraco. Preocupação. Frustração. Mesmo assim, esperançosos, o jovem Toinho, ainda solteiro, e seu cunhado, Pedro Alexandre, casado com Raminha, estão botando roça num lugar chamado Acauã, depois do Tabuleiro, perto do Sítio Serrote, ainda em São Pedro do Cariri. De ladeira íngreme, o terreno de Acauã termina numa grota de muita pedreira. Ali, sob árvores de grandes copas, montam pequeno acampamento para uma semana. E, apesar da falta de chuvas, água para cozinhar e beber tem bastante em um poço com mina, ao lado, entre as pedras.

Para ajudá-los no roçado e no plantio, Toinho e Pedro têm contratados quatro ajudantes. Junho de 1946. Doze de junho. Quando o terceiro dia de trabalho chega ao fim, já tardezinha, Toinho pergunta: “*Como amanhã, 13 de junho, é Dia de Santo Antonio, quem vai querer ficar trabalhando?*”. Dois deles, Gabriel Caxiado e João Cosme, logo avisam que vão respeitar o dia do santo. Deixam o acampamento e voltam para casa no Tabuleiro. Sem muita conversa.

É só a noite chegar e escurecer, começa um inesperado chuvisquinho, bem fraquinho. Há muito tempo não chove. De repente, o chuvisquinho vai aumentando, engrossando e, rapidamente, se transforma num temporal. Até a cachoeira de Acauã, antes vazia, passa a despejar muita água. Correnteza forte. Barulhenta. Assustadora. Surpreendidos, os que estão no roçado acabam tendo suas roupas e redes completamente encharcadas. E para respeitar o Dia de Santo Toinho e seus amigos são obrigados a sair de Acauã correndo no rumo de

casa, já tarde da noite, debaixo da tempestade.

- Foi um aguaceiro danado, de matar sapo afogado!



Em junho de 2006, 46 anos depois desse temporal, Toinho conta essa história para as crianças pobres que estudam na Escolinha Santo Antonio do Tabuleiro (Fig. 29), instalada em casa à beira da estrada Juazeiro do Norte-Fortaleza, na área rural de Caririaçu, perto da entrada para a estação da antiga Citelc-Companhia de Telecomunicações do Ceará. Diante do filho Souza como testemunha, emocionado, ele diz às crianças que o educandário é resultado de uma promessa sua ao Santo Antonio naquela noite de muita água em Acauã. Com elas, comemora o feito em festinha improvisada, com direito a bolo, biscoitos, cajuína São Geraldo, refrigerante de caju fabricado no Juazeiro, e fogos de celebração.

Aproveita e relembra que ao chegar o ano de 1950, Caririaçu só tem uma escola de ensino fundamental, na sede do município, a mesma freqüentada por Maria, sua esposa. Funciona precariamente, pobrezinha, na Câmara Municipal. E no povoado do Tabuleiro, nada. É um problema que lhe causa preocupação pois está começando a ter seus primeiros filhos e vê que outras crianças da região em idade escolar estão sem estudar por falta de um estabelecimento de ensino.

- Um lugar pobre sem escolinha é um lugar sem futuro!

Vai, então, ao prefeito de Caririaçu na época, Carlos Moraes, e pede ajuda para montar uma escolinha no Tabuleiro.

Ouve uma resposta frustrante: o município não tem a menor condição de fazer isso. E a prova é a de que o município não possui escola em nenhum distrito na sua zona rural. Mas o prefeito, sensibilizado diante do gesto de boa vontade de Toinho, propõe que ele procure ajuda da vizinhança, monte a escolinha e espere o resultado.

- Quando a Prefeitura der fé tomará conta dela!.

Entusiasmado com essa simples promessa, Toinho entra em ação. Primeiro, consegue o local, o alpendre da casa do sitiante Antonio Gomes da Silva, de fácil acesso porque à beira da estrada. Em seguida, arranja madeira de cedro e constrói bancos, cadeiras, mesa e lousa. Depois, combina com a Prefeitura a contratação da professora Rosa Vieira, uma mocinha do vizinho Sítio Cedron. Para facilitar o trabalho, cede cômodo em sua casa onde ela mora quatro anos para poder estar perto e ensinar na primeira escolinha do Tabuleiro. Somente após esses quatro anos, a Prefeitura assume a administração dela.

- Foi isso mesmo. Só depois de quatro anos...mas ela deu fé!

Mesmo sem ter sido contemplado com oportunidade de estudar, nem em Viçosa, onde nascera, nem em São Pedro do Cariri, onde chegara ainda meninote, tanto por causa da pobreza em que vivia, precisando sempre ajudar os pais, como pelas deficiências próprias do ensino público na época, Toinho mostra-se sempre preocupado com educação. E é com essa motivação que acaba realizando essa iniciativa pioneira na zona rural de São Pedro do Cariri.

- Lugar pobre com escolinha é lugar com chance de futuro!

Nessa época, Toinho já está concluindo a primeira de suas três casas em Caririaçú. Mas, como também *“ali a escola que existia naquele tempo era fraquinha”*, decide dar um salto. Vai terminar a casa que vem levantando no Juazeiro do Norte, onde já existem muitas e boas escolas, inclusive o Colégio dos Salesianos, famoso em todo o Cariri. Para lá se muda com a família em 1958. Do pequeno Sítio Tabuleiro para o Tabuleiro Grande, nome primitivo do Juazeiro.

Construída com mais atenção, material de qualidade e madeira resistente, dessa que não acaba nunca, vinda do Balanço, razoavelmente ampla e confortável, a nova casa própria da família fica na rua Delmiro Gouveia, área central do Juazeiro. Quanto ao trabalho para manter a família, Toinho vai fazer o que sabe. Monta pequena mercearia numa esquina da rua São Pedro, em frente à nova Feira do Capim, no lugar onde surgiria depois um grande mercado popular.

Entretanto, a satisfação dessa experiência dura apenas alguns meses. Com Maria sentindo problemas de pressão, a família tem que, por recomendação médica, optar por residir em Caririaçú, lugar de clima frio, ao contrário do Juazeiro. O mesmo lugar recomendado pelo Padre Cícero para o seu saudoso pai quando vivo e adoentado no Juazeiro. Feita a mudança, Toinho passa a ser importante comerciante na cidade serrana, com uma sortida mercearia.

Começa, assim, nova e movimentada etapa de sua vida: 35 anos de negócios em sociedade com o sogro e amigo, Zé Unias, sem um único dia de qualquer divergência. Perfeito entendimento, completa harmonia. Com o prazer pessoal e adicional de ser, por muitos anos, dono do único posto de gasolina da cidade, abastecido pela Organização Felipe Nery, da bandeira Texaco, no Juazeiro.

Como dois verdadeiros companheiros e parceiros, Toinho e Zé Unias dividem obrigações, deveres e responsabilidades. Embora prósperos comerciantes, os dois não largam o campo. Quando um precisa trabalhar na agricultura, o outro assume sozinho a mercearia. Zé Unias sente-se tão confortável, tranqüilo e feliz que leva Toinho na mais alta consideração e afetividade, tratando o sócio e amigo, ao mesmo tempo, como genro, irmão ou filho. Da mesma forma, Toinho admira e respeita o sócio e amigo, como sogro, irmão ou pai.

Há tanta reciprocidade de sentimentos que um não consegue se imaginar trabalhando sem o outro. Ambos são dedicadíssimos ao trabalho. Único lazer de Toinho é à noite, final de expediente, quase tudo já parando. Ele fica encostado na porta da mercearia ouvindo o desfile musical da amplificadora “Voz da Serra”, que lhe traz saudades da vida sertaneja no Tabuleiro, sobretudo as toadas com Luiz Gonzaga, o Rei do Baião:

*- Vai boiadeiro,
que a noite já vem,
junta o teu gado
e vai pra junto do teu bem...*

Mas, nesses poucos instantes de lazer em Caririaçu, o que Toinho mais gostava de ouvir, porque de letra bem-humorada, era uma música antiga, de 1929, de Pixinguinha e Cícero de Almeida na voz de Patrício Teixeira, tocada todas as noites, num oferecimento de alguém para alguém, chamada “Gavião Malvado”:

*Chorei, porque
Fiquei sem meu amor,
O gavião malvado
Bateu asa foi com ela,*

*E me deixou.
Quem tiver mulher bonita
Esconda do gavião
Ele tem unha comprida
Deixa os marido na mão
Viva quem é solteiro!
Não tem amor nem paixão
Mas vocês que são casado
Cuidado com o gavião...*

*Os culpado disso tudo
são os marido d'agora,
as mulhé anda na rua,
com as canela de fora,
o gavião sente o cheiro,
vem descendo sem demora,
garra ela pelo bico,
bate asa e vai embora...*

Volta sorrindo para dentro da bodega. Dono de admirável talento para os negócios, herdado do seu pai, Toinho destaca-se pela habilidade e pela facilidade para conquistar e manter clientes que se tornam amigos. Um deles, em sua época de Caririaçú, Raimundo Bezerra Lima, popularmente Mundeza, inesquecível prefeito. Educado, trabalhador, simpático, brincalhão, festeiro, bom de copo na medida. Muito querido. Gente fina. Certa vez, contam ao carismático e saudoso líder político do Cariri que Toinho estaria fazendo cobrança velada de débito da Prefeitura com seu posto de combustível.

Como que mandando um recado para Mundeza, teria feito um comentário jocosos dizendo que o dinheiro municipal *parecia pés de cobra, que ninguém via*, mas continuaria abastecendo os carros da Prefeitura de Caririaçú por ser o

prefeito seu dileto amigo, merecedor de confiança e de apoio. Aos que lhe trazem a fofoca, Mundeza reage, marotamente, sorrindo:

- Esse Toinho é sabido que é danado!

Enquanto Toinho tem seu dia-dia todo voltado para o comércio, incluindo uma viagem semanal ao Juazeiro, para compras de abastecimento à mercearia e ao posto de gasolina, Maria dedica-se, integralmente, aos cuidados de criação dos filhos, todos ainda pequenos. Sem empregada doméstica, é responsável pela administração completa da casa no início da avenida principal de Caririaçu. Faz tudo: cozinha, varre, arruma, lava e passa. Sempre feliz e carinhosa com os filhos. Espanta o cansaço cantando sozinha algumas modinhas bem populares:

*- Se essa rua fosse minha,
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas de brilhante
Para o meu amor passar...*

*- Ó jardineira
Por que estás tão triste?
Mas o que foi que aconteceu?
Foi a camélia que caiu do galho,
Deus dois suspiros e depois morreu...*

Durante esse período em Caririaçu, Toinho e Maria, católicos, apostólicos, romanos, dedicam-se com devoção e entusiasmo às atividades da Igreja, na condição de congregados. Ele, como “Irmão do Santíssimo”, e ela, como “Filha de Maria”, dão permanente colaboração à Paróquia de São Pedro, sob a direção do respeitado, sizudo, reservado e estimado padre Vicente Alves Feitosa. Frequentam,

regularmente, as missas e participam de solenidades, festividades, novenários, procissões e outras iniciativas que animam a paróquia. Principalmente nos meses de maio, de muitas celebrações para a Virgem Maria, e junho, marcado pela tradicional festa de São Pedro, padroeiro da cidade. Participam, ativamente, dos concorridos “Leilões de São Pedro”, na principal praça da cidade, arrecadando recursos para a paróquia. Dos raros momentos em que Padre Vicente é visto junto ao povo, descontraidamente e sorrindo.

Com essas atividades na comunidade católica de Caririaçú, fortalecem o espírito de fé que os anima e mantêm, sob firme educação cristã, cinco dos seis filhos vivos até então, todos ainda crianças. Aliás, até nos afazeres do dia-a-dia, cuidando da casa e dos filhos, Maria reafirma seu espírito religioso e facilmente é encontrada, na cozinha, enquanto cuida do baião-de-dois bem temperado, cantando alguma musiquinha da Igreja, principalmente relacionada com Nossa Senhora, de quem é ardente e comovida devota:

*- Com minha Mãe estarei,
na Santa Glória um dia,
junto à Virgem Maria,
no Céu triunfarei...
No Céu...no Céu...
com minha Mãe estarei...
no Céu, no Céu...
com minha Mãe estarei.*

Ao lado do trabalho e da religião, o que aparece tão importante na vida de Toinho e Maria é a educação dos filhos. Sempre preocupados, buscam o melhor para eles, mesmo que isso signifique algum sofrimento para os dois. Contrariados pela ausência, mas pensando no futuro, deixam o mais velho, Alcides,

de oito anos, estudando no Juazeiro. Contam, para isso, com apoio de um casal amigo, Raimundo Lopes e sua Neuza, que o acolhe na residência deles em frente à União Beneficente Juazeirense, na praça Dirceu Figueiredo, onde seria construído o Palácio José Geraldo da Cruz, sede do Governo Municipal do Juazeiro do Norte.

Como queriam Toinho e Maria, o menino iria estudar e concluir a admissão ao ginásio no Colégio Salesiano do Juazeiro, então sob a direção do querido padre Gino Moratelli e referência em educação no Vale do Cariri. Depois iria fazer o secundário em escola salesiana de Pernambuco. Confiam na formação ética, moral e cristã da Congregação de Dom Bosco, admirada e recomendada pelo Padre Cícero. Sonho do pai e da mãe é ter um filho formado, doutor, prestigiando e honrando o nome da família; e o do filho, nem o próprio ainda sabe. Somente Deus, lá com seus botões e seus pauzinhos de fazer notícias para a humanidade.

**“Com minha
Mãe estarei
na Santa Glória
um dia,
junto à
Virgem Maria,
no Céu
triunfarei...”**

XVIII

PARA SEMPRE NA TERRA DA PROMISSÃO

Com duas casas construídas por ele próprio no Juazeiro do Norte e mais um lote reservado para uma terceira em mente, aposentado, filhos crescidos, estudando e trabalhando, bem encaminhados, Toinho parte para realizar o seu sonho e o sonho de seus pais, perdido no vai-e-vem do tempo. Completados 25 anos morando e negociando em Caririáçú, faz, em 1973, uma mudança importante com reflexos na vida de toda a família: fixa residência, definitivamente, para o resto da vida, no Juazeiro do Padre Cícero. Permanece ouvindo o que seus pais tinham dito ainda no longínquo Poção:

- Vamo pro Juazeiro. Lá é a Terra da Promissão...



Por isso, ele veio das Alagoas com os pais em 1926. E para isso, acaba de construir sua segunda casa no Juazeiro, agora na rua São Francisco, perto da Igreja de São Miguel (Fig. 30), área central da cidade. Mas, mesmo morando com a família no Juazeiro, por questão de amizade, companheirismo, respeito, compromisso e fidelidade, passa mais 13 anos subindo e descendo a perigosa Serra de São Pedro, viajando em ônibus ou caminhões velhos, sem a menor segurança, numa estrada ainda não asfaltada, poeirenta e perigosa, cercada de abismos e cenário de freqüentes acidentes. Moralmente exigente e inflexível consigo mesmo, enfrenta tudo isso para não faltar com a palavra ao sogro, seu parceiro no comércio em Caririáçú.

Parceria que somente chega ao fim em 1996 com a morte de Zé Unias.

Em sua nova e definitiva etapa no Juazeiro, Toinho, ao lado de sua querida e doce Maria, leva uma vidinha normal de aposentado, mas cumprindo alguns deveres próprios rotineiros



Monsenhor Murilo Barreto

e sem abandonar coisinhas de gosto pessoal: caminhada matinal diária de três quilômetros até o mercado central do Juazeiro, para compras de frutas e verduras fresquinhas; visitas freqüentes às residências dos filhos; presença diária na Igreja de São Miguel, onde faz questão de ajudar abrir as portas para entrada dos fiéis às 6 horas da

noite, na Hora do Ângelus; e participação semanal, aos domingos, na missa celebrada por seu padre preferido e amigo, Murilo Barreto, na Igreja de Nossa Senhora das Dores.

Fora disso, bastante horas disponíveis ao lado de sua Maria na varanda-garagem de casa. Passam em revista os tempos bons no Tabuleiro, as realizações em Caririaçu, as atividades dos filhos, as espertezas dos netos, os problemas da família, os amigos ausentes, o envelhecimento dos dois, as poucas lembranças de Viçosa e as mudanças no mundo. Agora no crepúsculo da vida, imensamente agradecido, Toinho dedica à esposa todo o tempo que ela lhe dedicara desde a juventude. E, assim, os dois matam as saudades das esperanças e das alegrias dos tempos que não voltam mais.

Caririaçu e Tabuleiro estão sempre presentes nessas horas nostálgicas. Faz parte das lembranças o patrimônio ali

construído com muito sacrifício – quatro casas, a mercearia, o posto de gasolina e o sítio – tudo desfeito entre os anos de 1980 e 1990, para atender necessidades inadiáveis da família. Sobretudo o sítio Tabuleiro, de valor sentimental inestimável. Toinho ainda tem a sensação de que o Tabuleiro lhe pertence ou que ele pertence ao Tabuleiro. Mas não alimenta fantasias com surpreendente realismo:

- Aquilo era bom no nosso tempo. Agora acabou tudo que era bom.

São longas conversas nas manhãs amenas e tardes quentes do Juazeiro. Sempre na companhia de *Tino*, manhoso gato de estimação que garante ali sua presença porque permanente e suavemente acariciado. Como resposta ao carinho que recebe, o bichano agradece balançando o rabo e dormindo profundamente. Para Toinho, é uma espécie de reedição de *Menino*, o inesquecível gato da saudosa mãe no Tabuleiro, que agora lhe dá satisfação e lhe surpreende como animal de certa inteligência.

- Certo dia, notei que alguém estava mexendo no ralo do banheiro do meu quarto. Oxente, será possível? Fiquei desconfiado e observando. Depois, peguei o Tino caminhando para o banheiro, coisa que não tinha visto antes. Da porta do banheiro fiquei espiando. Para meu espanto, ele entrou no banheiro, com a mãozinha tirou o ralo do lugar e mijou no buraco do ralo. Depois não fechou porque não sabia. Mas sabia abrir para fazer o xixi. É um gato inteligente que é danado!...

Muitos anos se passam assim. Até que surgem sinais de fragilidade na saúde de Maria. Do coração, principalmente. Muitos anos de trabalho, de pressão, de preocupação, de tensão e de dificuldades na gestação e criação de muitos filhos, e

sobretudo de uma alimentação caseira bem temperada com perigosas delícias, bem gordurosas, agora estão cobrando um vigor físico que não mais existe. Já é tarde, muito tarde, hora do crepúsculo da vida. Infelizmente, conforma-se Toinho, não há como mandar parar o sol que vai se pondo.

Depois do ano 2000, ele passa a acompanhar e a sentir na pele, rotineiramente, o sofrimento de Maria entre a casa e os hospitais. Consultas periódicas, internações freqüentes, cirurgias ocasionais, tratamentos obrigatórios, dietas rigorosas, remédios em grande quantidade e muito cuidado da família, sobretudo da filha Taquinha, seu anjo da guarda. Ainda assim, com a idade avançando, sua fragilidade só vai aumentando. De Toinho recebe o atencioso conforto, sempre esperançosa e carinhosamente:

- Paciência Maria, logo você vai ficar boinha!

Até que, em 2005, Maria Siebra adoece gravemente, vítima de um tumor na bexiga. E apesar de todas as atenções médicas no Juazeiro, não resiste. Vai-se aos 76 anos, deixando um vazio enorme na vida do esposo, companheiro em 57 anos de um casamento plenamente harmônico e feliz, e muita saudade em toda a família. Poupada por causa de sua fragilidade, vai-se sem saber que seu filho Gesualdo, ou apenas Lima, já partira três meses antes, vítima de diabetes.

Em estado de choque emocional, abatido, chorando baixinho pelos cantos de sua residência, de coração sangrando de tristeza, Toinho não comparece ao sepultamento dela no Cemitério Anjo da Guarda, no Juazeiro. Seria doloroso demais. Muito mais do que a dor no velório, onde, depois de 57 anos de convivência sem uma discussãozinha sequer, ele, inconsolável e, diante de muita gente, chorando, faz-lhe o último apelo, um apelo comovente:

- Maria, me perdõe se fiz algum mal a você...

Por causa da mesma dor, Toinho não vai à missa de sétimo dia na Igreja de São Miguel. Fica em casa, ali perto, ouvindo a elegia dos filhos para a saudosa mãe e sua inesquecível esposa, pelo alto-falante na torre da igreja. De lá chegam até ele essas palavras consoladoras:

Foi o sentimento mariano que guiou Maria Siebra em sua longa vida. Como congregada das Filhas de Maria, depositou sempre sua fé na Mãe de Cristo. Tinha uma devoção especial por Nossa Senhora das Dores. Dedicava suas orações e suas súplicas, também, à Nossa Senhora de Fátima. Na Mãe de Cristo procurava se agarrar nos momentos mais difíceis de sua vida. E até mesmo em momentos apenas assustadores, como na hora de trovões e relâmpagos ameaçadores. Lá estava ela, diante do seu velho oratório particular, pedindo, piedosamente, chuvas de bênçãos. Mais bênçãos do que chuvas.

Com toda essa fé cristã, foi mãe exemplar. Piedosa, sempre autêntica como católica, apostólica e romana, vivendo fervorosamente. Educadora, sempre lembrando aos filhos o caminho certo da vida. Humilde, sempre despojada de qualquer vaidade humana e mantendo-se em tudo como se uma religiosa franciscana fosse. Bondosa, sempre pronta para um gesto de carinho ou de caridade aos necessitados. Resignada, sempre paciente diante dos sofrimentos aceitos como provação de Deus.

Como filha, como esposa, como mãe, em tudo passou nessa vida com simplicidade, fidelidade e dignidade, suas maiores qualidades. Dedicou ao seu querido esposo, Antonio Tenório e aos seus filhos, a vida inteira. Para eles viveu, não

viveu para si. Mesmo diante das maiores dificuldades e adversidades, nunca esmoreceu. Nessas horas, mais ainda confirmava sua confiança na Mãe de Cristo e sua esperança na Igreja de Deus”.

Encerrada a cerimônia, muita gente resolve passar na casa de Toinho para dar-lhe um abraço ou acenar-lhe com um gesto de apoio e carinho em momento de sofrimento tão agudo, profundo e incomparável. Sentindo-se amparado e encorajado, agradece a Deus por estar, nesse momento de angústia, na Terra da Promissão, onde encontra espírito cristão de fraternidade e solidariedade renovando as esperanças na jornada da vida. Uma gentil senhora, ao vê-lo sentado na varanda-garagem, abatido e solitário, em eloqüente silêncio, com um lenço enxugando as lágrimas, aproxima-se e pergunta: “Como vai passando?”. De sua cadeira de descanso, segurando o lenço branco, com olhos avermelhados e voz cortada de emoção, no extremo de si mesmo, resume o tamanho do sentimento de luto, dor e saudade que domina sua alma:

- Só Deus sabe... Eu perdi meu pedestal!

XIX

SINAIS DO TEMPO! LIÇÕES DO TEMPO!

Quando o passado não sai do presente, na memória e no coração, o presente se torna passado, no coração e na vida. Toinho não se expressa assim, mas parece sentir assim. *Charlotte* está de volta. Lugar do vira-lata raçudo que atravessara Alagoas, Pernambuco e Ceará caminhando, agora é ocupado, afetivamente, por *Totó*, um mini-poodle marronzinho, brincalhão, gordinho, uma bolinha. E *Menino*, o gato querido da mãe no Tabuleiro, também está de volta. Seu lugar agora é de *Tino*, gato cor cinza, esperto, vigilante, manhoso. Sombras vivas do passado.

- *Maria gostava tanto desse gatinho...*

Com a inevitável e dolorosa ausência de Maria, Toinho está vivendo o que os psicólogos chamam de “experiência no deserto”, completa falta de um oásis de conforto diante do trauma da perda irreparável. Agora, *Tino* e *Totó* são seus dois inseparáveis companheiros diários nas tardes de nostálgica solidão na casa da Rua São Francisco, no Juazeiro. Estão sempre ao seu lado, um despreocupadão em uma cadeira, cochilando sobre almofada, e o outro, junto aos seus pés, esparramado no chão, de olho vivo na rua. De vez em quando, Toinho dedica uma palavrinha carinhosa para *Tino* ou para *Totó* enquanto mantém conversa com alguém da família ou amigo. De preferência lembrando fatos e histórias do Juazeiro e do Padre Cícero.

Desde sua chegada ao Juazeiro com a família, em 1926, por causa da pouca idade, Toinho nunca tivera oportunidade de ouvir conselhos do Patriarca do Nordeste, de pertinho. Com

exceção de uma única vez, quando levado pela mãe para pedir um remédio contra uma inflamação em sua coxa direita e um conselho sobre a dificuldade do aprendizado escolar para enfrentar a vida. Fora isso, mais nada. E no ano da morte do Padre Cícero, em 1934, Toinho tem apenas 13 anos, meninote de calça curta.

Entretanto, enquanto ao lado de sua mãe, diariamente por mais de 36 anos, desde Viçosa, em casa dela ou morando perto dela no Tabuleiro, até 1957, Toinho recebe e acumula ensinamentos transmitidos pelo “Santo do Juazeiro”. Do amanhecer, com as primeiras orações, ao anoitecer, horário costumeiramente preenchido por histórias sob o alpendre à luz de lamparina. Desde essa época usa o rosário da Mãe de Deus no pescoço por recomendação da mãe obedecendo ao Padre Cícero.

Durante 16 anos, de 1918 em Viçosa das Alagoas, até 1934 no Juazeiro do Cariri, Mocinha, sua mãe, tem o privilégio de contatos pessoais permanentes com Padre Cícero. Quando em Viçosa, pelo menos uma vez por ano. Quando no Juazeiro, por dois anos, pelo menos uma vez por mês. E morando no Tabuleiro, em São Pedro do Cariri, três ou quatro vezes por ano. Sempre para ouvir conselhos, pedir orientação e solicitar apoio. Questão de confiança, segurança, respeito, obediência, admiração, afetividade e fidelidade. E passa tudo isso para os filhos, principalmente seu querido Toinho.

Seus 36 anos de convivência diária com a mãe, ao longo de 86 de vida, proporcionam ao velho Toinho as mais significativas lembranças recuperadas durante longa conversa em família antes da Noite do Natal, ao final de 2007, na varanda-garagem de sua casa. É seu espaço preferido, onde aprecia ficar pensando, reservadamente, sobre as angústias, contradições, ambições e fraquezas humanas. E, quando

provocado, falando sobre os desvios morais, as inversões de valores, as vicissitudes e as transformações do mundo atual.

Em frente ao seu Fiat vermelho, usado uma vez por mês em viagem ao Tabuleiro, onde ainda mantém um pedaço de terra produtiva e os vínculos com o passado inesquecível, sentado em sua cadeira de descanso, ao lado de uma, do gato Tino, e de outra, vazia, simbolizando ausência e amplificando a saudade de Maria, e ainda com a presença silenciosa de Totó, ele repassa a vida. Serena e metodicamente, sempre repetindo alguma coisa que a mãe lhe dizia que o Padre Cícero dizia:

- Chegará o tempo em que os padres irão vestir roupa comum, que nem um homem particular, apenas de calça e camisa... Mais na frente, vocês vão ver o povo vestido com roupa extravagante, as mulheres de roupas brilhosas...

De vez em quando, faz uma pausa na conversa para dar um pouco de atenção ao gato e ao cãozinho de estimação, únicos companheiros na maior parte do seu dia, desde que há no lugar de Maria um vazio cheio de tristeza. Mas, para ele, seria mais dolorido do que a lembrança é o esquecimento dela, em seu coração insubstituível. Depois de atencioso afago em Tino e Totó, Toinho retoma a pregação do Padre Cícero, ditada pela mãe:

- No fim dos tempos, homens maus vão virar lobisomens e atacarão as casas, roubando tudo e matando... Dias vão chegar em que pais matarão filhos, filhos matarão pais e quase todo mundo achará isso comum...

Passados 86 anos de vida, praticando, diariamente, os ensinamentos do carismático Padre Cícero, retransmitidos pela mãe, o filho de Izídio e Mocinha chega à conclusão ser verdadeira

a admirável e decantada capacidade do “Santo do Juazeiro” de antever o futuro.

- Mãe dizia tanta coisa que ele dizia e todo mundo tá vendo acontecer o que ele dizia que ia acontecer. Ele dizia até que ia chegar o dia em que todo mundo ia ver, ao mesmo tempo, o que tava acontecendo do outro lado do mundo no instante em que tivesse acontecendo. Ninguém entendia o que ele queria dizer com isso. Mas né isso que a gente vê hoje na televisão?. Mas é tanta coisa que ele dizia, que agora tá acontecendo, que ninguém estranha mais... .

Desiludido com o Governo Lula da Silva, desde 2003 e já no final do primeiro ano do segundo mandato, por ter chocado e envergonhado o Brasil com tantos escândalos de corrupção, deixando quase 200 milhões de brasileiros sem a menor confiança nas autoridades e nos políticos, ao ponto de eleitores passarem a usar os mesmos artifícios de desonestidade dos eleitos, o oitentão observador Toinho externa seu próprio julgamento político e moral sobre a esquisitise da atualidade:

- Falta gente séria no comando da Nação. Quase não tem. Em tempos passados, os políticos eram respeitados. Agora são vistos como ladrões e o povo só falta bater neles no meio da rua... É uma revolta grande porque, como dizem, hoje, quando os políticos comem pouco, comem metade das verbas. E o povo fica sem nada...

Mais uma pausa na conversa. É o lanche com cajuína e bolachinhas salgadas, secas e apetitosas. Depois, volta-se para algo que lhe vem causando incômodo. Mostra a barriga da perna direita, dizendo que ela está um dia doendo mais, outro dia doendo menos, mas quase sempre dolorida. Contudo, o que mais lhe incomoda e lhe deixa irritado mesmo é a atitude

vergonhosa de autoridades governamentais e de políticos. Sua perplexidade não diminui o senso crítico:

- Ninguém do povo acredita mais nos políticos. Todo mundo diz que são enrolões e não cumprem a palavra. Mentem que só fio-duma-égua... Desgraça dos políticos é culpa deles mesmos. Da ladroagem. Por isso, para o povo, político virou coisa pra quem não tem vergonha...

Metafisicamente, em seu canto de solidão e saudade, faz reflexões sobre o cotidiano, dialogando com a realidade. Atento ao intenso movimento na rua de sua casa, reage com sorriso de censura ao ver passar alguma moça ou garotinha de saia curta e justa ou de short, blusinhas curtíssimas, mostrando muito abaixo do umbigo, quase à vista os pêlos da genitália. E balança a cabeça em sinal de desaprovação:

- Quem acabou com a vergonha das mulher foi essa moda de roupa com o bucho de fora. Elas não liga mais pra nada... Antigamente, as mulher estranhavam homens vestidos com camisa aberta no peito. Hoje, elas andam com os peitos de fora...

Orgulhoso por ter vivido quase 60 anos de um casamento feliz com Maria, aproveita para fazer comparações dos tempos passados com os atuais. Mesmo consciente da mudança de tudo, não deixa de estranhar os costumes e modos da atualidade:

- Muita mulher casa hoje, mas não se importa com o marido, como se não quisessem nada com ele. É uma situação esquisita... Casamento bom é um bom negócio pra toda a família. Dá gosto. Mas casamento ruim é um negócio ruim danado...

Severamente crítico em relação às mudanças para pior

na política e nos costumes, suas avaliações refletem muita preocupação também com a escalada da violência que aterroriza o País e com programas demagógicos do Governo, porque enganosos à população e ruins para o Brasil:

- Governo nenhum resolve mais os problemas do Brasil. A Nação cresceu demais. É gente demais pra comer. E nunca vai ter emprego pra tanta gente... Governo nenhum dá mais jeito na violência. Pode colocar até mil soldados numa favela. Não adianta, tem muito mais bandidos escondidos e armados até os dentes... Em tempos atrás, havia muito trabalhador. Hoje, com essa Bolsa-Família do Governo, ninguém quer mais trabalhar. Só quer ficar na vadiagem....

Católico praticante, desses de comparecer à igreja e assistir a missa todos os domingos, faça sol ou faça chuva, participar das festividades católicas e seguir fielmente o Evangelho, conforme os seus conhecimentos e os conselhos do Padre Cícero, Toinho, surpreendentemente, ao contrário de seus pais, de vibrante fé emocional, demonstra ser de fé racional. Como tal, observa mudança exagerada até mesmo na Igreja sempre considerada muito conservadora.

- Parece um castigo. Até os padres mudaram demais. Mudaram 80%!

Menos ruim para ele, sentindo-se privilegiado por ter convivido muitos anos com dois sacerdotes excepcionais: padre Vicente Alves Feitosa, enquanto vigário da Paróquia de São Pedro, em Caririaçu; e monsenhor Murilo de Sá Barreto (Fig. 29), enquanto vigário do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte. Em seu rigoroso julgamento, “dois padres de verdade”. Que honram a batina e merecem o respeito dos católicos.

Entretanto e infelizmente, segundo Toinho, o mundo já está tão exageradamente mudado que vai sem freio descendo a ladeira no caminho errado e perigoso, em direção ao abismo. Curiosamente, porém, ele não se diz escandalizado com nada dessa estranha e desorientada modernidade. Pelo contrário, demonstra-se convicto de que tudo isso faz parte das profecias, dos sinais dos tempos. Simplesmente porque sua mãe dizia que, muitos anos antes de sua morte, o clarividente Padre Cícero já dizia:

- Daqui pra frente, o mundo vai seguir o que diz a perua cantando: pió!, pió! pió!...

**“Governo
nenhum
resolve mais
os problemas
do Brasil.
A Nação
cresceu
demais”**

XX

DESTINO DO JUAZEIRO: CIDADE GLORIOSA

Quis o destino que assim fosse. Final de 2007. Manhã de céu aberto e temperatura agradável em Juazeiro do Norte depois de uma noite de chuva fina e refrescante. De cabelos brancos, quase noventa, 81 anos passados desde que deixou Viçosa das Alagoas, Toinho, convidado e persuadido, aproveita para fazer um programa que seria o predileto dos seus pais se estivessem vivos: visitar o Padre Cícero, eternizado na Colina do Horto, oito quilômetros do centro da cidade, em estátua de concreto de 27 metros de altura, a segunda maior do Brasil, depois do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, expressão do espírito e do sentimento do povo do Juazeiro. Um símbolo do Juazeiro que virou símbolo do Ceará para o mundo inteiro.

Cume da colina, mais de 500 metros de altitude, é um lugar histórico, sagrado, profano e mítico. Um lugar de transcendentalidade que estimula a imaginação, a reflexão e a contemplação. Além da estátua (Fig. 32), inaugurada em 1969, tem o



histórico Casarão do Padre Cícero com sua capela, usado por ele para descansar e passar dias em recolhimento e oração, o Museu Vivo do Padre Cícero, com figuras humanas em tamanho natural produzidas na França, e a moderna igreja do Coração de Jesus, em fase final de construção pelos Salesianos. É o resgate de uma promessa feita pelo Padre Cícero na apavorante

seca de 1889, não cumprida por proibição do Bispo do Ceará na época, dom Joaquim Vieira, algoz do Patriarca do Juazeiro.

Depois subir a colina, de carro, e visitar esses pontos referenciais do Padre Cícero, que recebem, diariamente, brasileiros de todas as regiões, do Norte ao Sul, Toinho prefere proteger-se do sol sob varandão de galeria do centro de artesanato, aos pés da estátua, observando tudo com visível prazer. Lá embaixo está Juazeiro, cantado pelo Brasil nas músicas de Luiz Gonzaga, o saudoso Rei do Baião. Bem à vista, inclusive, pés de juazeiro, que dão origem ao nome da cidade.

Em sossego no alto do Horto, num dia tranqüilo, de pouco movimento, sem o tumulto das multidões nas épocas de romarias, Toinho, parecendo mais um turista de classe econômica do que um romeiro, exhibe o seu tradicional estilo: de óculos de armação e lentes simples, sem qualquer luxo, calça, cinto, sapatos e meias em cor escura, também sem luxo mas combinando, camisa clara manga curta, por dentro da calça. Bem composto para a ocasião ou qualquer ocasião.

Com jeito de sertanejo urbanizado, porém mantendo a feição grave e geralmente triste do sertanejo de vida sofrida, Toinho carrega em sua mão esquerda, cuidadosamente dobradas, oito páginas de um jornal de Fortaleza, com documentário especial sobre a história do Padre Cícero e o progresso do Juazeiro. Dali, da Colina do Horto, que sugere uma plataforma para decolagens de ultra-leves e até um teleférico ligando cidade-morro, como o carioca bondinho do Pão de Açúcar, contempla bela vista panorâmica do Juazeiro, que domina como metrópole regional a paisagem do verde e exuberante Vale do Cariri. E faz curtos comentários sobre o que observa, seletivamente, à distância.

Embora conheça Fortaleza, Recife, São Paulo e Brasília, em viagens feitas para visitar parentes ou fazer algum negócio, Toinho não esconde que Juazeiro, fundado pelo Padre Cícero, é a sua cidade predileta. Está na sua vida desde a infância em Poçoão, nas Alagoas. E dali, do alto do Horto, como olhando para um telão, tem a imagem do Juazeiro quase primitivo gravada em sua memória sendo superposta pelas imagens do atual Juazeiro recortado por belos monumentos históricos e atrações de modernidade:



Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores, onde começa a história da cidade, com sua grandiosa Praça dos Romeiros e estacionamento para mil ônibus; Santuário do Coração de Jesus (*Fig. 33*) e sua vistosa abóboda metá-

lica, ao lado do tradicional Colégio Salesiano; Santuário de São Francisco, maior templo católico do interior do Nordeste, em estilo romano lombardo, e sua majestosa torre de 50 metros de altura; Estádio Romeirão, principal praça de futebol do interior do Ceará; Luzeiro do Nordeste, imponente torre metálica com 111 metros de altura, um farol para os romeiros nordestinos; Memorial Padre Cícero, que guarda inúmeros objetos e documentos pessoais dele; Praça Padre Cícero, com sua histórica Coluna da Hora; e Hotel Panorama, primeiro grande hotel do Juazeiro, com seus 10 andares de conforto e hospitalidade. Com exceção da antiga igreja de Nossa Senhora das Dores, cultuada como “Catedral do Nordeste”, tudo isso tem seu testemunho desde o surgimento. E agora, contemplativo, admirando Juazeiro, balbucia:

- Se mãe e pai vissem isso, nem iam acreditar... Está grande mesmo. Vixe Maria!

Que o Brasil e mundo vêm piorando há várias décadas, disso nenhuma dúvida tem o velho Toinho. Por suas observações pessoais em Fortaleza, Recife, São Paulo e Brasília, metrópoles cercadas por enormes cinturões de pobreza, miséria e violência, e por sua longa experiência de vida, tendo acompanhado a transformação do Brasil rural em Brasil urbano, ao longo do século XX, faz questão dizer que Governo nenhum dá mais jeito em nada porque *“a Nação cresceu demais”*.

Mas, ele também tem uma certeza: enquanto todo o mundo está piorando, Juazeiro do Padre Cícero, panorâmico ali da Colina do Horto, diante dos seus olhos, permanece sendo o melhor refúgio para os mais atribulados e os que desejam melhorar de vida nesse mundo cheio de perturbação. Por isso, avalia, muita gente do sertão e até de capitais do Nordeste já deixa de ir tentar a vida em São Paulo, megalópole de angustiados e desesperados. Exatamente como dizia sua mãe que o Padre Cícero dizia:

- Meus amiguinhos, São Paulo é um curral. O dinheiro que entra por uma mão sai pela outra e atacado de sofrimento quem foi pra lá nunca mais vê sua família. Chegará o tempo em que o cristão vai querer sair de lá, vai querer voltar pra sua terra e não vai poder. Aquilo é uma ilusão...

Como observador atento e atualizado, o velho Toinho registra, para os que lhe acompanham na visita ao Horto, que muitos dos que estão em situação difícil e penando em São Paulo, sem condições de voltar para sua terra, porque não têm dinheiro, apelam e conseguem apoio de televisões, inclusive passagens de avião. Coincidentemente, nesse momento, mais

um boeing 737, vindo de São Paulo e Brasília, surge sobrevoando Juazeiro, contornando a estátua do Padre Cícero, mostrada aos passageiros, na descida para o Aeroporto Regional do Cariri, orgulho da cidade.

É mais um dos vôos diários ligando Juazeiro ao Brasil inteiro. Entre os que chegam, alguns querendo conhecer a cidade para nova alternativa de vida e muitos voltando para ficar novamente junto às suas famílias. Enquanto fixa o olhar na trajetória do boeing, Toinho lembra outra coisa que sua mãe dizia que o Padre Cícero dizia:

- Tempos virão, meus amiguinhos, em que o Norte vai virar Sul, e o Sul vai virar Norte. Quando esse tempo chegar, em vez de vocês irem para lá, eles é que virão para cá.

Em sua modesta mas lúcida avaliação, Toinho comenta um detalhe considerado importante no desenvolvimento da cidade. Que, no Juazeiro, as pessoas trabalham, se divertem e rezam. Rezam muito. Crêem em Deus. Lutam com fé, esperança e perseverança. Rezam o Rosário da Mãe de Deus. E sentem a força e a proteção do Padre Cícero, presente tanto nas igrejas quanto nas casas residenciais e comerciais, nas ruas e nas praças da cidade. Para ele, isso explica o progresso permanente do Juazeiro, confirmado ali nas páginas do jornal que traz consigo.

“Minha mãe dizia que o meu Padim Ciço dizia que depois da morte dele é que o Juazeiro ia crescer, crescer muito. E é o que todo mundo tá vendo. Mesmo quem é daqui e passa um tempo fora quando volta fica espantado com tanta novidade. Sempre tem novidade no Juazeiro. Todo santo dia tem novidade no Juazeiro. Isso impressiona muita gente e muita gente acaba ficando aqui. Como a cidade cresceu muito, tá

muito grande, tem tudo que tem numa capital. Por isso, bem que o povo diz que Juazeiro é São Paulo em miniatura. De coisas boas e de coisas ruins. Mas aqui ainda tem muito mais coisas boas!”.

Sobra razão ao velho Toinho nessa sua observação de homem simples, porém inteligente e prático. Com quase 300 mil habitantes, Juazeiro prova ser mesmo o dínamo do Cariri e a maior expressão de progresso do interior do Ceará. Cresce de forma impressionante a partir de sua independência em 1911, já, então, o maior aglomerado urbano da região. É a cidade com maior desenvolvimento no Ceará. Progride em todos os sentidos. Prova disso Toinho tem ali no jornal que divulga a transformação de Juazeiro do Norte em apenas 40 anos, desde 1967, ganhando grande destaque nacional e até fama internacional (Fig. 29).

Para confirmar o que está falando, abre e mostra as páginas do jornal, onde está escrita, com todas as letras, inclusive letras de manchetes, a grandeza do Juazeiro: um dos 73 mesopólos econômicos do Brasil; terceiro maior pólo nacional da indústria de calçados, depois de Franca (São Paulo) e Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul); terceiro pólo de comercialização de ouro folheado do Brasil; sede nacional da Fábrica Singer, produzindo e exportando para mais de 120 países; maior centro comercial de motocicletas do Nordeste brasileiro; principal centro de ensino médio do Nordeste, superando, inclusive, todas as capitais; e maior centro universitário do interior do Ceará. Está tudo isso no jornal. Algo espantoso até mesmo para o velho Toinho, acostumado com o crescimento da cidade:

- “É muita coisa mesmo, de causar admiração!”

Conhecedor profundo do Juazeiro, desde quando o viu,

pela primeira vez, ainda pequeno em 1926, com pouco mais de 25 mil habitantes, talvez 30 mil, 10% da população em 2007, sente-se uma espécie de testemunha privilegiada da história. Uma testemunha ocular. Presenciara tudo. Ou quase tudo. Sobre essa fama de cidade progressista, adiciona mais um comentário:

“Agora tá todo mundo falando do estouro de vendas das Lojas Americanas no Juazeiro. Elas chagaro e se instalaro no Shopping Cariri que arrasta uma multidão de gente todos os dias. Foi um alvoroço. Dizem que só no primeiro dia vendero mais de R\$ 1 milhão. É muito dinheiro. Dizem que foi maior venda deles num só dia em todo o Brasil. Nem os donos da loja acreditaro. Só depois que contaro o apurado. Como a loja continuou e continua vendendo muito, resolvero botar outra na cidade. Pois, só vendo. Em menos de 30 dias, eles construíro e inauguraro uma loja bem grande, bonita e rica, na Praça Padre Cícero. Quem é do Juazeiro e tava viajando, quando voltou, depois de poucos dias fora, pensou que tava na cidade errada. Ficou sem acreditar. É assim no Juazeiro”.

Pelo entendimento do velho Toinho, essa grandeza do Juazeiro está conforme as previsões do Padre Cícero que sua fiel devota Maria Luiza de Souza, sabiamente, transmitira para o filho com absoluta segurança do que ia acontecer. Que, desde há muito tempo, ele repassa aos filhos e netos com a serenidade e o prazer pessoal de quem se considera participante na construção e na evolução da cidade mesmo na sua simplicidade de romeiro, retirante vindo das Alagoas.

Agora, cem anos depois da pena absurda imposta ao capelão do Juazeiro, vítima de sua própria Igreja, proibido de celebrar e administrar os sacramentos, Toinho verifica outra profecia se realizando. Relata o jornal que o papa Bento XVI, lá

na eterna Roma dos cristãos, da monumental Praça de São Pedro e dos impenetráveis gabinetes católicos do Vaticano, está cuidando, com todo carinho, da reabilitação do Padre Cícero. Parece mais próxima a beatificação dele, primeiro passo para canonização do Patriarca do Nordeste como santo para ser venerado e celebrado nos altares. Ressalva que o povo não tem necessidade disso, porém, mais uma vez, lembra o que dizia sua mãe reproduzindo o que Padre Cícero dizia:

- Quem vai fazer a minha defesa é a própria Igreja de Roma!

Sem ter qualquer previsão ou mesmo certeza de quando isso se tornará realidade, Toinho lança um olhar introspectivo sobre a cidade inteira aos seus pés, vista do Horto. Para ele, ali está o maior milagre do visionário e santo Padre Cícero e a razão de sua eleição, pela vontade do povo, como o grande Cearense do Século XX: a transformação de um lugarejo pobre de 1872, em tudo miserável, abandonado no pobre interior do Nordeste, preconceituosamente estigmatizado e rejeitado no seu próprio Ceará, absurdamente desprezado por seguidos Governos do seu próprio Estado até os dias atuais, na progressista “*Metrópole do Cariri*” e numa das 100 principais cidades do Brasil:

“Minha mãe dizia que o meu Padim Ciço dizia que Juazeiro é a cidade dos romeiros da Mãe de Deus. Aqueles que não são daqui, que são das Alagoas, da Paraíba, do Pernambuco, do Piauí, do Maranhão e de outros lugares da Nação, não deixam de visitar o Juazeiro. E quem fica no Juazeiro sempre encontra um jeito para melhorar de vida. Por isso, minha mãe dizia que o Padim Ciço dizia que Juazeiro é a Terra Prometida. Que vai crescer muito e ser admirada.. Que o destino do Juazeiro é a grandeza!

Dito isso, começam a bater os oito sinos do carrilhão na bonita torre do Santuário de São Francisco (*Fig. 34*), espalhando pela cidade as doze badaladas do meio-dia. Toinho confere seu relógio, dirige-se aos que lhe fazem companhia e pede para voltar



pra casa, como se tivesse algum compromisso agendado. Antes de deixar o centro turístico da colina, levanta os olhos em direção ao Padre Cícero na grande estátua branca e baixa a cabeça em sinal de reverência, respeito e agradecimento por tudo recebido na vida.

De volta ao centro da cidade, na descida da colina, ao longo do trajeto asfaltado e cheio de curvas, Toinho mantém-se quase o tempo todo em silêncio e observando a paisagem verde, predominante no Vale do Cariri, um verdadeiro oásis, incrível para quem no Sul só ouve e ver falar em Nordeste árido, áspero e seco. Faz apenas uma demonstração de prazer pela visita realizada e outra de ansiedade quanto ao horário, sem revelar justificativa. Solicita uma parada e é atendido para olhar melhor o Luzeiro do Nordeste e outra em frente à igreja de Nossa Senhora das Dores, sua preferida no Juazeiro, onde entra e faz, discretamente, rápida e silenciosa oração.

Quando chega em casa, já encontra *Tino* e *Totó* no portão da varanda-garagem, ambos balançando suavemente seus rabos em sinal de alegria. Toinho comenta que, pelas badaladas dos sinos de São Francisco, padroeiro dos animais, está mesmo na hora da refeição deles. E, providencialmente, vai pelo corredor até a área de serviço de sua casa, ao lado da cozinha, e sacia a fome dos seus estimados felino e cãozinho,

companheiros de cada dia inteiro. Compromisso agendado e cumprido.

Depois, lentamente, Toinho passa pelo seu quarto e volta à varanda-garagem trazendo uma velha pasta-arquivo de couro marrom, reservada para seus mais importantes documentos pessoais. Senta-se e dentro dela guarda, como antes, cuidadosamente dobradas e sob a proteção de plástico, as páginas do jornal sobre Padre Cícero e Juazeiro. Como uma relíquia em lugar seguro, quase um cofre, com senha de acesso exclusivo. E sem dizer uma única palavra, deixa transparecer, por suave sorriso dos olhos e dos lábios, satisfação e orgulho. Sentimentos que brotam discretamente, lá do seu íntimo mais profundo, de dentro do coração.

Satisfação, ali interpretada, pela reconstrução da memória sobre a saga da família Tenório e sua trajetória pessoal, desde Viçosa das Alagoas ao Juazeiro do Cariri, com ingredientes próprios de sugestivo romance da realidade. E orgulho, por ver documentada em jornal a história e o progresso do Juazeiro, decantado em verso e prosa como *Cidade que Mais Cresce no Ceará*, do jeito que gostaria de ter escrito se fosse jornalista ou escritor. Não é, mas o é seu filho, autor da série. Quis assim a força do destino.

Como prometido pelo determinado e perseverante Izídio Tenório de Souza, na partida de Alagoas para o Vale do Cariri, em 1926, a família não iria ficar rica no Juazeiro, mas sairia da pobreza de Viçosa e melhoraria de vida na Terra do Padre Cícero. Desse jeito o tempo cuida de realizar. Generosamente. Mais uma vez Tenório tem motivos, na família construída e na longa jornada vencida, sob influência, orientação e domínio do espírito cristão, para lembrar o lema de vida do seu querido e saudoso pai:

- *Tudo sem Deus é Nada. Nada com Deus é Tudo!*

Um lema que expressa muito bem o que sente Toinho ao fazer a redescoberta do tempo vivido e sua relação íntima com Juazeiro do Padre Cícero, cidade misteriosa e fascinante por congregar pobres e ricos sob a mesma bandeira de entusiasmo e amor pela Canaã do Cariri. Diante dele, na varanda-garagem, sob o vidro da porta traseira do seu carro, um pequeno cartaz-adesivo colorido com foto panorâmica e estrofe do Hino de Juazeiro do Norte, está proclamando:



*“Salve! Oh Cidade do Progresso
Aquela que mais cresce no Ceará
Juazeiro! Tu és parte do Universo
Teu sucesso na história ficar”.*
(Fig. 32)

Momentaneamente reflexivo, cabeça sinalizando afirmativamente ao hino ali exposto, plenamente recompensado pelos dramas de sua epopéia, humildemente agradecido pelas dádivas recebidas e confortavelmente realizado como devoto do Padre Cícero e romeiro da Mãe de Deus, o compenetrado oitentão Antonio Tenório, quase noventão, acaricia *Tino* e *Totó*, que lhe dão alento para viver.

E ainda com as imagens vivas do Juazeiro visto da Colina do Horto, em tudo surpreendente como próspera capital da Nação Romeira, faz o arremate final ditado por sua experiência, sua sensibilidade e seu coração, confirmando o que lhe vem na memória submissa ao passado mais submerso, desde a infância em Poção, desde os idos de 1926, desde a distante e pequena Viçosa das Alagoas:

- *Penso que, lá no alto do Horto, o Padim Ciço deve*

estar muito feliz em ver a crença dos romeiros e a grandeza de sua cidade. Fico até imaginando ele olhando e sorrindo para o povo, talvez até acenando com seu chapéu. Muito satisfeito. Tudo que ele pediu o povo tem feito de boa vontade. E tudo que ele prometeu é verdade. Como acreditava minha mãe, dizendo o que o Padim Ciço dizia, Juazeiro é uma terra abençoada, boa para quem quer viver direito, trabalhar e melhorar na vida. Como ele dizia, é a Terra da Promissão, o melhor lugar do mundo. E na história ficará. Vai mesmo. É verdade!!!

Desde Izidio, que visitou Juazeiro pela primeira vez em 1911, quando a cidade ainda festejava conquista da Independência, sua família mantém quase 100 anos de absoluta fidelidade ao Padre Cícero. Como milhões de outros nordestinos e brasileiros, antes e depois de Izídio, que têm o coração batendo em ritmo de devoção e glória ao Juazeiro. Nenhuma outra cidade do Nordeste é tão querida e amada pelos sertanejos nordestinos quanto Juazeiro do Norte, no verde Vale do Cariri. Onde pulsa o coração do Nordeste brasileiro, Juazeiro é a cidade glória do Padre Cícero que é a glória da cidade no mundo inteiro. Assim se fez, assim se faz e assim se perpetuará Juazeiro, Cidade Gloriosa da Nação Romeira.

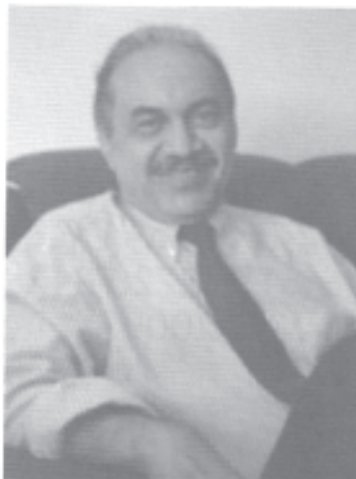
PERSONAGENS REAIS

Filho de Izídio Tenório de Souza, agricultor e viajante tropeiro (*Fig. 36*), e Maria Luiza de Souza, doméstica, Antonio Tenório de Souza nasceu no Sítio Poção, em Mata de Alagoas, Viçosa, Zona da de 1921. Aos em 22 de maio de 1926, retirou-se cinco anos, em de Alagoas com a família para morar no Juazeiro do Norte, Ceará, Terra do Padre Cícero. Por questão de saúde do seu pai, morou de 1928 a 1930 em São Pedro do Cariri, hoje Caririaçu, vizinho ao Juazeiro. Com a morte do pai em 1932, foi residir com a mãe no Sítio Tabuleiro, zona rural de São Pedro. Pela inexistência de escola pública e pela pobreza da família, teve somente 15 dias de ensino formal com um professor itinerante. Muito inteligente, porém, aprendeu rápido o suficiente, em leitura e escrita, para resolver os seus problemas na vida. Em 1948, aos 27 anos, casou com Maria Siebra de Lima, 18 anos, filha de José Unias de Lima, agricultor e comerciante, e Vicência Siebra de Lima, residentes em Caririaçu. Com Maria, professora primária, doméstica, trabalhadora e responsável, mãe e esposa dedicada e caprichosa, teve 13 filhos. Mas como viviam em área rural, sem qualquer assistência médica ou sem recursos sanitários, apenas sete sobreviveram: Alcides, Lima, Taquinha, Vicência, Tenório, Souza e Cícero. Em 1958, voltou a morar em Caririaçu, fazendo com o sogro, Zé Unias, sociedade comercial que durou 35 anos. Durante sua vida sempre foi agricultor e comerciante. Dono de roçados e de bodega no Tabuleiro. Dono de roçados, mercearia e posto de gasolina em



Caririaçu. Desde 1973, já aposentado, mas sem deixar de ajudar o sogro na Serra de São Pedro, fixou residência, definitivamente, na rua São Francisco, bairro de São Miguel, no Juazeiro do Padre Cícero. Durante 32 anos, aí dividiu suas lembranças, alegrias, tristezas e emoções da vida com a querida esposa, Maria Siebra, até 2005 quando ela morreu. Eis um resumo das virtudes superlativas de Antonio Tenório de Souza, homem pacato de pouco saber mas de muita sabedoria: naturalmente simples, extremamente trabalhador, profundamente religioso, austeramente honesto, generosamente solidário, admiravelmente inteligente e aguçadamente prático. Um exemplo de vida. Ah, sim, Charote, também é personagem real, exemplo de cão herói, insuperável em fidelidade, melhor amigo do homem.

JOTA ALCIDES é Pós-graduado pela Universidade de Brasília em Gestão de Tecnologia da Informação. Fez Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, Especializado em jornalismo impresso, radiojornalismo e telejornalismo. Ocupou funções importantes na imprensa de Pernambuco. Foi redator do Diário de Pernambuco, noticiarista do Rádio Clube de Pernambuco, editor da Rádio Capibaribe do Recife, editor-executivo da TV Jornal do Comércio, Rede Globo de Nordeste e Redação do Comércio do Brasil. Brasília, comunicação Ministério da Cultura ministro e Eduardo secretário de Radiobrás e editor-chefe da Televisão no diretor de Jornal do um dos principais Desde 1979 em foichefe de social do Educação e (Gestão do acadêmico Portella), editor e Redação da editor-chefe do Correio Braziliense, um dos maiores e mais influentes jornais brasileiros. Em 2001, fundou em Brasília o seminário de opinião Fatorama, primeiro jornal fast-news do Brasil, do que é diretor-geral. Começou sua carreira em Juazeiro e na Tribuna de Juazeiro. É membro da Associação Brasileira de Imprensa e da União Brasileira de Escritores. Este é o seu décimo primeiro livro **Juazeiro - CIDADE GLORIOSA**, comemorando 40 anos de jornalismo





Fatorama
Brasília - DF
(61) 3272-7242
2009